Lima, David Martins de.

A companha dos cuamatos, contada por um soldado expedicionario.

A CAMPANHA DOS CUAMATOS

LIVRARIA FERREIRA-EDITORA - RUA AUREA - 132 A 138 - LISBOA

A CAMPANHA DOS CUAMATOS

David Martins de Lima
(Cavalleiro da Torre e Espada)

David Martins de Lima

A campanha dos cuamatos

Contada por um soldado expedicionario

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA, Editora
132, Rua do Ouro, 138

Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial
27, Praça dos Restauradores, 27

1908

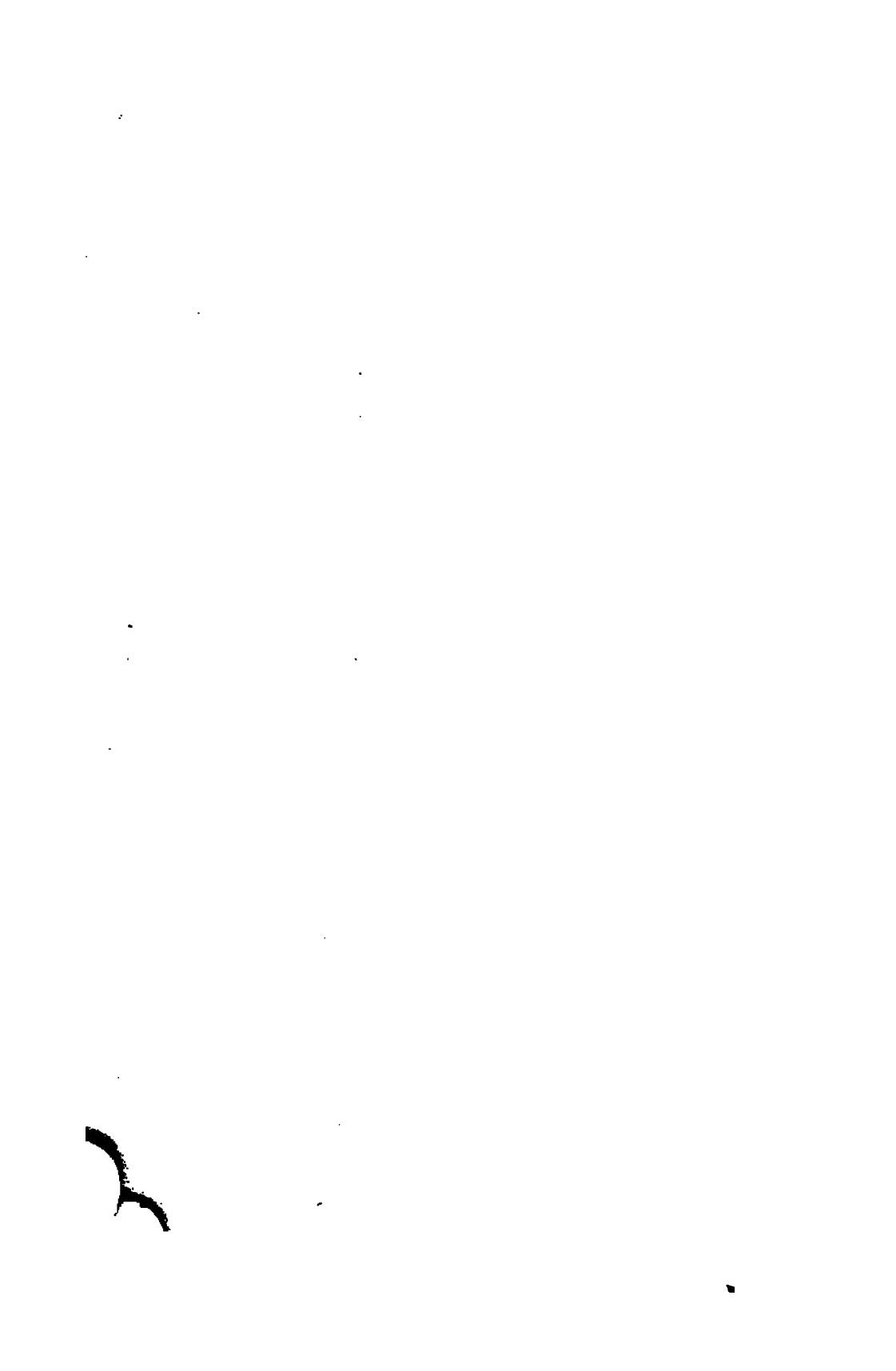
Aos meus camaradas do exercito de terra e mar que commigo entraram na

Campanha dos cuamatos

dedico este humilde trabalho, como prova de boa e leal camaradagem.

Lisboa — Janeiro de 1908

David Martins de Lima
Soldado de infanteria n.º 12

A CAMPANHA DOS CUAMATOS

David Martins de Lima
(Cavalleiro da Torre e Espada)

David Martins de Lima

A campanha dos cuamatos

Contada por um soldado expedicionario

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA, Editora
132, Rua do Ouro, 138

Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial
27, Praça dos Restauradores, 27
1908

Aos leitores

Aos que lerem o meu livro peço me relevem o atrevimento e a falta de competencia para descrever uma campanha que fica registada com lettras de oiro na historia portugueza.

Durante ella, tive o cuidado de organisar o meu diario, onde registei o que se passava, e ouvia aos meus superiores. Alguem me lembrou que publicasse um livro com esses apontamentos: assim fiz, dedicando-o aos meus camaradas.

Aos meus camaradas do exercito de terra e mar
que commigo entraram na

Campanha dos cuamatos

dedico este humilde trabalho, como prova
de boa e leal camaradagem.

Lisboa — Janeiro de 1908

David Martins de Lima
Soldado de Infanteria n.º 12

Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Capitão José Augusto Alves Roçadas

Commandante da columna de operações aos cuamatos

Meu heroico e bravo commandante:

Desculpe-me se fui indiscreto, dando a publico esta humilde resenha dos feitos praticados por toda a columna, tão habilmente commandada e dirigida por V. Ex.ª Desejaria dar o devido relevo a tantos actos de abnegação, coragem e valor que V. Ex.ª tão bem inspirou a todos, mas não tenho a sufficiente illustração para o fazer.

I

Antes das operações

Antes de narrar as operações, vou dizer, de passagem, algumas palavras sobre a situação dos povos de Além-Cunene e dos cuamatos, e sobre a maneira como se tentou batel-os.

Esta raça, assim como os cuanhamas, evales e quambis, occupa a chamada região Ovampa, e formam tribus que só viviam da pilhagem e de caça grossa. A bandeira portugueza, symbolo da nossa querida Patria, não tinha ainda ali chegado. Na época secca, isto é, nos mezes de junho a outubro, invadiam armados de espingardas Kropatchek, Martini e Mauser, todas as regiões avassalladas por nós, até ás portas de Caconda, n'uma extensão muito superior a 200 kilometros, razziando tudo, roubando mulheres, gados e o que lhes era util. Como estes povos fossem muito aguerridos, e mais valentes que os vá-

tuas da Costa Oriental, os outros tinham-lhes mêdo, não se lhes oppondo nunca á pilhagem e fugiam espavoridos a queixar-se ás auctoridades portuguezas. Em 1891 o major sr. Padrel, hoje coronel das nossas forças ultramarinas, tentou, com um pequeno nucleo de soldados e auxiliares de Huilla, entrar n'aquellas insubmissas regiões, porém não o conseguiu, não obstante n'essa época não haver lá, como nos ultimos tempos, espingardas aperfeiçoadas.

Desde então, as incursões succediam-se cada vez mais amiudadas, sem o menor respeito pelas nossas auctoridades. Pensou-se em bater tão atrevidos guerreiros, mas precisava-se, para isso, de organisar uma grande expedição, em que entrassem elementos vindos do continente, o que não só custaria muito dispendio, mas teria trabalhos penosissimos, porquanto de Mossamedes ao Cunene e d'alli ao interior da região, a marcha chegaria á extensão de 500 kilometros, sem fallarmos nas operações de guerra.

Veiu depois a rebellião do Humbe, região mais proxima da Ovampa, e deu logar á campanha de 1898, a qual mostrou que a raça ovampa possuia armamento da Europa do mais aperfeiçoado, fornecido pelo commercio, (funantes), e o d'outros povos da Africa do Sul.

Succedia pois que os commerciantes respei-

tavam os cuanhamas, como nós respeitamos o nosso soberano, e todos quantos passavam na terra d'estes, presenteavam o soba com objectos de fino luxo, e para lá entrarem precisavam de ser conhecidos de confiança e obter prévia licença.

Isto pelo que respeitava aos commerciantes, pois que os representantes do governo nem sequer eram recebidos.

Para fazer frente ás incursões, collocaram-se postos militares no rio Cunene, até ao Cubango, nos sitios da passagem dos invasores, mas a vigilancia d'esses postos era illudida e a pilhagem continuava na mesma.

O desastre de 1904

Resolveu-se em 1904 bater as hostes insubmissas, occupando-lhes a região e pondo termo ás razzias. Para este fim o sr. governador do districto da Huilla, sr. capitão João Maria d'Aguiar, organisou uma columna, conforme ainda está na memoria de todos.

Concentradas no Lubango as forças da provincia, julgadas n'aquella época sufficientes para a campanha, seguiram em agosto d'aquelle anno para o Humbe, e d'alli para o Cunene, fazendo a marcha sem novidade alguma na primeira quinzena de setembro, e indo bivacar no alto do Pem-

be. Mas emquanto se procedia á organisação da columna, os negros espionavam de perto os seus trabalhos, tendo conseguido que alguns dos espiões fossem admittidos como carregadores em Mossamedes, serviço que abandonaram logo que a columna bivacou em terras do Cuamato, por onde se principiariam as operações.

A columna foi a principio atacada no bivaque com fogo intermittente durante o dia, e depois tambem a altas horas da noite, porque a tactica do inimigo tinha em vista causar-nos o desperdicio de munições, fazendo por cada tiro que disparassem com que dessemos uma descarga cerrada, e não deixarem repousar a columna. Aborrecidos por não verem as forças sahirem d'alli, limitaram-se, ao cabo de alguns dias, á espionagem. Os nossos, no entretanto, iam planeando o avanço, luctando com sérias difficuldades, por não encontrarem um guia que lhes indicasse o verdadeiro caminho da região, e não tendo as mais leves informações da topographia do terreno.

Marchou-se para uma terra desconhecida, onde nenhum portuguez tinha entrado ainda, a não ser pelo territorio allemão, o Damereland, ou pelo Cabo, regiões que communicam com todo o sul da nossa Africa Occidental. Tendo-se conseguido um guia no Humbe, sahiu no dia 23 uma parte das forças em forma de destacamento, a fazer um

reconhecimento nos arredores do bivaque, e percorreu alguns kilometros sem avistar o inimigo. O sr. governador Aguiar acompanhava o destacamento, e mandou queimar todas as palhotas que se encontraram. Em 25, sahiu do bivaque novo destacamento sob o commando do sr. capitão de artilheria Pinto d'Almeida. Quem diria que seria tragico o reconhecimento, e que horas depois estaria tudo trucidado!

Contava-se com o heroismo do nosso soldado, sempre audaz em frente do inimigo, mas esta heroicidade foi inefficaz, porque o inimigo possuia forças superiores ás nossas, e além d'isso parecia que tudo nos devia correr mal. Até as proprias granadas das duas peças do destacamento, eram de calibre improprio, como se vae ver.

O destacamento sahiu ás 8 horas da manhã, e razziou, como o anterior, todas as proximidades do vau do Pembe, internando-se no matto uns seis ou oito kilometros. Era este muito fechado, dando logar á marcha ser feita com certa difficuldade. A's nove e meia, as forças entraram n'uma *chana* ou clareira grande cercada de matto e de arvores dispersas. Junto d'uma arvore, aqueciam-se a uma pequena fogueira dois espiões. Um sr. official avançou para os capturar, mas os espiões feriram-n'o com uma azagaia, tendo antes

soltado altos berros, signal que indicava que as nossas forças estavam á vista, e dado para a onda de negros escondida no matto. Dão-se alguns tiros sobre os espiões, mas estes conseguem fugir a salvo. Em seguida ouviu-se o buziar da onda emboscada, seguindo-se um tiroteio envolvente. O destacamento formou quadrado com as peças em dois angulos, e deu alguns tiros sobre o inimigo. O pelotão de cavallaria foi bater toda a orla da chana, mas vendo-se impotente para conter o inimigo, desestiu d'aquelle serviço, e a onda dos negros cada vez se enfurecia mais, tendo-se já mudado o quadrado em differentes direcções.

Põe-se de parte a artilheria, porque aos primeiros tiros reconheceu-se que os projecteis eram de calibre differente do das peças. Havia já algumas baixas, incluido o commandante, que estava ferido.

Resolveu-se retirar para a orla, proseguindo d'alli na defensiva, em direcção ao bivaque. Momentos depois de chegarem á orla, escasseavam as munições, pois que, com geral espanto, os nossos camaradas não levavam o municiamento determinado. Apesar d'isto ninguem queria retirer, mas a avalanche negra, julgando-se senhora da situação, cada vez avançava mais. Os nossos retiram um pouco para a outra chana, mas as

munições acabavam de todo. Ao mesmo tempo deu-se um grande numero de baixas.

Então a companhia do Batalhão Disciplinar, de bayoneta armada, avança para a onda, fazendo-o tão desastradamente, que a maior parte dos homens fica em poder do inimigo, chocando-se com elle corpo a corpo. Ninguem lhes acudia, porque do resto das forças apenas um ou outro tinha algum cartucho. Só se podia contar com o soccorro do bivaque, mas este parecia immovel. Estava tudo irremediavelmente perdido. O mallogrado segundo tenente Roby pede uma espada a um soldado de cavallaria, e ouvindo-se a voz de «salve-se quem puder», de espada em punho internou-se no matto, chacinando a torto e a direito e não tornando a ser visto.

Alguns mais audazes acompanham-no n'essa gloriosa aventura, e desapparecem tambem. Desfeito o quadrado, o resto das forças, assim tresmalhadas, retirou em carreira desordenada, accossadas de perto pelos pretos, sendo ainda alguns mortos n'essa vertiginosa carreira. Proximo do bivaque internaram-se no matto em differentes direcções. Alli, já se conhecia a triste nova, confundindo-a, porém, os nossos, a principio, com uma grande victoria. Ignorando-se que os que tinham escapado da chacina estavam perto ou confundindo-os com os negros, fizeram para lá

dois tiros de peça, acabando assim por matar muito dos desbaratados. Escaparam poucos, que, interrogados, declararam não saber como tinham sahido salvos da hecatombe. Reconhecido isto na columna, avança para o matto a Companhia Europêa, no intuito de proteger ainda a retirada. Era já tarde! Estava tudo acabado. O que se fez apenas foi despojarem do armamento alguns dos mortos, os proprios companheiros de armas. Nada mais.

Ordenou-se então a retirada das forças do bivaque para o Humbe, o que se effectuou apressadamente, e, para a proteger, a artilharia canhoneou todo o alto do Pembe, para impedir o inimigo de se approximar. Este ainda planeou um ataque á fortaleza do Humbe, mas talvez em respeito á região, desistiu d'esse intento. As nossas forças permaneceram alli alguns dias, porque a rebellião tinha tendencias na região avassallada, e retiraram depois para as suas anteriores situações. Succumbiram 16 officiaes, 200 e tantas praças de pret europêas, e muitos indigenas, e perdeu-se muito armamento, incluidas as duas peças, que ficaram em poder do inimigo. Um horror!

Este acontecimento ainda memorado manchou por completo a nossa honra, como nação victoriosa em todas as campanhas coloniaes, e os nossos brios militares.

As ossadas da chacina de 1904, conduzidas para o Forte Roçadas, depois da missa campal

Intenta-se a desaffronta

Por toda a parte se reclamava a desaffronta, mas a época não permittia novas operações. No emtanto imcumbiu o governo ao fallecido tenente-coronel sr. Eduardo Costa (n'essa occasião major), a organisação d'uma expedição, que embarcaria do Continente na primavera. Tudo isso, porém, ficou em projecto. No anno seguinte, fins de 1905, foi o sr. coronel Souza Machado incumbido de organisar nova expedição, que, com o mesmo plano da primeira, seguiria para Angola, na primavera immediata.

Concentraram-se às forças nas escolas praticas e na guarnição de Lisboa, para effeitos de instrucção. O material e os viveres reuniram-se na Huilla e em Mossamedes. A partida do troço expedicionario estava marcada para o dia 1 de abril de 1906, mas na segunda quinzena de março houve mudança de governo, e lá se desorganisou a expedição, ao cabo de tanto trabalho e das despesas feitas, e os cuamatos ficaram sem o devido correctivo! Emquanto eram organisadas e desorganisadas estas expedições, a aguerrida pretalhada continuava as suas proezas com todo o desprezo pela nossa soberania, porque a hecatombe de 1904 dera-lhe a força sufficiente para poder redobrar a sua furia. Os postos en-

carregados da vigilancia do Cunene, contra os rebeldes eram impotentes para conter as guerrilhas e sustentarem rijos ataques. A rebellião dava que fazer ás nossas auctoridades do Humbe, por ser esta a região mais proxima do Cuamato, e o foco da sua espionagem. As suas tribus ligam-se por parentesco com todas as outras até á Chibia, de sorte que a rebellião alastrava até á Huilla, dando um trabalhão ás auctoridades portuguezas. As regiões avassalladas tinham tanto respeito pelos cuamatos (ou cuamatui,—que é este o verdadeiro termo) que só de lhes ouvirem o nome, ficavam aterrorisados. Diziam: *maneputo (governo) é valente com todo o preto, menos com o cuamato. Este é impossivel de vencer!*»

A Chibia dista do Humbe doze dias de viagem. Pois a rebellião chegava até alli, e se não fossem as acertadas medidas do capitão sr. Francelino Pimentel, que impoz a sua auctoridade e inspirou sympathia aos sobêtas da localidade e seus arredores, teriamos tido talvez de registar casos de muita gravidade.

A columna de operações de 1907

Alguma coisa se aproveitara da expedição de 1905 a 1906: com elementos do seu material e viveres, e com outros novamente adquiridos, organisou o capitão sr. Alves Roçadas uma columna de operações, com o objectivo de bater os cuamatos ou fazer um forte nas terras d'estes, que os obrigasse a manterem-se n'uma certa linha de respeito pela nossa soberania. Aquelle official, tendo assumido o governo do districto de Huilla no anno seguinte ao do morticinio, n'uma das conjuncturas mais difficeis, e quando todos os animos se achavam exaltados, apenas com dois mezes de governo, bateu e reduziu á obediencia d'uma fórma brilhante os *Mulondos*, tendo sido morto, no ataque á embala, o soba Hangalo. Esta região apezar de ser aquém do Cunene, conservava-se insubmissa, e tinham contra nós os seus habitantes o mesmo rancor que os cuamatos, de quem até eram alliados.

A columna de 1906 que penetrou no Cuamato sob o commando d'aquelle sr. official, era constituida por forças da provincia de Angola, com a 2.ª Companhia Europêa, as 17.ª e 18.ª indigenas, e o 1.º esquadrão de Drãgões, unidades organisadas n'aquelle anno, para augmentarem a guar-

nição de Angola e do districto da Huilla. Sahiu do Lubango em agosto, e nos primeiros dias de setembro chegava ao Cunene, passando este rio a vau as primeiras forças, que se despiram para tal fim, e juntas com um grande grupo de auxiliares, foram occupar o alto Encombe. Passou em seguida toda a columna, em jangadas feitas de improviso, e em barcos de lôna. Estabeleceu bivaque no já referido alto de Encombe rodeado d'uma grande matta de espinheiros. Tres dias depois, assentou-se na construcção d'um forte, que serviria de base de operações. Internando-se os auxiliares no matto, sustentaram rija peleja com o inimigo, lucta em que já se tinham envolvido as forças, pois que o bivaque era todos os dias atacado.

Construiu-se o forte com saccos cheios de terra. Todas as praças iam munidos com o seu. A pedido dos officiaes e em homenagem ao nosso commandante, o forte recebêu o nome de Roçadas. A matta de espinheiros, foi desobstruida n'uma grande extensão, para haver bom campo de tiro. A guarnição do forte ficou composta das seguintes unidades: 2.ª Companhia Europêa, 15.ª e 17.ª, indigenas de infanteria, 1.º Esquadrão de Dragões, e quatro boccas de fogo.

Os cuamatos, quando viram a construcção do forte e içar o pendão das quinas, atacaram as

forças mais amiudadas vezes, sendo sempre varridos. Nenhum dos varios reconhecimentos que se tinham feito, n'aquellas proximidades, deu resultado porque o matto era muito fechado. Esteve prestes a cahir em poder do inimigo, n'um d'estes reconhecimentos, o 1.º esquadrão de Dragões.

Depois de construido o forte, e de prompto para a defeza, foi visitado pelo governador geral da Provincia, o major sr. Eduardo Costa. Aquelle official foi de opinião, que não deviam proseguir as operações, não só pelo adeantado da estação, como pelo diminuto numero das forças. Resolveu-se que só proseguissem no anno seguinte. No emtanto a jornada ao alto Encombe, na margem do Cunene, foi já um grande feito, e augmentou bastante o nosso prestigio.

Logo a seguir, os sobas do Cuanhama e Evale mandaram uma embaixada, pedindo que o governo lhes mandasse construir um forte n'aquellas regiões. O fim das embaixadas não era o que se dizia, mas sim vêr se realmente proseguiamos nas operações, e o estado em que estas se achavam, porque uma missão composta do chefe do estado maior da Provincia e da columna, sr. capitão João d'Almeida e de um official subalterno, acompanhados de quatro ordenanças, tendo ido

áquellas regiões estudar o terreno, e ver as condições em que deveriam fazer-se os fortes, não foi muito bem recebida, por quanto os cuanhamas não queriam o forte senão com diminuta força. Teve a missão de usar de toda a diplomacia para conseguir que o soba Nande lhe satisfizesse umas limitadas pretenções. Ainda assim obteve a promessa de elles se não colligarem com os cuamatos, promessa falsa, porque na campanha de 1907, lá se apresentaram a auxilial-os 11 lengas com a sua gente. No Evale nem esta falsa promessa obteve a missão, porque não chegou a ser recebida.

Quando entrou na região, estava esta abandonada, e os habitantes reunidos na emballa do soba Cavamguelua, para a receberem a tiro.

Retirou apressadamente, por nada poder fazer, e as suas vidas perigarem.

Aquelles officiaes realisaram a empreza mais arrojada, que nos ultimos tempos se tem feito em Africa.

Em novembro, as forças que não ficavam de guarnição no forte, retiraram ás anteriores situações. Os que lá ficavam eram todas as noites visitados a altas horas, visitas a que todos já se acostumavam, deixando de lhes ligar importancia. A época era muita doentia, succedendo-se as baixas constantemente, complicadas ainda com o

enorme trabalho da construcção de barracões e baluartes de defeza.

O rancor contra o forte augmentava cada vez mais, e nos dias 15 e 18 de fevereiro de 1907, foi este atacado valentemente, conjugando-se para o ataque todas as tribus, e tendo a audacia de entrarem dentro d'uma das rêdes de arame, e levarem umas ferramentas dos sapadores. Sahiu-lhes ao encontro um pelotão de indigenas, que os poz em debandada. Os ataques eram envolventes, mas as nossas forças oppuzeram-se bem ao inimigo, fazendo-lhes pagar caro o atrevimento.

Perdendo a esperança de se apoderarem do forte, limitaram-se a espionarem os arredores.

Não se descurava, porém, do proseguimento das operações com o fim de se occupar a região Ovampa.

Em março veiu ao reino o sr. Alves Roçadas, e, sendo ministro da guerra e da marinha os ex.mos srs. conselheiros Vasconcellos Porto e Ayres d'Ornellas, assentou-se na organisação d'uma columna de tropas para bater os cuamatos, incumbindo-se de novo essa espinhosa missão áquelle sr. official.

II

A columna de operações em 1907

Para chefe do estado maior, foi escolhido o capitão do serviço do estado maior sr. Eduardo Augusto Marques, que tinha exercido o mesmo logar na columna do Mulondo, e desempenhado differentes commissões de serviço, com um zelo e intelligencia dignos de especial menção, captivando pela sua affabilidade, criterio e modestia a sympathia de todos os que serviram debaixo das suas ordens. O resto do quartel general completou-se no Lubango, com outros senhores officiaes. Além das unidades da provincia, de que mais adeante farei menção, deveriam constituir a columna, uma companhia de marinha, outra do regimento d'infanteria n.º 12, e quarenta e duas praças de artilharia. Para a organisação d'estes contingentes, foi feito convite, a todos os corpos e á Armada, preenchendo-se os quadros immedia-

tamente, tal era a vontade que todos tinham de vingar o morticinio dos nossos irmãos de armas.

O quartel general, os officiaes, e as praças de artilharia embarcaram para Angola no dia 1 de maio, e desembarcaram em Mossamedes, seguindo pouco depois para o Lubango, séde do governo do districto de Huilla.

Desenvolveu-se alli um trabalho insano, quer no quartel general, quer na artilheria, sendo preciso muita bôa vontade para fazer frente ás grandes difficuldades, que appareciam a cada momento. Alli se organisaram as duas baterias Canet e Ehradt com as praças expedicionarias e com as de commissão, unidades que tão brilhante papel desempenharam na campanha.

Commandavam-nas o tenente almoxarife sr. Gonçalves e o tenente do grupo n.º 2, Esteves. O primeiro d'estes é já um veterano de campanhas de Angola e da Guiné. Aquelles senhores officiaes ministraram ás praças das baterias uma assidua instrucção, emquanto no reino se procedia de egual fórma, com as duas companhias de marinha e do 12, que só em junho seguiram para a Huilla.

Este regimento para organisar a companhia expedicionaria, apenas deu os que se offereceram voluntariamente e que foram 3 officiaes, 3 sargentos, 1 cabo, 5 soldados e 4 corneteiros. O res-

Capitão Francelino Pimentel

Ex-chefe do concelho da Huilla, commandante da companhia expedicionaria de infanteria n.º 12.

tante effectivo foi constituido pelos voluntarios de todos os corpos, entrando eu n'esse numero, pois era de infanteria n.º 18. Cheguei á Guarda no dia 13 de abril, encontrando já muitos dos meus camaradas, que como eu se tinham offerecido e que haviam chegado no dia anterior. No dia immediato apresentaram-se os restantes, e ficou definitivamente constituida a companhia. O quadro estava completo. Ainda ficaram de reserva vinte e seis praças. Pouco tempo alli permanecemos. Distribuiram-nos o armamento, e indicaram-nos o numero de ordem na 1.ª companhia do 1.º batalhão.

Em 16 marchava um contingente para a Escola Pratica de Infanteria em Mafra, seguiram-se novos contingentes, até que em 24 estava toda a companhia concentrada, para receber a instrucção, que todos careciamos, para a ardua campanha. Commandava-a interinamente um distincto militar da Guarda, o sr. tenente Figueiredo, e só em 22 conhecemos o nosso commandante o sr. capitão Francelino Pimentel, que assumiu immediatamente o commando, para o que tinha partido de Lisboa no dia 21, por ordem do Ministerio da Guerra. A instrucção ministrada foi tactica, tiro ao alvo, serviço de campanha, e principios de hygienie a adoptar nas colonias.

Apesar da boa vontade que todos tinham em

se bater, faltava o melhor—a instrucção. Quasi todos desconheciam a vida de campanha, e o serviço nas colonias; apenas uma meia duzia conheciam mais de perto essa vida; os outros eram inexperientes no serviço, tendo apenas seis mezes de alistamento, porque os mais antigos haviam estado desviados em impedimentos. Julgo que não laboro em erro dizendo que pareciamos meios recrutas. Além d'isso só nos conheciamos como militares, pois que eram uns tantos de cada provincia e de cada corpo. Aos mais ingenuos ouvia a cada passo exclamar «não foi esta a instrucção que aprendi no meu regimento». Por aqui se póde avaliar a inexperiencia do serviço. Ignoravam tudo.

Foi na Escola Pratica, e depois na grande étape da Chibia, que completámos o nosso largo *tirocinio,* que tão bons resultados deu, vendo os nossos chefes coroados de bom exito todo o insano trabalho que lhes démos.

Quando entrámos em campanha, já não pareciamos os mesmos homens collocados pouco tempo antes no 12, e só assim pudémos cumprir a espinhosa missão, para que nos tinhamos offerecido. No dia 22 de maio estava a companhia instruida, e fardada com o seu uniforme de campanha: dois fatos de cutim, um chapeu de feltro, dois pares de botas e duas camisolas de lã.

Sua Magestade El-Rei D. Carlos foi n'esse dia a Mafra passar-lhe revista, acompanhado por S. Ex.ª o ministro da guerra, conselheiro Vasconcellos Porto. A revista foi no largo fronteiro ao convento e á real tapada, e em presença d'aquellas entidades, officialidade da Escola e muito povo. Depois d'ella, manobrou a companhia á voz do seu commandante, em exercicio tactico, terminando por um simulacro de ataque, e retirando em seguida para o quartel, em marcha de continencia. Elogiou muito Sua Magestade o nosso aprumo e correcção de movimentos. Permanecemos alli até 28 d'esse mez, em que foi mandada a companhia para Lisboa, indo alojar-se em infanteria 2, ás Janellas Verdes, tendo partido dois dias antes a secção de quarteis.

Ao nosso embarque, na estação de Mafra, compareceram muitos dos senhores officiaes em serviço na Escola Pratica de Infanteria. As saudades dos que ficavam... pelos que partiam.

A demora em Lisboa foi curta, tres dias apenas, aproveitando-se este diminuto espaço para pôr em ordem os diversos materiaes e reservas de fardamento, que nos deviam acompanhar, e para transportal-os para bordo.

Embarque para Angola

No dia 31, ás 8 horas da manhã, compareceu no quartel das Janellas Verdes o ex.^{mo} ministro da guerra, acompanhado dos seus ajudantes e do director geral d'aquelle ministerio, o sr. general Galhardo para nos passar revista de embarque. A companhia formou na parada em ordem de marcha, sem espingardas, porque estas já estavam encaixotadas. Em seguida fizeram-se os ultimos preparativos de jornada, comprando-se roupas brancas aos vendilhões que rodeiam o quartel, e carregando-se para as galeras da administração militar os ultimos volumes.

No dia 1 de junho, ás 8 $^1/_2$ da manhã, em seguida á distribuição d'uma ração fria, formou a companhia na parada do quartel. Ninguem faltou á formatura, apesar de ser a ultima que alli tinhamos. A officialidade do regimento, agglomerava-se nos claustros, para assistir á nossa sahida. O nosso commandante avançou então para a nossa frente, fazendo uma breve e brilhante allocução, terminando por vivas á patria, á familia real, ao exercito e á armada, sendo delirantemente correspondido não só por nós, como pela officialidade e praças do regimento. Pouco depois deu a voz de marcha, postando-se a banda na nossa frente. Sahimos pelo portão da brigada, ao

som do hymno nacional. A' passagem e á porta do quartel fomos de novo acclamados pelos senhores officiaes, que, reunidos em grupo, nos davam palmas. No meio d'elles sobresahia o senhor coronel Sousa Bessa, que tão bom aquartellamento nos proporcionou, tratando-nos com toda a dedicação e estima. Dá até desejo de servir debaixo das ordens de tão nobre chefe. Marchava-se com um aprumo e passo cadenciado, como poucas vezes se tinha feito e n'uma doida alegria.

A' passagem nas ruas do percurso, chamámos a attenção dos traseuntes, que lastimavam a nossa partida, julgando que ia haver nova hecatombe. Alguns a meu lado sorriam d'aquelles commentarios. A's dez e tres quartos chegámos ao Caes da Areia, proximo á estação de Santa Apolonia, onde já estava atracado o paquete *Luzitania* da Empreza Nacional de Navegação, que nos devia conduzir. O navio fazia a carreira rapida á costa oriental e occidental. Era um bello barco. O povo apinhava-se, tornando-se muito custosa a entrada no caes.

A companhia fez alto, e pouco depois procedia-se ao embarque, por secções, e fomos para os nossos alojamentos, que já estavam marcados, junto á 3.ª classe e se achavam em irreprehensivel estado de aceio.

A' medida que entravamos, um tripulante en-

carregado da coberta, indicava-nos o logar que nos era destinado, e lá se collocava o equipamento. Espalharam-se depois os soldados pelo caes e pelo navio, onde se encontravam pessoas conhecidas, ou de familia.

Como o navio tambem levava passageiros, havia a bordo um desusado movimento, por entre os preparativos de viagem, dos tripulantes do vapor e das caracteristicas vozes de commando, dos encarregados dos differentes serviços. A charanga tocava algumas peças do seu reportorio, quando pelas 11 horas alli deu entrada o capitão de artilheria sr. Henrique de Paiva Couceiro, que ia governar a provincia, na vaga deixada pela morte do sr. Eduardo Costa. Momentos depois entravam os srs. ministro do reino, e da marinha, conselheiros João Franco e Ayres de Ornellas. Vinham fazer as suas despedidas, e conversaram por largo tempo com os senhores officiaes.

D'um lado para o outro, correm com as ultimas bagagens os passageiros que faltam embarcar, e chegam apressadamente. Rapazes vendem os jornaes d'esse dia, apregoando-os em altos gritos, com os retratos dos senhores officiaes. Ouve-se o primeiro signal de partida, apitando a machina fortemente, ouve-se o segundo, e começa a debandada dos que não seguem viagem. Muitos choram de saudades pelos seus entes queridos! Nós su-

bimos ao tombadilho, dando vivas á multidão, que alli affluira, e acenando com lenços.

Finalmente ao meio dia sôa o ultimo signal, a charanga de bordo executa o hymno nacional, juntamente com a de infanteria 2, e o navio levanta ferro, a reboque do *Josêphine*, que o conduz até fóra do ancoradouro. Repetem-se os vivas á Patria e os acenos com lenços, correspondidos pelos que ficam, que nos dizem o ultimo adeus de despedida. A bordo seguiam muitos senhores officiaes, que deviam tomar parte nas operações, encorporados nas outras unidades. Iam em commissão extraordinaria.

A companhia levava o seguinte effectivo: commandante, o capitão sr. Francelino Pimentel; subalternos, os tenentes srs. Beirão, Figueiredo e os alferes srs. Passos e Bicudo. O primeiro d'estes subalternos era addido, e tinha regressado dois mezes antes de Angola, onde commandara a 2.ª Companhia Europêa, e voltara ao reino, quando se organisava a columna. A pedido do sr. Alves Roçadas, tornou novamente para o Ultramar, indo addido, fazendo serviço na companhia do 12. O effectivo das praças era de 252, assim dividido: 2, primeiros sargentos, Mergulhão e Gomes; 6 segundos, Grillo, José Augusto, Dias, e Marreiros; 244 cabos, soldados e corneteiros.

Entretanto o navio ia seguindo rio abaixo, re-

petindo-se á passagem as saudações nos navios ancorados no Tejo, ao mesmo tempo contemplavamos a magestosa Lisboa. Que lindo panorama offerece vista de bordo, n'um dia formoso como aquelle! Até o propio tempo compartilhava da nossa alegria, despedindo-nos da nossa querida terra, n'um bello dia claro e amêno.

Passámos pelas torres do Bugio e S. Julião, testemunhas historicas dos nossos feitos d'outras épocas, e uma hora depois estavamos no mar largo, divisando já mal a terra, que nos despedia com um ultimo beijo, patriotico. Alguns companheiros, já iam enjoados. Era a primeira vez que embarcavam. Os que mais resistiam ao enjôo, iam, na sua doida alegria, troçando com os enjoados. Repetiram-se os gracejos de troça, ao levantar do dia seguinte e ás horas das refeições, zombando-se dos que não podiam comer.

Os que mais se salientavam na troça eram o Neves *Gallinheiro,* o Murraça, e outros mais de quem me não lembra o nome. E' claro, causavam a hilariedade dos que não soffriam d'aquelle mal.

O mais saliente, o Neves, era tambem conhecido pelo *Macaco*, taes rapioquices fazia.

Era natural de Torres Novas, uma bella alma e tão engraçado, que onde chegava fazia rir as

pedras: bom companheiro, e muito bem comportado.

A cada passo ouvia-se-lhe: «Oh coiso aguenta-te no balanço! Toma um chá de pregos, ou um xarope d'agua salgada!» Os ditos ferviam, desgostando-se os enjoados ou rindo á força.

O mais doente foi o 103. Tambem andava atacado de rheumatismo.

Estavamos divididos em pequenos grupos de 10 ou 11, commandados pelos cabos, ou pelos soldados mais antigos; e era aos grupos que nos distribuiam as refeições, quatro vezes por dia: para este fim, era nomeado diariamente um soldado de fachina ao grupo, que, acompanhado pelo graduado, ia buscar á cozinha a comida, fazendo-se depois a distribuição, formando todos em circulo, em volta do commandante do grupo.

Achei immensa graça áquelle pagode, que me recordava, os passeios ás hortas, ou os arraiaes das festividades populares, quando se levam petiscos para comer á sombra do arvoredo.

Ao cahir a tarde, no dia da partida, tinha desapparecido por completo a terra. Divisavamos apenas, o horisonte e o espaço. Não dormimos a noite muito bem, e, de manhã, sentiamos fortes dores de cabeça, e o corpo fatigado do balanço.

Chegada á Madeira

No dia 3, amanhecemos com terra á vista, era o formoso archipelago madeirense. Todos subiram ao tombadilho, para ver a formosa ilha.

A's 8 horas da manhã, aportavamos ao Funchal. *O Luzitania* fundeou proximo da terra. Soberbo o aspecto da ilha, e da linda encosta, que offerece um panorama encantador. E' o mais delicioso paraiso do mundo! Apezar da hora matutina, foi o navio rodeado de grande quantidade de botes, com pessoas que vinham a bordo, umas de visita, outros com fructas, bilhetes postaes illustrados, e engraçadas quinquilharias, para negocio com os embarcados. Rapazes de 8 a 14 annos, dentro de pequenos botes, pediam-nos, em altos gritos, para lhes deitarmos moedas de cobre que elles apanhavam na agua n'um abrir e fechar d'olhos. Outros faziam egual pedido, e mergulhavam por debaixo do navio, indo apparecer do outro lado! Decidadamente, os rapazinhos ilheus pareciam os pretos cabo-verdeanos! Ninguem foi a terra, a não ser os senhores officiaes que não estavam de serviço, e dois soldados naturaes da ilha, conhecidos entre nós pelos «ilheus». A demora foi curta — seis horas apenas — para metter carvão e aguada. Colhi no emtanto as melhores impressões a respeito dos habitantes,

não só pela sua affabilidade, como pela sua modestia.

Diziam-nos como em Lisboa; «será difficil voltarem. A gente com quem vão combater, é muito aguerrida e vocês são muito poucos». E' claro que não nos abalavam os commentarios, excepto aos dois companheiros que se conservavam cabisbaixos ao lado das familias, que os tinham acompanhado a bordo, e choravam por verem a nossa alegria.

A's 3 da tarde, levantou ferro o *Luzitania*, proseguindo a sua derrota. O enjôo já tinha acabado, a não ser em um ou outro, que se queixava da cabeça. No dia seguinte tinhamos as Canarias á vista, e depois não tornámos mais a vêr terra durante 10 dias, salvo dois dias depois, pelas nove da noite, quando avistámos os pharoes das ilhas de Cabo Verde. Foram uns dias bastante aborrecidos. O que nos entretinha, era a charanga, ás quintas e domingos, tocando algumas peças do seu variado reportorio. Não sou critico, mas posso no emtanto dizer, que n'aquellas alturas, valia tanto para mim como uma das melhores orchestras! Houve tambem um theatro, servindo de actores e comparsas os creados de bordo e dois passageiros. Quer dizer: a vida de bordo não era tão má como nos diziam; havia os divertimentos e os jogos, para matar o aborrecimento e depois

a gente acostuma-se, conforme succede em terra, passados poucos dias.

Como troça ao espectaculo dos creados, improvisámos tambem um theatro, no porão, onde representaram varios dos meus camaradas, entre elles o Neves, vulgo o *Macaco*. Foi uma noite de gargalhada.

Chegada a S. Thomé

No dia 13 amanheceu-nos o dia com um certa azafama no pessoal de bordo. Estava-se perto de S. Thomé, o primeiro porto africano da escala. A's 11 horas da manhã, chegavamos a esse porto (bahia Anna Chaves). O navio, fundeado muito ao largo, demorava-se até ao dia seguinte, para carregar e descarregar. Depois da visita de saude, approximaram-se grandes lanchões tripulados por pretos, alguns muito velhos; traziam muita carga das roças. D'alli exporta-se muito cacau e café. O calor asphyxiava-nos. Como na terra se festejava o popular Santo Antonio, o nosso commandate consentiu que desembarcassem os que aranjassem lancha. Poucos puderam aproveitar a concessão, e estes mesmos nos grandes lanchões por favor. Que passeio tão aborrecido! A terra ficava longe, e o lanchão ia á vela. Tivemos de ajudar á faina de largar e ferrar o

panno porque de contrario só á noite chegariamos. Depois de duas horas n'aquella situação, conseguimos desembarcar.

No jardim publico tocava uma banda de pretos e por toda a cidade se celebrava aquella festa, tão divertida e tradicional em Lisbôa. Com toda a pompa sahiu proximo das 5 horas da tarde a procissão de Santo Antonio, acompanhada pela banda dos pretos e por uma guarda de honra de soldados indigenas, commandada por um alferes indiano, e por muito povo, a maior parte pretos, porque os europeus estavam ás janellas ou ás portas das casas.

Aquillo deu logar a uma certa pasmaceira, não só da nossa parte, pois nunca tinhamos visto ceremonia identica, mas tambem das pretas embrulhadas em pannos de chita e fumando em grandes cachimbos. Apezar de já ter visto exquisitices africanas, achei immensa graça.

Fomos muito bem recebidos em toda a parte.

A cidade não é feia, mas pouco tem de notavel. Os predios são construidos de madeira, tijolo ou adobe.

A sua guarnição militar compõe-se do corpo de policia e uma companhia mixta de artilheria e infanteria. Os soldados são todos indigenas, em geral caboverdeanos, sendo os quadros dos graduados, preenchidos por europeus, em commis-

são. Existe tambem uma fortaleza, mas com peças antigas.

Para o interior da ilha, ha as roças do afamado café e cacau, cujas colheitas se fazem de tres em tres mezes, sendo o producto transportado para os grandes armazens da cidade, e d'alli para bordo dos paquetes da carreira e de navios de vela.

Na população não africana, predomina o macaista e o chinez, os quaes teem estabelecimentos de vinho e aguardente. São umas tabernas ordinarissimas, mas que, ainda assim, fazem concorrencia ao commercio europeu, porque são frequentadas pelos indigenas, que abundam alli em grande quantidade, e por alguns mestiços (mulatos), emigrados de Angola e de Cabo Verde.

S. Thomé é doentio, e junto com uma pequena ilha, a seis horas de viagem em paquete, forma o governo de S. Thomé e Principe.

No dia 14, ao meio dia, levantou ferro o *Luzitania.* Já tinha desapparecido o enjôo e as dôres de cabeça. No dia 16 estavamos de novo ancorados.

Chegada a Loanda

Entrámos a barra de Loanda, capital da provincia de Angola ás 9 ½ da noite, e meia hora depois estava o navio fundeado na bahia for-

mada pela ilha e a cidade, um bello porto de abrigo, que se achava coalhado de bastantes navios, sendo alguns estrangeiros, e havendo entre estes um cruzador allemão. Logo que o *Luzitania* fundeou, tocou o hymno nacional a charanga do *Ambaca*, que vinha para o reino, e estava alli a metter carga. Era imponente o lindo panorama das luzes da cidade e dos navios. Apesar de ser de noite, encheu-se o nosso navio de gente: eram os altos funcionarios e commerciantes, que vinham cumprimentar o governador geral, sr. capitão Couceiro.

No dia seguinte de manhã, foi içado o signal de governador a bordo, salvando a fortaleza de S. Miguel com 19 tiros.

A's 8 horas, encostou ao portaló, um escaler a vapor, conduzindo o governador interino, o sr. capitão do porto. Seguiram-se as despedidas, desembarcando pouco depois o sr. governador geral, acompanhado d'aquelle official.

O *Luzitania* arriou o signal e todos os navios embandeiraram em arco, salvando os de guerra, bem como a fortaleza. Associou-se a estas manifestações o crusador allemão.

O panorama da bahia tornava-se ainda mais imponente.

Passadas duas horas, soou nova salva, dada no acto da posse e entrega do governo. A terra só

foram os officiaes, fazerem a apresentação no quartel general, bem como alguns sargentos.

Como já era a segunda vez que eu ia para Angola destacado, posso dizer que Loanda é uma linda terra, possuindo requisitos d'uma cidade europêa. E' séde do governo geral.

A sua guarnição, compõe-se do corpo de policia, que é commandado por um capitão, e tem o quartel na parte baixa da cidade; a bateria de artilharia de montanha e de guarnição, unidades compostas pelas praças recrutadas do exercito do continente, em commissão de dois annos; o batalhão disciplinar, constituido pelas praças deportadas ou apuradas no continente, em consequencia do seu mau comportamento, e que se divide em 3 companhias. Esta corporação á nossa passagem, andava instruindo um contingente para entrar nas operações, a que se deu o titulo de Companhia de Guerra. Tambem faz parte da guarnição a 1.ª Companhia Europêa, destacada na Huila desde a data da organisação da columna do sr. capitão Aguiar, e que não recolheu mais á sua séde.

E' em Loanda o deposito geral de degredados, que vão cumprir penas maiores e que se alojam na fortaleza de S. Miguel. Os mais bem comportados empregam-se em differentes serviços publicos e particulares, não podendo, porém, va-

guear pelas ruas da cidade depois do toque de recolher.

O nosso navio descarregou parte da carga que trazia, e ás 10 horas deixou a bahia, para de novo entrar na lucta com o occeano. Uma hora depois já mal se divisavam as luzes da cidade.

O dia 18 amanheceu-nos com terra á vista, e assim seguimos sempre, entretendo-se os passageiros a disparar tiros a grande quantidade de peixes voadores, que se levantam da agua aos montões, formando leques.

A's 3 ½ da tarde, aportámos ao Lobito, magnifico porto, construido por um syndicato, em 1903, e que tanto deu que fallar á imprensa. Apezar de ter uma ponte acostavel para navios de grande tonelagem, o *Luzitania* amarrou a uma boia proximo da ponte.

A bahia é tambem d'uma belleza encantadora. De bordo desfructavam-se as grandes serras do Quissange e a linha ferrea para Benguella, vindo os comboios á ponte receber a carga.

O porto apezar da sua belleza, é pouco frequentado, o que é talvez devido a estar aberto ao commercio ha pouco tempo.

A demora foi curtissima, porque ás 6 ½ levantámos ferro, continuando a derrota para Mossamedes, porto do nosso destino. N'esse dia a ordem da companhia mandava preparar tudo

para o desembarque, visto o navio ter ali pouca demora; assim se fez, e a bordo foi completa dobadoura, quer na tripulação quer nos soldados, preparando-se as coisas de modo tal que tudo estivesse á mão em seguida á chegada.

A noite esteve frigidissima. Julguei-me na Guarda, tal era o frio que fazia. De manhã fomos surprehendidos por um denso nevoeiro, tendo por isso o vapor que diminuir o andamento, para evitar abalroamento com algum navio, e que apitar a machina fortemente. A's 8 ½ deixou de andar. Pelos calculos de bordo, sabia-se estarmos proximo de terra. O barco balouçava ao sabor da vaga, e a machina continuava a apitar. A situação era critica, se continuasse, mas pelas 11 ½ o nevoeiro começou a diminuir e pouco depois divisavamos a terra.

Continuou-se a viagem e tres quartos de hora depois o *Luzitania* amarrava á boia, com a prôa para Mossamedes. De bordo o panorama era magnifico: avistavam-se as encostas do planalto e a bonita cidade, que tem o seu jardim publico á beira mar.

A companhia entrou em forma, e depois da revista sanitaria passada ao navio, effectuou-se o

Desembarque em Mossamedes

Foi para dois enormes lanchões, que já tinham atracado ao *Luzitania,* por que em terra já estavam prevenidos da nossa chegada, e de que nos deviam conduzir á ponte, visto o navio fundear ao largo.

A bordo ficou uma guarda para vigiar as bagagens, e o restante material.

Ao meio dia e meia hora, os lanchões começaram a vogar, a charanga executou o hymno nacional, que foi escutado de pé, dizendo-nos os passageiros adeus e acenando com lenços: foi uma despedida imponentissima.

A alguns vi chorar, tal era a pena que lhes deixavamos.

Os improvisados transportes eram embarcações para carga e descarga dos navios, de sorte que alguns dos meus camaradas vomitaram, tal era o cheiro e o balanço.

Decididamente andavamos com pouca sorte, pois que as dificuldades não ficaram por aqui. Proximo da ponte, deitaram-lhes um cabo, puxando-os, e como estava vasia a maré as lanchas não atracaram á escada da ponte.

Ao desembarque, deram-se scenas engraçadissimas, trepando-se pelos ferros, ou agarrados a um cabo. Alguns estiveram quasi sentenciados a

tomar um banho forçado. O nosso 1.º sargento Mergulhão lembrou por troça, a um mestre da armada que dirigia aquelle serviço: «Oh homemzinho, guinde-nos fazendo uso da lingada. A operação assim dá melhor resultado!»

Conforme se poude, conseguimos pôr o pé em terra, onde já eramos aguardados pela banda militar, elemento civil, e só por alguns officiaes e soldados, porque ali havia poucos militares. Formámos em columna de pelotões, com a frente ao jardim. O nosso commandante passou-nos revista, e em seguida deu a voz de marche, e avançamos com a banda á frente a tocar um lindo ordinario.

Subimos a avenida, e uma rampa d'areia, e pouco depois formava a companhia com a frente á secretaria do governo. Feita a apresentação, seguimos para a fortaleza, onde se alojaram dois dos pelotões, e o outro foi aquartellar-se nas dependencias da camara municipal.

Os alojamentos deixavam muito a desejar. Alguma rasão havia para isto, porque a demora era pouca, e não existiam dependencias para albergar tanto soldado europeu. Distribuiram-nos uma refeição, que tinha sido preparada antes de chegarmos.

Na fortaleza aquartelava-se o 2.º esquadrão de Dragões, que bastante tempo tinha estado de

guarnição no forte Roçadas, em seguida á construcção d'esta obra. Os cavallos e muares abrigavam-se n'umas cavallariças fóra da fortaleza.

No dia seguinte, principiou a fazer-se um trabalho insano. Os officiaes e sargentos eram incançaveis, a demover as difficuldades que appareciam nos preparativos de marcha. As bagagens e material de guerra accumulavam-se em dois grandes depositos, seguindo depois em carros, juntamente com grandes quantidades de viveres, e materiaes para as operações. D'estes serviços estava encarregado o sr. tenente Domingos Ferreira da Administração Militar e Jorge de Mascarenhas, sub-chefe do estado maior da columna.

Recebemos o armamento encaixotado em Lisboa, e, para as marchas, um lençol impermeavel, uma manta, artigos que levariamos enrolados no capote, e a tenda-abrigo, partindo as mochilas nos carros, tres dias depois da nossa partida.

Mossamedes era ainda villa n'aquella occasião; dois mezes depois, com a visita de Sua Alteza o Principe Real, foi elevada á categoria de cidade. E' linda. Foi pena a demora ser tão pouca. Gostei immenso da terra. Os seus habitantes trataram-nos com toda a affabilidade, e recebiam-nos em toda a parte com todas as attenções.

A cidade, muito saudavel, é edificada sobre um

grande areal, havendo proximo umas magnificas propriedades que a fornecem dos precisos legumes e fructas, e abunda em peixe, que é pescado por pretos, em dongos, no mar largo, sendo depois salgado, e exportado para differentes pontos da provincia, e para as roças de S. Thomé.

A sua guarnição militar é diminuta e limita-se á 14.ª companhia indigena, destacada havia bastante tempo no Cubango, e a um pequeno numero de indigenas militares, que fazem a policia.

Tem poucos edificios notaveis, a que nem vale a pena referir-me. São construidos de alvenaria, assim como quasi todas as casas de commercio.

A estação do caminho de ferro á Chella, ainda está em construcção; deve ser um bello edificio segundo a planta que me mostraram. Este melhoramento foi decretado em 1904.

A população e commercio de Mossamedes é de europeus, predominando a gente madeirense, assim como em todo o planalto da Huilla. Ha tambem muitos pretos, que se empregam em diversos misteres.

Achavamos-lhes immensa graça, talvez por ser a primeira vez que mais de perto eramos obrigados a conviver com elles, e tal era o modo como davam cumprimento aos serviços de que se encarregavam.

As pretas empregavam-se como lavadeiras, e em outros serviços; cobrem-se com enormes pedaços de chita, e fumam em grandes cachimbos. As que teem filhos, trazem-n'os ás costas, seguros pelos pannos, dando-lhes o nome de mônos!

— Bello tratamento, ouvi eu dizer a dois meus camaradas, ao que eu disse: «E' o tratamento que dão muitas mães aos filhos na nossa terra?»

Tinham costumes engraçadissimos aquelles pobres diabos, que ficavam contentissimos com dois vintens de aguardente, e faziam tudo o que se lhes pedia.

Officiaes da columna de operações

III

Marcha para a Huilla

A duração da marcha devia ser de seis dias. A companhia seguia para a Chibia (Huilla), e aguardaria alli as ordens do commandante da columna.

No dia 21 partiu para o Muninho a secção de quarteis, dirigida pelo sr. tenente Beirão. Os generos para a marcha seriam fornecidos pelo deposito do kilometro 73, e deviamos achar o rancho feito á nossa chegada.

No dia seguinte, 22, ás 8 da manhã a companhia formou em columna, na parada da fortaleza com a banda militar á frente, e pouco depois rompia a marcha, indo fazer-se a apresentação na secretaria do governo.

Formámos em linha, e em seguida á apresentação proseguimos a marcha. Os habitantes madrugadores assomavam ás janellas e ás portas,

para vêr o desfile dos *cinzentos,* como nos chamavam por causa do nosso uniforme.

Descemos a avenida, atravessámos uma parte do areal, e ás 8 e meia estavamos na estação do caminho de ferro. Na gare, já se encontravam militares e civis, para assistir á nossa partida; conversavam baixo, n'um grupo de cinco ou seis, os *pessimistas!* Duvidavam da victoria. Sempre o mesmo receio em toda a parte!

O embarque não se demorou. Dois comboios de antemão preparados, experimentavam as machinas. Iamos principiar a dar cumprimento á nossa missão. Quem sabia as privações por que teriamos de passar, para levantar bem alto o nosso prestigio abatido, e mostrar ás outras nações que ainda somos os descendentes dos primeiros descobridores portuguezes? Só Deus.

«Está tudo prompto», dizem os empregados, e a esta voz, effectua-se o embarque, para os vagons. Estes não tinham bancos e estavam ainda por acabar de construir. Fizeram-me lembrar os comboios de mercadorias no nosso Portugal. Tinhamos de ir em pé.

Sôam as 9 horas no relogio da estação. Os comboios principiam a apitar, andando lentamente; a banda toca o hymno; os vivas e os acenos com lenços prolongam-se por bastante tempo. A animação da nossa parte era a mesma

de Lisboa. Os comboios avançam vagarosamente, por ser a linha de via reduzida, e por causa da areia obstruir os rails.

Atravessámos as magnificas fazendas do visconde Giraul, e o grande areal, aqui e alli com grandes rochedos de pedra negra, o que deu logar a este commentario dos soldados: «As proprias pedras estão chamuscadas do sol africano!»

A's 2 da tarde, os comboios pararam na estação terminus da linha, kilometro 73, onde havia o deposito da linha de étapes, dirigido pelo sr. tenente Avellar Saraiva, da Administração Militar: — um barracão de troncos de arvores, coberto de zinco e capim, accumulando-se dentro e fóra d'elle uma grande quantidade de generos, não só para as forças em transito, como para seguirem para o theatro das operações, em carros boers.

Feito o desembarque, ensarilhámos armas, n'um largo, em frente do deposito e da estação. Cozinharam-nos em grandes latas (improvisados caldeiros), uma ração de chouriço, que nos foi distribuida com bolacha e 6 decilitros de vinho. Com aquella refeição, deram-nos tabaco e duas latas de conserva para o almoço do dia seguinte.

Este modo de nos arranjarem de comer, causou um certo espanto áquelles que não tinham sahido do quartel do seu regimento, mas com o tempo acostumaram-se, e já achavam melhor

aquelle methodo de cozinhar, que o do quartel. Bem certo é o adagio *haja que comer, que se come seja como fôr*. A revolução dos costumes!

O que mais custava a comer era a bolacha. Muitos deitavam-n'a fóra, sentindo-lhe depois a falta no dia seguinte.

Ao cahir da tarde, encetámos a marcha para o Muninho (fazenda José Luiz). Foi o nosso primeiro passeio, e bem pouco agradavel. Como a estrada era de areia muito resequida, em logar de se caminhar para a frente, parecia que se caminhava para traz, e pouco tempo depois de partirmos, estavamos fatigados. Anoiteceu e não obstante o luar e a temperatura fresca, a marcha era feita aos grupos atrazados uns dos outros. Apesar dos pequenos altos que se fizeram, não era possivel a reunião de todos. A's 9 horas parámos n'um grande largo, o entroncamento *Chacuto-Muninho,* mandando então o nossso commandante armar tendas e acampar.

Os retardatarios foram chegando pela noite adeante. Agua não havia, mas a marcha no dia seguinte foi ainda mais penosa. Dormimos muito mal. Não estavamos acostumados áquelles improvisados aquartelamentos.

A's 5 horas do dia 23 proseguimos a marcha, que a principio foi regular e com ordem, mas que pouco tempo se conservou assim, porque a

escassa refeição do dia anterior e o caminho arenoso, a sêde e o cançaço tudo foi produzindo os seus effeitos, obrigando-nos a parar de vez em quando muito extenuados. Todos se lastimavam. O dia ia aquecendo, de modo que o calor, junto com a sêde, não nos deixava marchar. Houve um alto, mas apezar de ser demorado, não conseguiu reunir a todos. N'esta occasião, passou por alli um sargento, com quatro praças de cavallaria, conduzindo as muares que deviam de servir de montadas, desde o kilometro 73 até a Huilla, aos senhores officiaes de outras unidades. Foram estes os que nos fizeram ganhar mais alento, dizendo-nos ser perto o acampamento, e apontavam para a serra do Muninho, onde ha um grande morro conhecido pelo *Maluco*. E' tão elevado, que á vista desarmada se avista de bordo de qualquer navio, no porto de Mossamedes, apezar dos tres dias de viagem que dista d'alli. Continuámos a marcha, mas a breve trecho enfraqueciamos de novo, pois que o morro, que avistavamos, parecia fugir de nós, não sendo possivel alcançal-o. E nós cada vez mais cançados e estropiados! A's 11 horas já estavamos perto do Muninho, embora o *Maluco* parecesse fugir-nos sempre! O nosso commandante, como conhecesse o caminho, adeantou-se com um pequeno grupo de soldados, e meia hora depois estava no acampa-

mento, que foi escolhido n'um largo, dentro da propria fazenda.

O resto da companhia foi chegando pelo dia adeante, andando aos bocados. Vinham n'um estado lastimoso, santo Deus! Nem quero lembrar-me! Nas proximidades do acampamento, encontrámos uns carros boers, encarregados da conducção da carga, que o comboio transportava de Mossamedes com destino ao planalto.

Estavam a descançar o gado, pois a agua que levavam nos barris, apezar de immunda, exgotou-se rapidamente. A' chegada ao acampamento a sêde era tão devoradora, que se não perguntava por comer, apesar de o rancho estar quasi cozinhado. Tudo queria agua! O que nos valeu, foi o sr. tenente Beirão, incançavel para com os estropiados. Deu-nos laranjas, que, á sua chegada adquiriu na fazenda, e pediu instantemente que não se bebesse muita agua, para não apanharmos resfriamentos. Era um improvisado medico e enfermeiro, dando-nos bons conselhos hygienicos!

A secção de quarteis chegara pouco antes do 1.º grupo, seguida do nosso commandante, e encontrou as mesmas difficuldades. Aquillo era um petisco reservado para todos, mas o mais bello episodio foi o que succedeu ao cabo 59 da secção de quarteis.

Para a conducção dos generos, trazia-se um carro alemtejano. Sahiram do kilometro 73, de tarde, como a companhia. Anoiteceu e seguiram a marcha atraz do carro. O cabo principiou a descançar um pouco, e atrazou-se dos outros; proseguiu só a marcha, mas a certa altura percebeu que ia por caminho errado. Por causa da escuridão da noite e do somno, resolveu acampar junto da estrada e da serra! Sentindo o lobo e o leão a rugirem perto, resolveu aproveitar uma arvore para paradeiro mais seguro e trepou para cima d'ella. Assim passou o resto da noite, rodeado d'aquellas feras, que constantemente o espiavam no improvisado descanço. O pobre homem, que nunca se viu em situação tão critica, logo que amanheceu tratou de procurar o caminho, só o encontrando ao fim de algum tempo pela indicação do rodado do carro. Em paga do susto, recebeu a troça dos camaradas, fervendo as gargalhadas e os ditos á sua chegada ao acampamento, depois de tanto tempo perdido no matto.

A fazenda é grande e habitava-a um branco com grande numero de serviçaes. Está situada em frente á grande serra do Muninho, tendo a rodeal-a um enorme mattagal. Pareceu-me ser pouco doentia. O proprietario pôz tudo que tinha á disposição do nosso commandante, inclusivé a casa para os senhores officiaes dormirem aquella

noite. A agua era bôa e em grande abundancia, sendo apenas necessario tiral-a á bomba, de dentro d'um poço.

Poucos quizeram comer as duas refeições, que se cozinharam; o que queriam todos era descançar. O que nos confortou a valer, foi o rancho da tarde ser distribuido ao escurecer, aproveitando esta refeição áquelles que já tinham descançado e que mais resistiam ás fadigas.

Estavam a principiar os nossos sacrificios. Agora é que bem avaliámos a exactidão das theorias ministradas, e das recommendações que nos faziam os nossos officiaes, antes de encetarmos a marcha. O nosso commandante, a fim de facilitar a marcha do dia seguinte, contractou na fazenda um carro, para conduzir as tendas-abrigo, enroladas no cobertor e no capote. A secção de quarteis seguiu ás 10 da noite d'aquelle dia.

Para Capangombe

No dia 24, ás 4 da manhã, depois de alliviados das tendas-abrigos, que vinham no carro como já disse, proseguimos a marcha, atravessando o mattagal e entrando depois na estrada, guiados pela direcção da montanha e pelo seu morro *Maluco*. Parece que aquelle amaldiçoado nos acompanhava!

A marcha foi grande, mas não tão fatigante como a do dia anterior. Chegámos a Capangombe, ás 9 $^{1}/_{2}$ e acampámos dentro d'uma velha fortaleza, que depois me disseram ter sido em outros tempos de muita importancia e servido de quartel a um batalhão ali destacado por causa da insubmissão dos pretos que habitavam proximo. Estava muito velha, servindo apenas os seus muros para abrigo contra o leão, ás forças em transito, e uma velha casa para estação telegraphica. Os retardatarios da marcha chegaram pouco depois. Quasi tudo se queixava dos pés e do calçado. Mas que valiam as queixas se o caminho era para a frente!

Fóra da fortaleza ha uma loja de commercio, pertencente a um branco já edoso, chamado José Fernandes, o qual accumulava o seu negocio com as funcções do *elevado* cargo de regedor da região. Um bom homem, mas parece-me que padecia fortemente de impaludismo. Emquanto fazia comnosco o seu negocio, ia-nos aconselhando ao cumprimento do dever, dizendo:

— Espero de vós a desaffronta do vergonhoso desastre de 1904. Para isso sois homens fortes e deveis lembrar-vos sempre de que somos descendentes da raça que conquistou o maior poderio do mundo!»

Continuou citando vagamente factos das bata-

lhas d'outros tempos. Entre ellas a que mais lhe despertava a attenção era o memoravel Alcacer Kibir.

E' claro que o homemzinho era escutado com toda a attenção, apezar de conhecermos, no intimo, que elle tinha lido poucas vezes a historia do nosso velho Portugal.

Pela sua insistente teimosia era conhecido como «o apostolo da desaffronta d'Alcacer Kibir».

O sitio é muito doentio, rodeia-o a serra do Muninho e a da Chella.

O carro das tendas-abrigos, chegou muito tarde, e retirou ao escurecer para a fazenda. A secção de quarteis, depois de nos cozinhar o rancho, marchou para o sopé da ingreme serra da Chella, onde preparou o café para o dia seguinte.

Para o TChevinguiro

No dia 25, ás 4 $^1/_2$ da manhã, continuámos a nossa escabrosa caminhada. Alguns tão estropiados andavam, que não dando accôrdo do que se tinha ainda de andar, abandonaram na fortaleza as coisas mais precisas. Graças a novas e instantes recommendações do nosso commandante, conseguiu-se que se encetasse de novo a marcha na devida ordem, ficando tres dos mais

estropiados, com um sargento, ao cuidado do regedor. Foram alguns dias depois reunir-se á companhia na Chibia.

Deixámos Capangombe e ao amanhecer, passámos uma fazenda do visconde de Giraul, onde havia grande quantidade de laranjas, que os pretos serviçaes nos venderiam baratissimo. Eram tão deliciosas que mesmo em jejum se comiam. Pouco depois estavamos á entrada do sopé da Chella, onde fizemos alto para tomar a ração do café. Em seguida o carro retirou para o kilometro 73, a fim de desempenhar identico serviço com as outras unidades, que se deviam concentrar, como nós, na Huilla e no Cunene. Continuámos a marcha, deparando-se-nos novos sacrificios, talvez mais penosos que os já passados, pois que tinhamos de subir uma serra mais alta que o sanatorio da serra da Estrella. Parece-me que se faria alli ainda melhor sanatorio, tal é a altura da montanha.

Esta a principio pouco custou a subir, e assim ás 9 $^{1}/_{2}$ chegámos a uma planicie, que chamam o *Chão,* e onde ha mais uma fazenda Giraul, com grandes pomares de laranjas e outros fructos. A rodeal-a estão os dois grandes penhascos da montanha, que parece partida em duas! D'alli divisava-se o ingreme caminho do centro, que tinhamos de subir, e a encantadora verdura do

seu bosque. Houve um pequeno alto, proseguindo depois a marcha. O dia aquecia fortemente. O que nos valia era a sombra do bosque e uma agua frigidissima, que corria das rochas. Julguei-me n'um caramanchão d'uma casa de campo, tal era a frescura, que se gosava. O bosque compunha-se de trepadeiras, arvores ramalhudas, onde me disseram habitarem macacos. Pela minha parte não vi nenhum. Subia-se por lances como quem sobe uma torre; para galgarem melhor a subida alguns agarravam-se a paus. Ainda assim muitos escorregavam! Depois de vencer muitos obstaculos, e haver muitos altos, conseguimos alcançar o cume da montanha: era 1 hora e meia da tarde. Fez-se um grande alto, para todos se reunirem, mas o cansaço tinha-os extenuado por completo. Fômos seguindo de novo a marcha atravez de uma matta por um caminho, que cruza o rio Lubango, e ás 2 1/2 entrámos n'um descampado, tendo na frente uma capella e uma povoação de palhota, rodeadas por grande quantidade de eucaliptos. Era alli o acampamento. A's 3 1/4 entrámos na povoação, sendo esperados pelos padres da missão do TChevinguiro e por muitos irmãos da congregação. N'um barracão coberto de zinco alojou-se um pelotão, e os dois restantes ficaram em outro barracão, onde se guardavam ferramentas e petrechos de campo. Algu-

mas praças acamparam junto d'um regato, na planicie.

Quando chegámos, já estava preparado o rancho da tarde, tendo para esse fim partido do Lubango, ao encontro da companhia, um carro com generos e o competente pessoal, sob a direcção d'um senhor official. Aquelle serviço havia sido montado pelo quartel general, para as forças que por alli passasem em direcção a Chibia. A idéa era bella, pois evitava trabalho ao pessoal que vinha fatigado das marchas. O apreciado refrigerante da agua corria alli em abundancia. E' bem certo o adagio: «Ou tudo ou nada»!

Descançámos alli o dia seguinte, como bem precisavamos.

O TChevinguiro é uma pequena povoação de palhotas, onde habitam pretos, pertencente quasi toda, á missão dos padres do Espirito Santo. Os missionarios dão-lhe o nome de *aldeia*. Estes teem uma boa casa, com os precisos confortos. Além dos eucaliptos ha uns magnificos pomares e differentes culturas. A missão está estabelecida n'um pequeno alto. A sua egreja, apesar de não estar concluida, era bonita. A's novenas da noite, repicavam ás vezes os sinos, comparecendo todos os pretos da aldeia. Assistimos tambem áquellas ceremonias.

O districto da Huilla é habitado por outras

missões identicas, sendo aquella uma simples succursal; dirigem-nas os padres das chamadas missões do Espirito Santo, os quaes dispõem de grande influencia nos sobados do sertão.

Para o Jau

No dia 27, ás 5 1/2 horas da manhã, continuámos a marcha, tendo sahido do Lubango na tarde do dia antecedente a improvisada secção de quarteis. Durou 4 horas consecutivas a marcha, porque ás 9 1/2, depois de se ter atravessado todo o mattagal, chegámos ao Jau que é outra missão, rodeada de eucaliptos e pomares, como a antecedente. Os missionarios aguardavam a nossa chegada á frente dos *aldeões*. Acampámos proximo da missão, junto a dois barracões de troncos, cobertos com capim, sendo destinado o maior a oito soldados europeus, que alli se achavam ha pouco tempo destacados, sob o commando d'um 2.º sargento. Aquelles nossos camaradas andavam n'um estado lastimoso, sem confortos de especie alguma e minados pelas febres.

Os missionarios convidaram os nossos officiaes para um almoço. Eram uns velhos padres, de habitos pretos, e chapeus desabados. Usavam grandes barbas, e, á primeira vista, pareciam camponezes. Passam alli uma vida amargurada.

Os pretos do Jau tinham mostrado a sua insubmissão, sendo precizo a permanencia do destacamento, e muita diplomacia das auctoridades para evitar conflictos.

Para a Chibia

No dia 28, ás 5 horas, continuámos a marcha, seguindo para o destino indicado no itinerario. Havia mais animação. Já estavamos aborrecidos de só vêr mattagal e palhotas de pretos: o caminho era mau, voltava a areia resequida, o suor repassava-nos o uniforme *cinzento*, como na primeira marcha.

A's 11 horas, houve um grande alto. Não havia que duvidar. Era o costumado alto, para se entrar nas povoações. Já se viam algumas casas. Ao meio dia estava a companhia prompta a proseguir, sem faltar praça alguma, quando nos appareceu o sr. capitão Eduardo Marques, chefe do estado maior, acompanhado do alferes de cavallaria sr. José da Costa, adjunto áo quartel general. Tinham vindo do Lubango a cavallo, para mais de perto poderem providenciar sobre o nosso aquartellamento. Acompanharam a companhia e pouco depois entrámos na povoação, sendo aguardados por todos os habitantes. Fômos alojados no quartel da 2.ª companhia mixta

de artilheria e infanteria. Compunha-se a unidade apenas de um pequeno numero de indigenas; o outro pessoal estava em dilligencia em diversos pontos. O quartel foi todo destinado á companhia expedicionaria. O edificio, construido com adobes, ainda se achava incompleto, estando uma caserna resguardada com a cobertura de capim, e as outras cobertas de zinco e capim. O nome de quartel era pomposo de mais, em todo o caso repousou-se ali bellamente, pois que a demora tinha de ser grande. Estavamos resguardados da cacimba, dormindo em uma enxerga. Foi distribuido mais um cobertor a cada praça. Eram bem precisos estes requisitos, porque a terra de noite é muito feira. Os officiaes foram alojados na casa proxima do quartel, que em tempos serviu de administração do concelho, e commissão municipal; os sargentos foram para uma casa particular, alugada ao negociante Almeida.

O carro do governo, ainda nos forneceu alimentação até ao dia 30, passando esta depois a ser fornecida, por conta dos fundos da companhia, sob a direcção do sr. tenente Figueiredo.

A Chibia pode comparar-se a uma aldeia do nosso Portugal. Reside alli o chefe do concelho da Huilla. A séde do districto d'este nome, é no Lubango, a 2 dias de marcha, ou 45 kilometros

approximadamente. Os seus habitantes brancos são quasi todos madeirenses. Ha alli tambem muitos mulatos e indigenas. E' muito saudavel, como em geral o é toda a região do Huilla, que forma o planalto de Mossamedes.

Attendendo á distancia a que está no interior, tem bastantes confortos e commodidades. As casas são feitas de adobes, cobertas de zinco ou capim. Nenhuma tem mais de um andar; no emtanto em nada se parecem com as encontradas durante a marcha, porque as povoações que já citei, só o eram de nome e compunham-se de palhotas em pequenos grupos, que mais pareciam barracas de guardadores de quintas e searas, e estas mesmo ainda seriam melhores! Apesar de desconhecidos, fomos muito estimados pelos habitantes. O commercio tambem alli tem os seus estabelecimentos, sendo o principal a casa Almeida, pertencente a um velho mulato, muito conhecido em todo o planalto pela sua riqueza e tracto affavel. E' geralmente designado pelo *Soba Chibia,* não só por ser abastado e de grande auctoridade, mas tambem pela gordura.

Passámos alli uns bellos dias. Eu já me lembrava dos pequenos destacamentos, nas aldeolas da nossa terra. O viver era muito semsaborão. O nosso entretenimento todas as tardes e aos do-

mingos, era ouvir o gramophone das lojas do Almeida ou do Vieira. Melhor musica não se arranja n'aquellas alturas. Estes instrumentos abundam por toda a Africa e são muito apreciados. A pretalhada aqui bebia aguardente, e, como em Mossamendes, é sempre damnada por aquelle liquido!

A étape foi grande, pois que nos demorámos até 26 de julho. Convinha aproveital-a na instrucção, para a campanha que breve iamos encetar e assim se fez. O nosso commandante pediu instrucções ao sr. governador do districto e commandante da columna. No dia 2 de julho estava a companhia dividida em quatro pelotões, em virtude do seu elevado effectivo e por lhe estar addido o sr. tenente Beirão. A instrucção foi mais assidua que em Mafra, não obstante o tempo ser preciso para outros serviços de expediente.

Todos os dias, ás 5 da manhã, sahiamos do quartel, para um descampado fóra da povoação e manobrava-se até ás 9 horas. A' tarde tinhamos theoria sobre serviço de campanha, marchas e estacionamento. Na carreira de tiro, onde se exercitavam os indigenas, não obstante o ter a curta extensão de 200 metros, fomos rectificar de novo o tiro de Mafra. Era ardua a nossa tarefa; todos os bocadinhos eram aproveitados,

quer na instrucção, quer pondo em ordem o material que chegava de Mossamedes, e a escripturação da companhia. Este trabalho era medonho e executava-se em todos os sitios onde havia demora.

O quartel general, não descurava nada. Era incançavel o nosso governador e o chefe do estado Maior. Logo nos primeiros dias depois da nossa chegada, começou a haver um desusado movimento de material e de tropas. Aquella gente admirava-se, dizendo que não tinham ainda visto tamanho movimento.

Passou, logo a seguir, a 2.ª companhia européa, depois de permanecer de guarnição no forte Roçadas durante dez mezes, tendo já antes vindo tresmalhados algumas das praças mais doentes, o que reduzia muito o effectivo.

Aquelles nossos camaradas e servidores da Patria vinham n'um estado deploravel. Julguei á primeira vista que tivessem permanecido no sertão mais selvagem durante annos, e não mezes! E só me passou essa idéa, depois de falar com alguns conhecidos, que tinham servido commigo no 1.º batalhão expedicionario de 1906. Foi por estes que soube ser a falta do necessario que havia no Cuamato e o clima doentio, que os tornava tão alquebrados. Contaram-me detalhadamente o principio dos ataques de 15 e 18 de

fevereiro e a construcção do forte. Pobres camaradas!

E a Patria não recompensará estes sacrificios? Vinham convalescer para o Lubango, onde pouco tempo se demoraram, porque no mez seguinte seguiam de novo para o Cuamato, o immediato a tomar parte nas operações, não obstante a sua abalada saude.

IV

Concentração das tropas no Cunene

No dia 7 de julho, passou a 1.ª companhia Européa commandada pelo capitão sr. Domingos Patacho, primeira unidade que devia ir para o Cunene a reforçar a guarnição do forte Roçadas, onde já tinha um contingente destacado. Esta companhia desde 1902, data da organisação tinha permanecido sempre destacada no interior, e na sua curta existencia fizera já as seguintes campanhas: Bailundo, 1902; Selles (Novo Redondo), 1903; Cuamatos, 1904, no qual perdera muitas praças, victimadas no morticinio, e Mulondo, 1905. Em 1906 fôra empregada na construcção do forte, que ia agora de novo guarnecer.

Dias depois seguiram, com o mesmo fim, a companhia de guerra do Batalhão Disciplinar, commandada pelo sr. capitão Schiappa d'Azevedo, a bateria Canet, organisada como já disse no

Lubango com material d'aquella especie e commandada pelo sr. tenente Gonçalves, e o 1.º esquadrão do commando do sr. capitão Galvão.

A companhia de marinheiros chegou no dia 23. Embarcara em Lisboa no transporte *Africa*, seis dias depois da sahida da companhia de infanteria 12, no *Luzitania*. Foi alojada n'um barracão cedido pelo Almeida, e permaneceu ali até o dia 30, seguindo então para o Cunene.

As outras unidades seguiram-se á da marinha. A entrada dos marinheiros na Chibia, sob o commando do 1.º tenente sr. Victor Leite de Sepulveda, intelligentissimo official com o peito constellado de condecorações, attestado dos serviços prestados á Patria, despertou a attenção dos habitantes e a nossa. Era soberbo o aspecto dos marujos, envergando o novo uniforme de kaki, com o seu aprumo e passo cadenciado.

A nossa partida foi fixada para o dia 26. Estava-se preparando tudo para a marcha, quando o sr. governador nos honrou com a sua visita, no dia 24, assistindo a um exercicio tactico. Para esse fim chegou á Chibia ás 11 horas da manhã, acompanhado do seu ajudante de campo, o sr. tenente Germano Dias.

A marinha fez a guarda de honra á porta da residencia do chefe do concelho, onde sua ex.ª se hospedava. A companhia de infanteria 12 formou

na frente do seu quartel. Commandava-a o sr. alferes Bicudo, um moço com menos d'um anno de official. Os outros officiaes, foram cumprimentar o sr. governador e aguardar que desse ordem para a companhia manobrar. Sua ex.ª mandou retirar a marinha para o seu quartel, e marchou ás 4 horas da tarde para o exercicio.

Os preparativos de jornada foram interrompidos, por algum tempo, para se fazerem aquellas formaturas.

A' hora marcada, formámos na parada do quartel em columna de pelotões; o nosso commandante passou-nos revista, dando em seguida a voz de marche. A companhia, depois de passar em frente da residencia, foi formar em linha no largo da sanzalla (1) dos pretos, onde nos tinha sido ministrada assidua instrucção. O sr. governador não se fez esperar. Chegou pouco depois acompanhado pelo ajudante e pelo sr. chefe do concelho. Feita a continencia da praxe, manobrámos á voz do nosso commandante, por espaço de meia hora, mas com uma pericia tal, que mais pareciamos soldados velhos com seis annos de instrucção n'uma escola pratica, do que praças novas com pouco mais de seis mezes de serviço.

---

(1) Palhotas espalhadas ou em pequenos grupos.

entregues ao chefe do concelho, por meio de relações em triplicado, bem como a materia prima para concertos no calçado e as reservas de fardamento.

Iamos de novo encetar a nossa escabrosa tarefa. Graças á lição das marchas anteriores, iamos precavidos contra as necessidades de maior. Para melhor nos auxiliar, foi distribuido a cada praça um sacco de lôna, que levava bem 3 litros de agua, e que tinha a conveniencia de dar melhor gosto áquelle liquido, do que o cantil e fazel-o mais fresco. Com a companhia seguiram 6 carros boers, puxados por 16 juntas de bois. Aos seus conductores dá-se o nome de *espanas*. D'estes carros, que eram enormes, destinavam-se dois para a secção de quarteis, e os restantes conduziam as bagagens e um pelotão nomeado diariamente por escala.

A secção de quarteis seguiu no dia 25, ás 8 horas da noite, marchando sempre um dia antes da companhia, para cozinhar o rancho. Commandava-a o meu tenente Figueiredo.

Aquelle pessoal teve de fazer frente a dificuldades imprevistas, que a cada passo succediam no caminho, durante as marchas, e á preparação dos ranchos.

Com a secção, seguiam os bois necessarios para abater.

Para Chaungo

No dia 26, a alvorada foi ás 3 da manhã. Em seguida tomámos a costumada ração de café e ás 4 horas deixámos a Chibia, povoação onde tinhamos passado uns bellos dias. Pela minha parte confesso que tive saudades! O chefe do concelho acompanhou-nos até á Ioba, pequena povoação a 4 kilometros. O dia ainda não havia amanhecido, tudo repousava no somno da madrugada. A sentinella do quartel dos marujos bradou ás armas. Mais ninguem se nos despedia! A manhã estava fria. O nosso commandante, de quem fui ordenança permanente, preferia caminhar a pé, e lá seguia com o sr. tenente Beirão, ao lado um do outro, como dois irmãos e amigos.

Nós então caminhavamos com todo o enthusiasmo, como quem vae para uma festa. Lá havia um ou outro, que já estranhava o andar a pé. Quando amanheceu, já as povoações nos ficavam longe. Na nossa frente, junto com os srs. alferes Passos e Bicudo, seguia o parocho da Chibia, rev. padre Thomaz, que todos os dias se reunia com os nossos officiaes, ás refeições.

Tinham n'aquelle padre um verdadeiro amigo. Homem ainda novo, usava barbas como os padres das missões. A's 9 ½ chegámos ao Chaungo e acampámos á sombra das arvores, junto d'um

rio, creio que o Caculovar. O almoço não se demorou, apezar de chegarem tarde os carros, por terem os seus conductores desapparecido na vespera, á sahida.

Os homemzinhos parece que não gostavam de andar de noite, ou tinham pena de deixar a terra. Depois do almoço, o padre Thomaz retirou-se. Cozinhadas as duas refeições, a secção de quarteis seguiu para o acampamento immediato, para dar cumprimento á disposição que já indiquei.

Dormimos aquella noite magnificamente, apezar de havia muitos dias se não fazer uso d'aquelles aquartellamentos. Não podiamos estranhar semelhantes agruras, e era necessario fazer de novo a nossa «digressão de recreio» atravessando as mattas ao som dos urros das feras.

Para a Kihita

Em 27, ás 4 1/2, continuámos a marcha, não havendo a menor difficuldade da nossa parte, mas surgindo outra maior: as *espanas* do gado dos carros das bagagens, não appareciam. A's horas da partida de qualquer acampamento, havia sempre de nos perseguir algum empecilho. As forças seguiram ao seu destino, ficando a guarda das bagagens de vigia aos carros, até se

descobrir o paradeiro das *espanas*, trabalho difficilimo, pois que só ao cabo de muitas pesquizas se conseguiu encontral-as, mas a horas taes, que só ás 9 da noite chegaram á Kihita.

Já á secção de quarteis succedera a mesma dança, tendo de seguir com o gado e outros carros.

Acampámos ás 9 1/2, n'um enorme descampado, junto d'um rio. Proximo e n'um alto, ha a missão da Kihita, com a sua *aldeia christã*, e outros habitantes pretos, independentes da missão.

A companhia veiu para aqui commandada pelos subalternos, porque o commandante, havia ficado no Chaungo, até ter noticias do gado. Chegou ás 11 horas, acompanhado pelo sr. facultativo Rodrigues, que se apresentara na noite antecedente por ordem do quartel general, e que ficou addido á companhia, até á constituição da columna.

Para as forças em transito, havia na Kihita, um deposito da linha de étapes Chibia-Gambos, de que era director o sr. tenente Montes Martins. Este deposito pouco nos forneceu, porque estava ainda abastecido de poucos generos. Tinha como chefe um 2.º sargento de cavallaria.

Tivemos alli a primeira das frequentes visitas, que no matto os pretos costumam fazer aos acampamentos. Vinham negociar com gallinhas,

cabritos, porcos, etc. Poucos queriam dinheiro, preferindo aguardente ou pannos. Eram engraçados aquelles negocios, com um objecto velho do nosso vestuario, arranjavam-se duas gallinhas ou um cabrito!

De tarde juntaram-se em frente das barracas dos srs. officiaes, em grande magote, capitaneados por um pretalhão, com uma enorme casaca esfarrapada!

— Bom commandante, não ha duvida! diziam os meus camaradas, ao vêr aquelle casaca, que depois soubemos ser o soba (1).

Armados de azagaias e mocas, a que chamavam *porrinhos*, dançaram por largo tempo um batuque de guerra. Todos se riam a valer d'aquelle baile. Antes d'esta scena tinham presenteado o nosso commandante com um enorme cabrito, e apresentado os seus cumprimentos! Em troca, receberam duas garrafas de aguardente, o *mata bicho*, como elles lhe chamam!

D'aquella gentinha, só um ou outro anda vestido, porque o trajo habitual, é a tanga — um pedaço de sarapilheira velha, ou de pelle de qualquer animal — enrolada á cintura. As mulheres trajam da mesma fórma, e untam os cabellos com uma gordura, empilhando-os á laia de pinha.

(1) Negro que manda nos povoados.

São uns pobres diabos! A gordura, com o sol, escorre-lhe pelo corpo, dando-lhe até brilho! Faziam-nos rir a bandeiras despregadas. Aquelles costumes são frequentes no interior, bem como o uso de argolas de metal nos braços e nas pernas, contas e missanga ao pescoço, e pequenos agulheiros, com folhas de plantas moidas, dentro, que costumam cheirar, como se fosse rapé. Os pretos d'aquelles povoados differençam-se uns dos outros, rapando o cabello, aos bocados, ou fazendo signaes nos lombos com ferros aquecidos ao lume.

São d'uma curiosidade extraordinaria estes pretinhos!

Para o Biriambundo

Em 28, ás 4 $^1/_2$ da manhã, continuámos a marchar. Antes d'isso houve uma enorme barafunda, por causa da passagem dos carros, e por terem adoecido algumas praças, devido ás bagagens chegarem tarde e não haver onde repousar. Felizmente, passados dias, já os doentes estavam restabelecidos. A's 8 $^1/_2$ fizemos alto na Vimênha, porque a marcha era feita em duas étapes, em razão da falta de agua. Estabeleceram-se as cozinhas na planicie, junto á encosta, que tem em cima, n'um alto, umas palhotas em fórma de

barracões, as quaes me disseram pertencerem a uma missão succursal da de Kihita, mas abandonada, por questões havidas com os missionarios. Emquanto se cozinhava o rancho na planicie, ensarilhámos as armas junto da missão abandonada, e descançamos á sombra do arvoredo.

A agua, além de má, tinha de ir buscar-se a grande distancia.

A's 4 horas da tarde continuámos de novo a marcha e fomos acampar, ás 8, no Biriambundo, grande largo, rodeado de arvoredo. Como na Vimênha não havia agua, que teve de ir buscar-se a 3 kilometros de distancia, serviço de que estava encarregado um 1.º cabo, fez-se o transporte em barris, dentro de um carro de bois. O cabo habitava alli sósinho, dormia n'um barracão, que tambem serviu para os officiaes. Comemos o rancho da tarde, que a secção de quarteis nos deu, e que constou de carne cosida, bolacha e vinho. Por causa de anoitecer na marcha, accenderam-se differentes fogueiras. Eram de utilidade para algum retardatario; mas o lobo e a raposa por certo não gostariam da pirraça! Em todo o caso ainda gemeram no matto, emquanto estivemos acampados.

Para a Catchana

Em 29, rompemos a marcha ás 4 ½ da manhã. A costumada ração do café foi substituida por aguardente, por não haver aquelle genero. A's 9 ½ chegámos á Catchana, e acampámos á sombra d'umas arvores dispersas que alli havia. A agua veiu de longe, e tambem foi trazida em barris, n'um carro. D'este serviço encarregava-se um soldado. A agua, além de escassa para se cozinhar o rancho, tambem era má. Proximo existiam muitas palhotas, habitadas por pretos. Logo que acampámos, acercaram-se de nós com os costumados negocios, bem exquisitos. Só queriam pannos, artigos de vestuario ou aguardente. O dinheiro para elles era desconhecido! Um nunca acabar de surprezas! Ficámos convencidos, de que no interior de Africa, quem quizer comer, não póde fazer uso da moeda; deve levar fazendas, aguardente ou bugigangas!

Para a Chibemba

Em 30, ás 4 e meia, puzémos-no outra vez em marcha. Um nunca acabar de passeios! O caminho mau, prejudicava bastante os carros. A's 8 e meia houve um *grande alto*, para se entrar na povoação, vindo n'esta occasião ao nosso

encontro os officiaes da Companhia de Guerra. Pouco depois proseguimos a marcha, subindo a ladeira, acompanhados por aquelles officiaes, e ás 9 e meia entravamos na Chibemba, séde do concelho da região dos Gambos. Acampámos no largo fronteiro á fortaleza e á povoação. Na nossa frente, ficava uma montanha que já se avistara a grande distancia. Parecia gémea do morro *Maluco*. A Chibemba, é, como disse a povoação do concelho dos Gambos, que tem a sua séde n'uma boa fortaleza, onde tambem é o commando militar. As chamadas repartições publicas estão alojadas em pardieiros velhos. Exercia o cargo de chefe um capitão de infanteria, que tambem superintendia n'um deposito de viveres da linha de étapes. Junto á fortaleza havia um forno, que cosia o pão destinado ás forças em transito. Ficou em um barracão coberto de zinco a Companhia de Guerra, que sahiu d'alli no dia 3 de agosto. A agua continuou a ser má, e era tirada do rio que fica um pouco distante. A povoação nada tem de notavel. O concelho é-o só de nome. As habitações são casas feitas de adobes e cobertas de capim. Residem n'ellas os funccionarios do governo, e dois commerciantes. Será melhor classificar aquillo como herdade. Com isto não quero depreciar a terra; são as impressões que recebi.

No dia 31 descançámos. Bem preciso era aquelle descanço, para recuperarmos forças, porque já vinhamos maçados. E o Cunene que ainda ficava tão longe! E quem sabia o quanto depois se havia de andar! A's 9 da manhã despertou a attenção de todos a chegada da 10.ª companhia de landins de Moçambique, commandáda interinamente pelo sr. alferes Caeiro. Eram d'uma robustez invejavel. Pelo seu garbo militar e passo cadenciado, em nada destoavam dos europeus. Desempenharam um brilhante papel nas operações.

Os pretos da região admiravam-se d'aquelle apparato de tropas e material de guerra, mas apesar d'isto diziam que seriamos novamente derrotados. Não era de estranhar, por estarem convencidos de ser invencivel o cuamato. Essa lenda em breve seria desfeita, como foi, embora nos ficasse cara a empreza!

Para o Binguiro

No dia 1 d'Agosto avançámos de novo para o nosso destino, descendo-se o alto da Vimênha. O caminho mau, umas vezes ariento e outras coberto de matto e pedregoso, difficultava a marcha dos carros.

O grande morro dos Gambos ia-nos seguindo.

São curiosas estas montanhas, para quem marcha a pé.

A's 8 e meia fizemos alto no Tchiepeppe, descançando á sombra d'um bosque, junto da missão, que me informaram dispôr de grande influencia no gentio da região dos gambos.

Em volta da missão havia grandes pomares e extensos terrenos cultivados.

A marcha foi feita em duas étapes porque não havia agua no Binguiro, sendo preciso transportal-a para alli, afim de se preparar a refeição do café no dia seguinte. Comemos o rancho quente da manhã, e para a tarde foi-nos distribuida uma ração composta de uma lata de conserva, e vinho. Este modo de compôr as rações frias era frequente. A's 4 continuámos a marcha até ás 8 horas, apesar do mau caminho e da noite estar escura. Acampámos no Binguiro. Não pudemos colher impressões do terreno. Sei no emtanto que é um grande largo, onde existem enormes imbondeiros.

Para a Cavalaua

No dia 2 continuámos a marcha, ás 5 horas da manhã. Apezar das difficuldades do dia anterior, poude acampar-se na Cavalaua ás 9 e meia. Estacionámos debaixo do enorme arvoredo, ficando

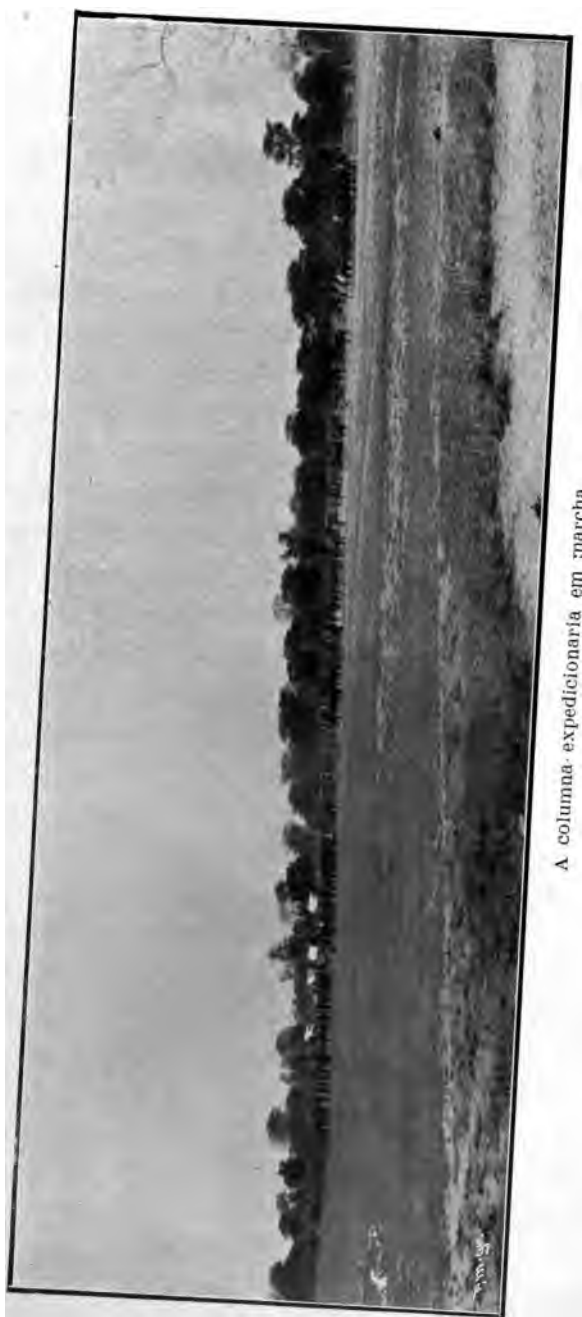
junto d'umas cacimbas (1) previamente abertas para as forças, ou especie de reservatorios! Havia umas taboletas que indicavam qual era a agua para o rancho. Tinha a côr do leite, mas bebia-se.

Descançámos á sombra d'aquellas arvores pelo dia adeante. Uma, era enormissima e tinha no tronco varios nomes e dedicatorias, feitas a canivete, por camaradas nossos d'outras jornadas que as tinham deixado como recordação. No caminho, já nos despertara a attenção, por entre o mattagal, a grande quantidade de imbondeiros, com umas pinhas dependuradas, que se confundiam com enormes ratazanas, e onde se empoleiravam a saborear, a deliciosa e fresca manhã, muitos e variados passaros, que se tornavam engraçados por chilrearem, fugindo quando nos approximavamos.

Alguma coisa nos havia de distrahir!

A altas horas da noite, tivemos a visita da hyena, do lobo e de outros animaes que por lá abundam. Não se approximaram, talvez com receio do lume das fogueiras, senão pode ser que se atrevessem a entrar no acampamento. Se tal fizessem, teriamos de lhe endereçar os nossos

---

(1) Poços de pouca profundidade em terreno arenoso, onde ha agua muito molle.

A columna expedicionaria em marcha

cumprimentos! Foram pois nossos amigos, dispensando a etiqueta.

Para a Cahama

Em 3 continuámos a marcha. O caminho era mau como os anteriores, dando logar aos carros chegarem atrazados, inclusivè o da secção de quarteis, que, não obstante ter partido da Cavalaua, como de costume na vespera, só chegou á Cahama meia hora depois da companhia. Acampámos ás 9 $^1/_2$, n'um grande largo. Proximo havia uma estação telegraphica e palhotas de pretos em grande quantidade.

A agua, apesar de ser má, vinha d'umas mullolas. Para nos abastecer de novos generos, existia um deposito da linha de étapes Humbe-Cahama, dirigido por um 2.º sargento, superintendendo n'aquelles serviços o sr. tenente Severino, um moço que já tinha auxiliado a construcção do forte, e commandou interinamente a 10.ª companhia de landins na campanha, com todos os predicados d'um velho capitão.

Tinha tão boa vontade que trabalhava em todo o serviço que lhe apresentassem. Mas o de mais utilidade foi a direcção e orientação dada aos indigenas da companhia que commandava, como depois tivemos occasião de presenciar.

No dia seguinte, houve o tão precisado descanço, continuando o negocio com os pretinhos.

Para a Cascata Mamã

Em 5, ás 5 1/2 continuamos a nossa, marcha. Era nosso fadario de fazer e desfazer a casa! Mas o nosso caminho cada vez se tornava mais escabroso, não só pelo cançaço de todos nós, como pelo calor que nos asphyxiava. A's 8 acampámos na Cascata Mamã á sombra de arvoredo, ficando as cozinhas proximo a outra mullola (1) identica á da Cahama. Existe alli um barracão feito de troncos e coberto de zinco, que não chegou a ser aproveitado.

Para a Mabéra

Em 6, proseguimos a marcha, que foi bastante penosa, por ser grande e o sol nos asphixiar; conseguiu-se, porém, acampar ás 10 1/4, na Mabéra, um enorme bosque de arvoredo e matto.

A agua era de mullolas. No caminho passámos o Chicusse, onde reside o José Lopes, mais conhecido entre os pretos pelo *Zuza*. E' um commerciante que dispõe de auctoridade sobre os

(1) Logar com agua estagnada de rios seccos.

Um grupo de auxiliares
(O primeiro da direita, do primeiro plano, é o commendador José Lopes)

pretos da região, como qualquer soba; foi com um grupo de serviçaes tomar parte nas operações, para o que se apresentou no Cunene, em seguida á constituição da columna.

D'alli vae-se para a Mabéra por um novo caminho, que se desvia da estrada Humbe-Huilla, e a que ouvi chamar *picada.*

No dia seguinte descançámos até ao rancho da tarde, que nos foi distribuido ás 2 $^1/_2$ horas. Continuando a marcha, atravessámos todo o mattagal e entrámos de novo na estrada. Pouco depois internámo-nos outra vez na matta, indo acampar ás 7 $^1/_4$ na Mu.uqua, enorme planicie, junto a um arimbo (1) de massamballa (2) sêcca. Proximo havia palhotas. Na Mutuqua já encontrámos acampada a companhia dos intrepidos landins de Moçambique, que tinhamos encontrado nos Gambos, e que seguiu depois o nosso itinerario.

Para a Toandiva

Em 8, ás 5 da manhã, continúamos a nossa marcha, fazendo alto ás 7 $^1/_2$ no Chipelongo, onde se cozinhou o almoço, e para a tarde recebemos,

---

(1) Campo cultivado.

(2) Massamballa ou massango, milho miudo aproveitado pelos pretos.

uma refeição fria, composta como as anteriores. Aqui havia outro deposito de étapes, dirigido por um 2.º sargento, e uma grande quantidade de imbondeiros, arvores estas que vi abundarem tanto no Humbe, como no Cuamato. São enormes e indicam que os sitios são insalubres, pois que só n'estes se dão.

Havia tambem aqui outra missão, que principiava a cathequizar.

A agua das cacimbas, além de ser má, tinha de ser trazida de longe.

A's 2 horas da tarde continuámos o nosso arduo passeio, mas agora pela estrada, d'uma areia sequissima. Esta e o pó suffocavam-nos. A matta de espinheiros, que atravessámos, era mais fechada que as anteriores.

A's 7 horas acampámos na Toandiva, grande largo, assombrado por um enorme imbondeiro, com inscripções como as da Cavalaua, mas aquellas davam mais indicações.

O sitio é tambem conhecido por a «Defeza da Bandeira». Foi alli que as nossas tropas sustentaram rija lucta na revolta do Humbe, em 1898.

Para o Lupembe

Em 9, começámos a marcha ás 4 ½ horas, pela estrada, e marchámos até ás 8 horas, havendo

depois novo desvio do caminho que cruza com o Catequero; atravessámos outro enorme mattagal e acampámos no Lupembe ás 9.

A agua era pessima para se beber, tanto que se precisava collocar um lenço no cantil, para nos livrar das maiores impurezas. Não era raro empregarmos aquelle processo de filtrar a agua, mas infelizmente tivemos occasiões de nem assim a haver, por mais immunda que fosse. Coisas só proprias d'estas campanhas, e a que muitos não estão habituados.

Estavamos proximo do Cunene, e quem sabe os espiões, que nos espreitariam, pois o Humbe era o seu foco, e já estavamos n'essa região, embora nos faltasse um dia para chegarmos á povoação.

O serviço de segurança foi reforçado.

Para o Humbe

Em 10, o nosso caminho foi ladeado de matto e imbondeiros. Notava-se bem ser por alli que habitavam os pretos mais selvagens.

A's 7 $^1/_2$ horas avistámos a povoação e a fortaleza. Houve um pequeno alto. Continuando a marcha, 15 minutos depois entravamos no Humbe. Tinhamos bom aspecto, apesar dos 15 dias de marcha; o nosso aprumo e garbo militar despertaram a attenção de todos os habitantes.

Já ha muito tempo que assim não viam uma companhia de gente fresca!

Feita a apresentação ao sr. chefe do concelho, acampámos no largo junto ás habitações, com a frente para a fortaleza. Na occasião em que nos preparavamos para acampar, chegou o sr. chefe de estado maior, que conferenciou por largo tempo com o nosso commandante. Encontrava-se ali havia dias, acompanhado do seu adjunto, o sr. alferes Costa, com o fim de assistir, de mais perto, á concentração das forças, e de tratar de assumptos que diziam respeito á campanha.

Só houve aquelle dia de demora, porque seguimos de novo no seguinte para o forte Roçadas, distante poucos kilometros. O Humbe, apesar de ter o nome de povoação, e a categoria de concelho, nada offerece de notavel, que o distinga dos chamados abarracamentos de guardadores de searas! E' identico aos Gambos. Exceptuada a residencia do chefe e a séde da administração do concelho, que tem um enorme cercado de paus, o resto parece mais uma herdade, do que edificio publico.

As casas da população são velhas cubatas de capim, ou de troncos e adobes para terem mais solidez.

Realmente a uma distancia d'aquellas no interior nada mais se póde fazer.

Os europeus são poucos: apenas quatro commerciantes, e os funccionarios civis e militares.

A fortaleza, reconstruida em seguida á chacina de 1904, para evitar algum assalto dos cuamatos, era guarnecida pelas 16.ª e 18.ª companhias indigenas, estando a ultima reduzida a um minguado effectivo.

A cargo do commando militar havia um deposito de viveres da linha de étapes. A bateria Canet alojava-se n'uns velhos barracões, desde que sahira do Lubango, e continuava em assidua instrucção, ministrada pelos seus officiaes.

Era insano o trabalho por toda a parte.

O 1.º eesquadrão estava acampado no Catequero, povoação proxima d'alli, e quasi abandonada desde as ultimas razzias dos ovampos.

O Humbe, é muito doentio. Região enorme, é a que mais cuidado tem dado ás auctoridades, depois da Ovampa. Os pretos que a habitam são aparentados com os cuamatos, e desempenhavam um grande papel de espionagem, informando de todos os nossos planos, o inimigo.

Nem só na Europa ha espiões. A gente do sertão, tambem adopta este bello expediente, sendo a sua espionagem ainda mais bem feita. Fingiam-se nossos amigos, mas tinham o seu plano feito, para o caso de ficarmos derrotados no Cuamato. Consistia em se sublevarem até á Huilla e aca-

bar de nos derrotar. O odio pela nossa occupação augmentava cada vez mais. Para a realisação dos seus projectos tinham o comtrabando de espingardas, que segundo ouvi dizer, passavam por Benguella.

Se não batessemos os cuamatos, nem adoptassemos uma boa diplomacia com aquelles povos, teriamos em pouco tempo de fazer frente a uma séria revolta, que só seria suffocada, com uma grande columna de tropas, e mediante enorme dispendio para a fazenda. Aquelles negros só eram nossos amigos á passagem das forças, e conspiravam com todo o descaramento logo que lhes voltavamos as costas. Sempre o desejo de nos fazerem damno! Felizmente a nossa ancia pela desaffronta e a boa vontade de servirmos o paiz, pôzlhes termo aos projectos.

Pagaram bem caro o atrevimento e viram que supportavamos como elles o mau clima, e todas as privações. Sabe Deus com que sacrificio!...

N'aquelle dia chegou de noite a Companhia de Guerra, e annunciava-se para breve a chegada de outras unidades e do ex.^{mo} governador geral da provincia. As operações não deviam tardar.

Em 11, ás 5 $^1/_2$ horas, estavamos promptos para continuar a marcha, e appareceu de novo o incançavel chefe do estado maior, para dar as ultimas instrucções. Marchámos pela estrada atra-

vez da matta, encontrando-se maior quantidade de palhotas que das outras vezes. A's 6 $1/2$ passámos n'um fortim, intermediario do forte Roçadas e do Humbe. Guarnecia-o um contigente de indigenas, com o fim, creio, de auxiliar a policia do Cunene durante as grandes enchentes, e para fazer frente ás incursões cuamatas. Pouco depois avistámos, n'um alto, o majestoso forte Roçadas, com o seu pendão das quinas içado. A' medida que avançavamos melhor se divisava. Atravessámos a grande planice, um enorme descampado a que chamam a *Praia do Mosquito!*

As 8 $1/2$ estava-se na ponte, construida dias antes, e assente sobre batelões, pela guarnição do forte onde pouco depois entrámos, sendo bem recebidos, quer soldados, quer officiaes.

A todos despertou attenção a nossa chegada. Tudo tinha curiosidade de ver tanta gente da mesma familia. Não é de admirar, porque aquelles nossos camaradas estavam só acostumados a ver pretos, e espiões a vigial-os.

Acampámos dentro da rêde de arames, com o apoio do forte. A nosso lado acampou tambem a companhia de landins. Assim chegámos ao territorio cuamato, depois de ter atravessado um terreno argiloso, coberto de matto de espinheiros ou muttiati, n'uma extensão de 500 kilometros, marcha sem commodidades, em que iamos expostos

a todo o tempo, e fazendo uso de agua immundissima, como é a das cacimbas.

O passeio não ficava por alli, nem tão pouco as privações. Muitas outras nos estavam ainda reservadas. A «digressão de recreio», como eu lhe chamava, não tardaria a tornar-se muito mais penosa.

O forte Roçadas

Situado no alto de Encombe, corre-lhe em baixo o rio Cunene, que na época das séccas se passa a vau em alguns sitios, e na das chuvas chega a sahir do leito, na extensão de 3 ou 4 kilometros, sendo então navegavel por pequenas lanchas desde o Mulondo até Danguema, onde existem postos militares, que delimitavam a nossa occupação. Em certos sitios divide-se em grandes braços, que ás vezes chegamos a confundir com elle. Respira-se n'aquelle alto um ar puro, e desfructa-se um panorama encantador.

Esta bella fortaleza era rodeada de enormes rêdes de arame, para impedir os cuamatos de lá penetrarem. Aquella sentinella portugueza está n'um sitio pittoresco. Pelo lado do Cunene avistam-se de lá, até grande distancia, as montanhas das regiões do Humbe e Mulondo. Na margem fica o magnifico descampado, conhecido pela *Praia do Mosquito*. Do lado opposto divisa-se o

campo de tiro, perdendo-se a vista na enorme matta que tivemos de atravessar mais tarde, depois de por ella se abrir caminho a machado. Uma linha Decauville communicava com a ponte. A guarnição alojava-se em improvisadas casernas de troncos, capim e zinco. Companha-se da 1.ª Companhia Européa, da 15.ª e 17.ª indigena, e de uma secção de artilheria de montanha, sob o commando do capitão sr. Licinio Ribeiro, que acummulava este cargo com o de commandante da sua companhia e exercia tambem o commando superior do Cunene.

Os cuamatos, depois da descalçadela de 15 e 18 de fevereiro, não voltaram a incommodar a guarnição. Limitavam-se á espionagem. Em todo o caso era o forte vigiado por um cordão de sentinellas dividido em piquetes, sendo duas collocadas sobre um collossal imbondeiro, especie de observatorio. Dois projectores electricos illuminavam a campanha. Para a policia do rio a lancha *Cunene,* que tinha sido encommendada pelo sr. coronel Sousa Machado, para a expedição de 1905-1906. Commandava-a o 2.º tenente da armada sr. Jayme Theodoro da Silva Nunes, que na campanha commandou a bateria de metralhadoras, fumando durante o combate, sempre, n'um enorme cachimbo com todo o sangue frio. Aquella lancha prestou relevantes serviços. A impressão

que causava nos negros da região aquelle *cavallo marinho* era tamanha, que bastava uma apitadela da machina para os afugentar, receita efficaz para os atrevidos pretalhões, capazes constantemente de nos fazerem as maiores surprezas.

Notava-se no forte Roçadas uma certa azafama, como de quem quer pôr coisas em ordem para uma grande jornada.

Nos barracões exteriores, mas appoiados pelo forte e guardados pelas linhas do arame farpado, amontoava-se enorme quantidade de viveres e matrial. Os carros que os conduziam descarregaram-nos na margem opposta, n'um deposito, e era tudo depois transportado em vagonetes sobre a Decauville, ou nas lanchas, e conduzido por carregadores.

Uma completa dobadoira, aquella testa da linha de étapes, base de operações!

V

As operações

A 15 de agosto determinou o quartel general que as companhias de infanteria 12, de marinha, de landins, de Guerra e a bateria Canet formassem acampamento n'um grande morro, que dias antes tinha sido desobstruido pelos degredados civis e indigenas do pelotão de sapadores, protegidos por contingentes das companhias de landins e do 12. O matto e os troncos foram aproveitados para abatizes, que formavam uma linha em volta de todo o morro, reforçada com uma rêde de fio de ferro.

Este acampamanto, por ser no alto Encombe e onde se constituiu a columna, ficou conhecido pelo do Morro Fronteiro e ao Sul do Forte Roçadas. Acampámos em quadrado, estabelecendo-se as cozinhas na escarpa do rio, a uns 50 metros de distancia.

Como permaneciamos em frente do inimigo, estava em armas um terço de cada unidade, e, para maior vigilancia, ás 4 horas da manhã todas as forças pegavam em armas e conservavam-se n'esta posição até ás 6 $^1/_2$. Para um inimigo traiçoeiro, todas as precauções são poucas, tanto mais que para campo de tiro tinhamos a enorme matta de Muttiati, tão fechada que nada se divisava atravez d'ella.

Na ausencia do sr. commandante da columna, que já se encontrava no Humbe, com o ex.mo governador geral e as restantes unidades, dirigia todos os serviços o intelligente e laborioso chefe do estado maior, acompanhado do seu adjunto sr. Costa.

Tres dias depois chegaram as restantes unidades e o sr. commandante, que passou revista ao acampamento, encontrando tudo na devida ordem.

A's 8 horas da noite, houve um alarme. Era a primeira visita que nos faziam os inimigos. Dispararam da matta quatro tiros. Rapidamente pegámos em armas e estivemos em fórma durante algum tempo, sem lhes responder. Como viram que lhes não ligavamos importancia, deitaram falla dizendo:

— A terra é nossa! Tratem de se pôr fóra da terra, senão os correremos a pau! O' seus va-

lentes, saiam d'ahi e venham para o matto! Maneputo (1) só tem força de mulher!

Estas imprecações eram dictadas pelo rancor em que estavam por lhe não fazermos duas ou tres descargas por todo o quadrado. Percebeu-se-lhe o intento. Isto agora era outra gente. Não era má tactica aquella!

As visitas nocturnas, deram-se mais vezes.

O trabalho no acampamento redobrou com os preparativos de marcha e tambem para a revista, passada pelo sr. governador geral.

Foi esta no dia 20 pelas 8 ½ da manhã, para o que se levantou o acampamento, formando toda a columna em trez escalões, a 50 metros d'este e em columnas duplas. A mesma disposição, pouco mais ou menos, da marcha no territorio inimigo.

A' chegada de sua ex.ª salvou a bateria Canet com 19 tiros. Na revista foi acompanhado por todo o quartel general, e elogiou muito a disposição e o aprumo das tropas.

Foi uma revista passada no silencio proprio de campo da batalha, formatura em nada comparavel com as que se realisam no nosso hypodromo de Belem. Substituimos o grande uniforme pelo da lucta na frente do inimigo.

---

(1) **Europeus, tropas do governo.**

Foi um acto commovente para todos os que n'elle tomaram parte. Alli não havia os olhares indiscretos das multidões, que movidas pela curiosidade assistem ás revistas de tropas, e depois ao seu desfile.

Quantos corações palpitariam n'aquella occasião, pela sorte das nossas armas? E quantas duvidas haveria ainda? O caminho redemptor, era avançar, e era com isso que nos preoccupavamos; todos anciavam por bater-se, e vêr se o inimigo cumpriria a sua promessa, fazendo frente ao portuguez, o primeiro soldado do mundo.

A formatura terminou ás 9 ½, voltando as tropas ás suas anteriores posições.

Em seguida foi o ex.mo governador geral visitar o forte Roçadas, onde examinou toda a construcção, e os trabalhos e preparativos de marcha, desde aquella base de operações.

N'esse dia foi publicado, uma ordem do theor seguinte:

«Aqui, no proprio local e no proprio momento, do começo da guerra, venho saudar a columna de operações, contra o Cuamato, em nome do governo, da nação, e do proprio povo, que represento, exprimir-lhe a certeza de que mais uma vez os soldados portuguezes de terra e mar, disciplinados, resistentes e bravos, saberão honrar, por

uma fórma tradicional, por ousadias e glorias a mais nobre herança do passado.

«E venho ainda dizer ás tropas da columna, que atravéz da sua marcha, dos combates, e no meio dos trabalhos e perigos que a rodeiam, a nossa attenção e o nosso interesse, os mais ardentes votos seguem sempre a seu lado, acompanhando-os passo a passo, dia a dia e sentindo, ao mesmo tempo, a confiança no plano, que com a ajuda de Deus, e a força das suas armas, um exito completo virá recompensar tanta somma de coragem e dedicação, de bôa vontade e de previdencia, aqui empenhada no cumprimento do dever, a bem do serviço militar.

«Que a columna avance pois em corôa de louros e levante bem alto essa bandeira, cuja guarda e defesa a nação aqui lhes entrega.»

Estas palavaras da allocução feriram-nos o coração, porque foram cumpridas estrictamente com todo o heroismo e boa vontade.

Ah! Se a historia patria podesse, escrever nas suas paginas d'oiro todos os nomes dos que a serviram!

E bem assim os seus rasgos e feitos verdadeiramente heroicos!

O sr. governador geral foi nosso hospede, durante dois dias, acompanhado do seu ajudante de campo, e retirou depois para a Huilla, onde aguardou anciosamente as primeiras noticias da campanha. Só depois de ver que a sorte das nos-

sas armas levava caminho favoravel, se retirou para Loanda.

No dia seguinte, ficou a columna formada sendo a sua constituição publicada em ordem. Tinha o effectivo approximado de 1:800 homens, com 10 boccas de fogo e 4 metralhadoras.

Quartel general. — Commandante: José Augusto Alves Roçadas, capitão do serviço do estado maior e governador do districto da Huilla. Ajudantes: alferes Germano Dias, e José Velloso de Castro. Chefe do estado maior: capitão do serviço do estado maior, Eduardo Augusto Marques. Sub-chefe: tenente de cavallaria, com o curso do estado maior, Joaquim Pinto Mascarenhas. Adjunto: alferes de cavallaria José da Costa. Chefe dos serviços de saude, o medico de 1.ª classe Alfredo Borges. Chefe dos serviços admnistrativos: o tenente da administração militar Domingos Ferreira. Amanuenses, dois sargentos; ordenanças, trez; tratadores de cavallos, seis; aspirantes do telegrapho, dois; guarda-fios, dois.

Para o Estado Maior havia 9 solipedes.

As tropas

Infanteria Europêa — *Companhia expedicionaria de marinha.* Commandante, o 1.º tenente da Armada Victor Leite de Sepulveda; 3 segun-

dos tenentes, 5 segundos sargentos, e 162 cabos, soldados e corneteiros.

Companhia expedicionaria do regimento de infanteria 12. Commandante, o capitão Francelino Pimentel; 2 tenentes, 2 alferes, 2 primeiros sargentos, 6 segundos, e 213 cabos, soldados e corneteiros.

1.ª Companhia Européa de infantaria de Angola. Commandante, o capitão Domingos Patacho; 4 subalternos; 8 sargentos; e 157 cabos, soldados e corneteiros.

2.ª Companhia Européa de Angola. Commandante, o capitão José Antonio de Araujo; 3 subalternos; 4 sargentos; 114 cabos, soldados e corneteiros.

CAVALLARIA. *Grupo dos Dragões.* Commandante, o capitão de cavallaria Alfredo Rodrigues Montez; ajudante, o tenente Lusinhan. — *1.º esquadrão.* Commandande, o capitão, Gonçalves Galvão; 3 subalternos; 8 sargentos; 1 selleiro; 81 cabos e soldados; 3 ferradores; 3 clarins, 17 auxiliares e 101 muares. — *2.º esquadrão.* Commandante, o tenente Alfredo Pedreira Martins de Lima; 3 subalternos; 1 veterinario; 5 sargentos; 102 cabos e soldados; 2 ferradores; 3 clarins; 30 auxiliares e 95 cavallos.

ARTILHERIA. — *Bateria Canet.* Commandante, o tenente almoxarife Francisco Gonçalves; 2

subalternos; 4 sargentos; 2 artifices; 30 cabos e soldados serventes; 3 clarins e 16 conductores indigenas. Boccas de fogo 4; muares 23.—*Bateria Ehrardt.* Commandante, o tenente de artilharia Xavier Esteves; 1 subalterno; 4 sargentos; 1 artifice; 36 cabos, soldados e clarins; e 15 conductores indigenas. Boccas de fogo 4; muares, 27 — *Bateria de metralhadoras.* Commandante, o tenente, da Armada Jayme Theodoro da Silva Nunes; 1 subalterno, de infanteria; 12 cabos e soldados europeus e 6 indigenas. Metralhadoras Nordenféldt, 4; bois 8.

INFANTERIA INDIGENA.—*10.ª companhia de Moçambique* (landins). Commandante, o tenente Ignacio Soares Severino; 4 subalternos; 5 sargentos; 37 cabos e soldados; 3 corneteiros.—*14.ª companhia de Angola.* Commandante, o capitão Mario Sousa Dias; 5 subalternos; 7 sargentos; 154 cabos, soldados e corneteiros. — *15.ª companhia de Angola.* Commandante, o capitão Licinio Ribeiro; 3 subalternos; 4 sargentos; 152 cabos, soldados e corneteiros. — *16.ª companhia de Angola.* Commandante, o capitão Ramos da Silva; 5 subalternos; 4 sargentos; 172 cabos, soldados e corneteiros.

TREM DE COMBATE. — *a) Secção de artilheria.* Alferes Marçal; 2 segundos sargentos de artilharia; 1 cabo; 12 soldados europeus e 20 indigenas;

carros alemtejanos 12; muares 24. — *b) Ambulancia.* Director o chefe de serviços de saude, e os facultativos Côrte Real, Rodrigues, Fonseca, e Costa; 8 enfermeiros, 6 serventes, 2 cozinheiros, 1 soldado conductor, 20 maqueiros, 1 carro alemtejano, 2 muares. — *c) Secção de agua.* 1 sargento, chefe de secção; 4 soldados; 5 serviçaes; 14 carros boers com o seu pessoal; 280 bois para tracção. — *d) Serviços administrativos.* 1 official da administração militar; 2 subalternos; 2 sargentos e 2 soldados; 17 carros boers; 340 bois de tracção. Gado para abater, 40 cabeças. — *f) Municiamento de toda a columna.* Cavallaria e infantaria, 120 cartuchos por praça, e 130 no trem de combate. Peças Ehrardt, 166 tiros por peça e 60 no trem de combate; 120 tiros por peça Canet e Krupp, 72 no trem de combate; 10:000 por metralhadora, indo 6:000 no armão e 4:000 no trem de combate.

Com duas peças Krupp que ficaram nos postos de occupação organizou-se uma secção de artilharia, a fim de proteger a escolta do comboio na retaguarda.

Para o commando d'esta secção foi nomeado o 2.º tenente da Armada sr. Alvaro Penalva, distincto official da nossa marinha de guerra, muito conhecido na corporação pela sua affabilidade e intelligencia e superiores dotes de com-

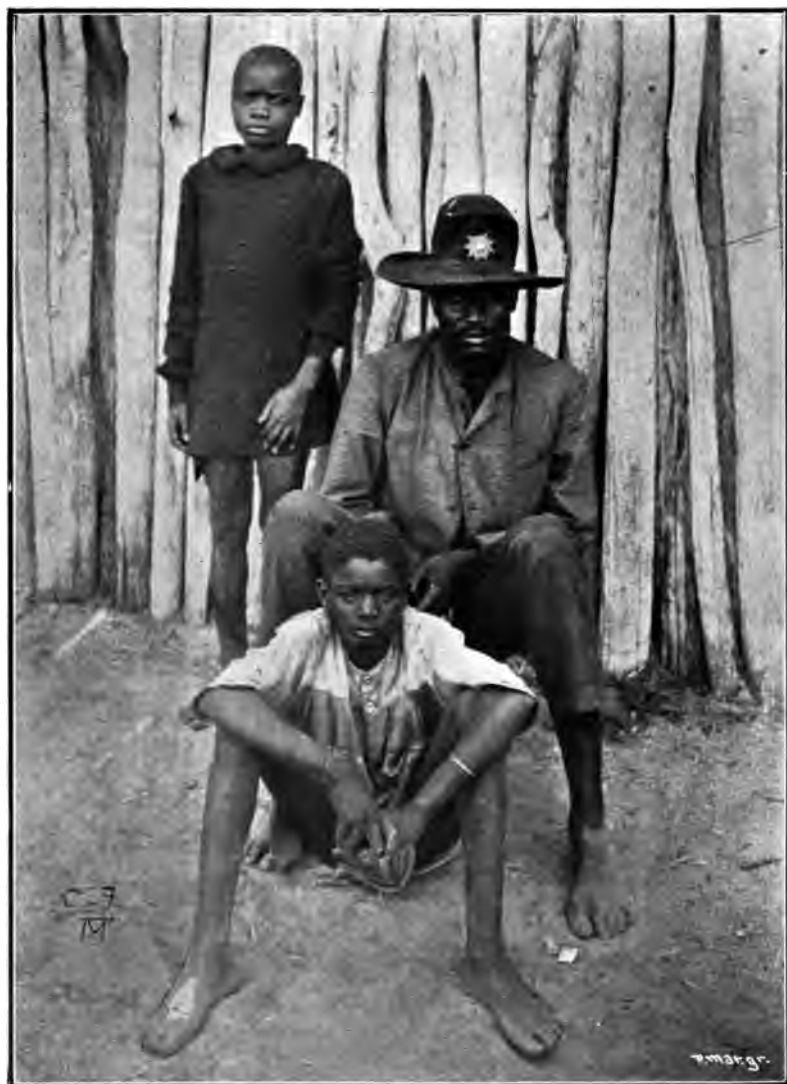
mando, que bem honram a nobre familia a que pertence.

Em seguida á construcção dos fortes do Aucongo e Damequero, passou este sr. official a ser adjunto ao quartel general, desempenhando aquelle novo cargo como um conhecedor de serviços do estado maior, transmittindo todas as ordens do governador, com uma serenidade e modestia, que causava a admiração de todos os seus camaradas.

Organizada a columna com este effectivo, houve ainda mais tarde algumas modificações nos serviços do comboio.

Um reconhecimento

Convinha distrahir os atrevidos e audazes negros, e sobre onde elles concentrariam as suas forças, porque a sua espionagem redobrava de dia para dia, e tinhamos em breve de encetar a marcha de avanço.

Para esse fim, em 22, ás 8 horas da manhã, a companhia de marinha e o 1.º esquadrão de dragões foram reconhecer o vau de Pembe, o memoravel sitio da passagem dos nossos companheiros de armas em 1904. A minha companhia ficou de prevenção, caso fosse preciso algum auxilio. As duas referidas unidades seguiram pe-

Kallipallula (guia da columna), seu sobrinho e um criado

las duas margens do Cunene, cada uma por seu lado. Acompanhava-as o sr. chefe do estado maior.

Regressaram ás 2 da tarde, sem novidade alguma, tendo apenas a cavallaria visto n'um monticulo um grande magote de cuamatos, que os não hostilisaram.

Aquelle caminho, já muito conhecido pelo inimigo não convinha. Era preciso arranjar outro e illudir os negros. Appareceu-nos então um guia que conhecia tudo na região; foi elle que nos salvou, mas tendo ao cabo de toda a gloria um fim tragico. Chamava-se Kallipallula, e era um homem tão alto como não existia egual em toda a columna, apesar do elevado effectivo que n'esta havia de europeus e indigenas. Tinha o aspecto d'um grande guerreiro — $1^m,98$ de altura — e ar pouco sympathico. Fidalgo do Cuamato Grande, a sua historia é deveras curiosa. Pertencendo-lhe o sobado, por direito heriditario, intrometteu-se na eleição a politica de varios fidalgos influentes, e foi outro o nomeado, com prejuizo de Kallipallula.

Receioso da grande preponderancia que este exercia na região, o soba eleito, Quietequella, mandou-o matar, e a mais alguem de sua familia de influencia politica e ordenou que lhe fossem confiscados os bens.

Vendo esta attitude, tratou Kallipallula de emigrar com a sua familia para o Cuanhama, sendo na fuga perseguido, azagaiado e ferido com um tiro o fidalgo derrotado na eleição pelos seus subditos, que lhe não tinham dado voto de confiança!

Engraçadas estas questões gentilicas.

A demora no *exilio* foi curta, porque o Cuanhama mandou-o expulsar, com receio de guerra com o Cuamato, consentindo-lhe que lá ficasse apenas a familia.

Kallipallula passou o Cunene e refugiou-se no Humbe, onde foi tambem pouco feliz, porque a gente d'aquella região o foi denunciar á auctoridade. O homemzinho ficou atrapalhado quando viu que era conhecido, receiando a morte por ser cuamato. Isto, quando todo o intuito da nossa parte, era pacificar, occupando aquelle vasto territorio, onde o pendão das quinas tinha ficado coberto de crepes, pela matança dos nossos camaradas.

N'esta occasião encontrava-se no Humbe o nosso chefe do estado maior, a tratar dos serviços que diziam respeito ás operações; depois de se informar da situação do fidalgo aspirante a sobêta, mandou aproveita-lo para guia.

A idéa era muito boa, mas o pretinho não queria acceitar o cargo de traidor á sua patria

e só depois de muito instado e de muita diplomacia, se conseguiu que acceitasse, ficando aggregado ao quartel general. Fez-se acompanhar de um creado e um sobrinho. Para interprete foi escolhido o auxiliar Andrade.

Ah, que se o cuamato soubesse o effeito que produziu o seu rival!

Ninguem acreditava na boa fé do Kallipallula, fazendo a principio cada qual os seus commentarios. Só depois avaliámos a sua boa vontade de nos servir, indicando-nos sempre o melhor caminho e onde se podia encontrar agua.

Os seus serviços principiaram a ser-nos uteis no dia 23, quando elle nos disse qual o melhor ponto por onde se devia abrir o caminho na enorme matta.

Os sapadores divididos em tres fracções, sob o commando do sr. alferes Jonet, procediam áquelle serviço já havia dias. Como fosse preciso distanciarem-se para longe, foram n'este dia de manhã protegidos pela companhia do 12, e de tarde, das 2 $^1/_2$ ás 5 $^1/_2$ horas, entrou tambem n'esta protecção a marinha.

Abriram-se tres caminhos n'uma extensão de 4 kilometros, sendo o do centro destinado para a face da frente, comboio e face da rectaguarda, e as lateraes para as outras faces.

Entretanto, punham-se em andamento os diffe-

rentes serviços, para encetarmos no dia 26 a marcha, atravez do territorio inimigo; no forte Roçadas faziam-se os ultimos preparativos, carregando carros de viveres e material, e enchendo de agua no Cunene uns improvisados tanques de zinco.

Marcha para o combate

Em 25, ficaram guardados no forte Roçadas as bagagens, reservas de fardamento e outro material julgado desnecessario.

Conduziamos apenas o armamento, o correame, a tenda abrigo enrolada no capote, e o municiamento para o combate, e bem assim rancho frio de latas de conserva para dois dias, o que depois teve de dar para tres, visto não se ter podido cozinhar rancho. Coisas imprevistas.

O acampamento desmanchou-se ao fim da tarde e fomos formar no local da revista do dia 20, promptos para marchar. Assim dormimos, de espingarda ao lado, cobertos apenas pelo capote. Estava-se em disposição de combate, deixando pois de haver a costumada barraquinha.

Já nem essea brigo podiamos ter! A columna, como indiquei na marcha de 20, formava em trez

escalões de columnas duplas. A companhia de infanteria 12, por constituir a face da frente, encorporou-se no 1.º escalão.

A's 3 da manhã foi a alvorada sem toque, que se substituiu pelo aviso do quartel general ás unidades, adoptando-se esta fórma em todos os bivaques durante a campanha. A manhã estava fria. Tomámos o café e uma ração de aguardente, que muito bem nos soube.

Fizeram-se os ultimos preparativos de partida e os carros, que na noite antecedente tinham ficado carregados na escarpa do forte e do morro, tomaram o seu apoio ao centro do quadrado. No forte Roçadas, ficava de guarnição a 17.ª indigena, algumas praças europêas doentes e os impedidos nos serviços administrativos e nas ambulancias, sendo o commando militar exercido interinamente pelo sr. tenente Valle.

Depois de tudo assim em ordem, começou a columna a sua marcha ás 7 horas da linda manhã do dia 26 de agosto. Deixavamos, pois, o alto da collina do Cunene.

Na frente, a 100 metros, seguia um pelotão de cavallaria, flanqueadores e pequenas patrulhas. A guarda avançada compunha-se de um pelotão de cada unidade do 1.º escalão, constituido por infanteria 12, marinha, 1.ª Europêa, que marchava pelo caminho central. Seguia-se o trem de com-

bate e comboio, uns 30 carros. Pelos caminhos lateraes, seguiam os restantes escalões.

Na frente a 100 metros ia o pelotão de sapadores, dividido em tres fracções, derrubando o matto fechado.

Um grande grupo de auxiliares hollandezes e residentes da Huilla, com uma enorme comitiva de serviçaes, envolviam a columna, por todos os lados, em serviço de exploração, deixando, porém, de nos dar protecção depois do primeiro combate, mas prestando ainda revelantes serviços, pelo seu arrojo e valentia, alguns d'estes auxiliares, taes como o José Lopes, Andiz, Vellem e Venter, que possue a Torre Espada pela campanha do Mulondo.

Marchava-se n'um religioso silencio, maior ainda do que se fossemos n'uma escolta de procissão. Apenas se ouviam as caracteristicas vozes dos conductores dos carros e o estalar dos chicotes. Todos caminhavam com a mesma alegria, anciosos, impacientes por se baterem. Não havia o mais pequeno temor, apesar de poucos terem feito marchas como aquellas.

Deixámos o caminho aberto dois dias antes; estavamos proximo d'uma chana. O matto outra vez fechado e o caminho arenoso faziam com que os carros, só pudessem andar a um de fundo, augmentando a profundidade do comboio. In-

terrompe-se a marcha por momentos. O sol aquecia-nos com os seus raios, incommodando-nos bastante. Fazia-se a marcha vagarosamente, á medida que os sapadores cortavam o matto e o arvoredo.

Entra-se na chana — um enorme descampado, com uma ou outra arvore dispersa — passamos um arimbo de massamballa, onde se encontraram os restos de palhotas queimadas pelos Dragões n'um dos reconhecimentos, por occasião da passagem do Cunene em 1906, quando os nossos camaradas, no meio de enorme fuzilaria, tiveram de retirar para o forte Roçadas, ainda em construcção, e chegaram ali em estado deploravel por terem de atravessar a galope o mattagal de espinheiros.

Deixa-se a chana, e entra-se em nova matta; pouco depois depara-se com outra chana — a Tchafende — descampado muito maior que o antecedente, e bello campo de tiro. Alli esperavamos ataque, e tomaram-se as precisas precauções, avançando sempre.

Podiamos ter andado 7 kilometros, mas, como já fossem 11 horas, o quartel general mandou bivacar em quadrado, a meio da chana, formando-se o entrincheiramento e parapeito, por meio dos saccos de que as praças iam munidas e que ellas enchiam de terra. Fez a construcção da

fórma seguinte: a 1.ª fileira de cada unidade, avançava 25 passos para a frente, e tomava a defensiva no caso de ataque; a 2.ª abria a trincheira, em linha recta, e, em vez de lançar a terra para a frente, enchia os saccos e collocava-os aos grupos de dois e dois; feito isto, a 1.ª fileira recolhia para dentro, e assim nos abrigavamos do tiroteio. Para evitar os tiros de enfiada, construiram-se nos bivaques a seguir travezes de saccos, de esquadra para esquadra.

Estava, pois, completo o novo e improvisado aquartellamento. Nem só os coelhos hão-de dormir debaixo do chão; nós agora tambem os egualavamos! Quando nos distribuiram os saccos, dois por cada praça, antes da marcha, achámos-lhe *piada*. Das pás, foi dada uma por cada grupo de quatro praças.

Os trocistas lembraram-se de dizer, que passavamos a coveiros! Judeus! Mas nas occasiões do perigo, é que bem pudemos avaliar a utilidade dos saccos de linhagem e da maneira de nos aquartellarmos como coelhos.

Só a experiencia é que nos abriu os olhos. A 1.ª étape em terras do inimigo estava feita. Fizemol-a sem novidade, debaixo d'um calor asphyxiante. Decididamente os cuamatos não queriam ainda combate. Ou teriam as suas forças tresmalhadas? Era geral o nosso espanto. Mas

ao escurecer surgem elles da matta, e em grandes berros dizem:

—*Havemos de vos correr a pau! Amanhã castigaremos o vosso atrevimento!*

A onda que nos increpava devia ser enorme, pelo sussurro das vozes. Não se ligou importancia áquelles ditos, e a pretalhada raivosa retirou afinal.

Na trincheira, e deitados na relva do capim, ferviam os commentarios: se elles nos dariam ou não combate? Depois cahimos todos no silencio da noite, mas promptos á primeira voz.

A cama, já se sabe, era o chão, e ficámos expostos ao cacimbo!

Se os cuamatos soubessem que tudo supportavamos, nunca teriam feito a guerra, mas ainda julgavam—patetas!—que nos achavam como ás outras columnas. Isto agora levava outros *lombes* (1), porque havia a dura lição da matança! Havia a boa vontade de lhes saltar em cima, sem perguntar qual era o numero de combatentes!

---

(1) Chefes ou commandantes.

Disposição do bivaque

A companhia de infanteria 12 e a de marinha, com uma metralhadora ao centro, e duas peças Ehrardt em cada angulo, formavam a face da frente. A da direita era guarnecida pela 1.ª Europêa e pela 10.ª de landins, com uma peça Canet, ao centro, e uma metralhadora; pela 15.ª que desenvolvia, para a retaguarda, a formar esta face com a 16.ª e a 14.ª, tendo uma metralhadora ao centro e duas peças Canet e Krupp em cada angulo. A face esquerda era formada pela 14.ª, que desenvolvia, um pelotão da retaguarda, pela 2.ª Europêa e pela companhia de Guerra, com uma metralhadora e uma peça Krupp ao centro. O pelotão de sapadores, dividido em tres fracções, bivacava na retaguarda da face da frente. Ao centro do quadrado ficou o quartel general, o trem de combate, a ambulancia, o comboio e os dois esquadrões de cavallaria.

Em 27, ás 7 ½ horas, encetámos a marcha para fazer a 2.ª étape. Antes d'isso foi distribuida a cada praça uma ração de aguardente e 3 decilitros de agua.

Mal julgariamos que até a agua se havia de beber por medida!

O entrincheiramento foi desmanchado despejando-se os saccos — era sempre esta a primeira

coisa que se fazia em todos os bivaques, antes de se proseguir a marcha.

Deixámos a Tchafende, e entrámos no matto. Uma especie de garganta communica com a chana Lilaloanbe, enorme como na antecedente. Na frente ha nova garganta de matto, mas mais espesso que o das outras. Como o caminho fosse melhor, caminhava-se mais rapimente, no emtanto houve um alto para se principiar a derrubar o matto e concentrar todos os carros.

Decididamente o inimigo dava o dito por não dito; não apparecia. Depois de curta demora continuámos o avanço, e, a meio da matta, pára-se outra vez, por o Kallipallula dizer que estava na frente, a chana grande do Mufillo, que segundo a *lenda do feitiço, é o campo do silencio!* Será alli o ataque do inimigo? A anciedade augmenta cada vez mais.

Os sapadores continuam na sua faina destruidora, e os auxiliares avançam a explorar o terreno. Não tardaram. Vinham a correr, muito espavoridos avisar o sr. governador.

— O que ha? pergunta o nosso capitão Roçadas, ao vêl-os tão assustados, e a fugirem para dentro das fileiras.

— Senhor, a chana esta negra de cuamatos! (ou *vá-cuamatui*, que é este o verdadeiro nome, na linguagem d'elles).

O nosso commandante sorriu, pois bem percebeu que os homenzinhos, com o susto, já não sabiam onde se metterem.

Da nossa parte é que ninguem se commoveu, e continuamos a marcha; pouco depois, avistámos a chana, onde nem signaes de gente havia. Penetrou n'ella lentamente o 1.º escalão, esperando o comboio.

Combate de Mufilo em 27 de Agosto de 1907

VI

O combate do Mufilo

Os dois commandantes da companhia do 12 e da companhia de marinha, sorriem duvidando do encontro com o inimigo.

— Aqui não ha combate, diz o de marinha ao do 12. Não achas que é um bello campo de tiro?

Retorquiu-lhe o outro:

— Acho. Olha para o matto. Seremos alvejados, sem podermos regularisar as pontarias, e que grande quantidade de morros de salalé (1).

A um terço da chana o primeiro escalão faz alto, esperando o resto das forças e o comboio, que ainda veem no meio da matta. São nove horas e meia da manhã.

Que irá succeder?

---

(1) **Enormes montões de terra, onde a formiga salalé habita, e que são optimos abrigos para o preto.**

Os carros vão entrando, e as forças tomando algumas das disposições de combate em quadrado. Quando só faltavam dois carros boers e um alemtejano, que vinham ainda na matta, ouve-se um tiro, e a este signal principia o tiroteio certeiro e intenso do inimigo, sobre a nossa retaguarda, occasionando uma certa perturbação nas fileiras d'aquella face, guarnecida por forças indigenas.

Os esquadrões simulam uma carga, estendendo o 1.º em atiradores, a fim de proteger os carros, e permittir que os carreiros os conduzam para o centro da chana. A muito custo se conseguiu isto, sendo necessario abandonar um carro alemtejano, por ter o eixo partido, havendo-se-lhe previamente retirado toda a carga. O sr. capitão Luiz Carrilho, encarregado do commando do comboio, desenvolveu muita actividade, dirigindo o avanço dos carros, e foi o ultimo a entrar no quadrado.

Tudo concentrado, era preciso reformar a face da retaguarda; seguiu para alli o 2.º pelotão do 12 commandado pelo sr. tenente Beirão, e intercalou-se entre os pelotões indigenas, o que concorreu bastante para os animar.

Vendo o inimigo formado o quadrado, envolve-o por todos os lados, subindo o tiroteio á maior intensidade. Percebe-se que faz o ultimo

esforço para nos derrotar, com as suas espingardas Kropaschek, Mauser e Martini, algumas municiadas com bala explosiva. Aqui e alli cahem feridos, alguns para não mais se levantarem. Os maqueiros já são poucos para transportar tanto ferido, e os negros abrigados no matto julgam-se senhores do campo e da lucta.

Não obstante, as cargas dadas por algumas unidades, com o fim de afugentar o inimigo, o combate não termina e as baixas augmentam cada vez mais. O quartel general dá ordem para o intrincheiramento, trabalho que se executa rapidamente; as primeiras filas sustentam a defensiva, e as segundas vão abrindo a trincheira. A's 11 $^1/_2$ estavamos abrigados.

Apesar de ser aquelle o nosso baptismo de fogo, todos combatiam com um verdadeiro sangue frio, ajoelhados. Os officiaes estavam de pé a dirigirem o fogo por descargas, e o nosso commandante de companhia corria d'um lado ao outro dando ordens, incutindo coragem e pedindo-nos que não desbaratassemos munições, e fizessemos boas pontarias. Parece que assistiamos a um exercicio. E elle a dizer-nos:

— Rapazes, a victoria é nossa! Coragem!

Mas a intensidade do fogo não diminuia. Agora já não nos produzia baixas, porque estavamos entrincheirados; mas o gado, carros e tudo o

que estava ao centro do quadrado e representava alvo, era attingido.

Os atiradores escolhidos, que no entrincheiramento permaneciam de olho á espreita, respondiam ao ataque quando melhor divisavam o inimigo, porque este a principio não apparecia, tão fechado era o matto. As descargas eram feitas com calculo, que mais tarde soubemos não ter sido errado.

Aquillo parecia-me um arraial, tal era a variedade do fogo! Effectivamente era um arraial heroico, que só a habil penna d'um critico eminente, poderia descrever. As cargas de bayoneta dadas pela companhia de marinha, pela 1.ª Européa e pelas de guerra e landins; a artilharia a atirar nos angulos, com toda a precisão, ensanguentando o matto com os destroços que faziam os seus projecteis; as metralhadoras, espalhando os seus tiros em semicirculo; as descargas dadas por todas as companhias, como se fossem um só tiro, tudo produzia um effeito tão maravilhoso, que de certo nenhum outro portuguez da época actual terá assistido a espectaculo comparavel.

Não ha maneira de o inimigo recuar; de repente ouve-se uma voz no bivaque:

— Vae sahir a cavallaria!

O grupo dos esquadrões, sob o commando do sr. capitão Galvão, avança com effeito pela reta-

guarda, ao som da marcha de guerra, e bate toda a orla, destroçando as forças inimigas. No regresso trouxeram os primeiros tropheus do combate: eram cintos de cartuchame e algumas espingardas. Depois do fogo, chamou-nos a attenção o cartuchame, porque, com geral espanto, alguns cartuchos tinham a data de 1905!

O fogo diminuia um pouco, mas logo que a cavallaria deixou de carregar sobre os pretalhões, voltaram elles á sua furia envolvente.

A carga de cavallaria

O sr. governador, que se conservava a cavallo, assim como alguns officiaes do quartel general, com toda a serenidade percorria as faces do quadrado. Vendo o avanço da onda inimiga, ordena a sahida do 2.º esquadrão, montado em cavallos argentinos. Tocou a montar, e o audacioso esquadrão, commandado pelo sr. tenente Martins de Lima, sahe do quadrado, percorre a matta em todas as direcções, obrigando o inimigo a dividir as forças. Para isso, fizeram um esforço verdadeiramente heroico, porque, internados no matto, as avalanches negras envolvem os cavalleiros; estes apontam o perigo ao seu commandante, que, não perdendo a coragem, se volta para elles e de espada em punho, grita:

— Soldados! O nosso esquadrão, quando se vê cercado, abre caminho á ponta da lança. Carregar!

O que então se passou não é facil de descrever: todos se atiraram ás cegas, sahindo em breve livres d'aquella armadilha, matando á espadeirada ou á lançada todos os negros, que lhes tentam embargar o passo.

Vendo a attitude do esquadrão, os mais atrevidos fogem trepando para cima das arvores, e continua o ataque, mas muito enfraquecido.

O esquadrão retira, entra no quadrado, pela face da frente, lado direito. O seu aspecto marcial encheu-nos de enthusiasmo. A' frente, os clarins tocavam a marcha de guerra; Martins de Lima, de monoculo e luvas calçadas, olha para todos os lados.

Seguiam-se os cavalleiros com um aprumo tal que mais pareciam vir d'uma revista. Aquelle aspecto encheu-nos de admiração, e de todas as faces rompeu uma manifestação calorosa, em especial das companhias de marinha e de infanteria 12, que, esquecidas por completo da lucta que ainda continuava, subiram para cima do improvisado parapeito formado pelos saccos, acenando com chapeus e lenços e acclamando aquelles que nos recordavam os nossos cavalleiros da antiguidade, e as luctas de morte ou

gloria. «Viva a cavallaria! Viva a cavallaria!!» eram os gritos que se escutavam, sendo o commandante do esquadrão cumprimentado por todo o quartel general.

Os bravos vinham esfarrapados; trouxeram um cabo morto, e alguns soldados feridos, dois d'elles por duas vezes, e tinham perdido muitos cavallos.

A' 1 hora da tarde, o fogo deixou de ser intenso e tornou-se intermitente. Foi então que se poude comer um pouco da ração fria, mas a sêde, com o calor da lucta, abrazava-nos; todos pediam agua, chegando alguns ao desespero de praguejarem pela morte!

Conseguiu-se que, em pequenos turnos, se fosse ao comboio, beber a ração, revesando-se n'este serviço ou trazendo-se agua para os que sustentavam a defensiva.

As queixas não partiam só de nós, estendiam-se aos proprios animaes.

Ao cahir da tarde, o fogo declinou muito; como os auxiliarcs, durante a marcha tivessem descoberto uma cacimba na orla da Lilaloonbe e Lufilo, o quartel general ordenou que a companhia do 12 e a cavallaria, fossem proteger a data de agua. A marinha desenvolveu para guarnecer toda a face, emquanto se ir dar cumprimento áquella ordem.

Os esquadrões montam a cavallo, e sahimos

do quadrado, principiando os carreiros e conductores a tocar o gado e as muares.

O inimigo, julgando ser uma retirada, envolve de novo o quadrado e as forças que sahiam, com uma furia tal que nos obrigou a desistir da missão.

Voltamos a occupar as primitivas posições, generalisando-se o fogo, intermitente durante a noite.

Depois do combate

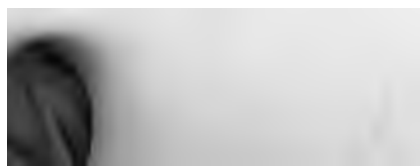
Ao passar-se pelo centro do quadrado, deparava-se um espectaculo horroroso: os bois urravam com sêde, outros tinham o lombo esfolado e as pernas quebradas; de egual sorte soffriam os cavallos e as muares.

O tiroteio não poupara ninguem.

Na ambulancia — umas improvisadas barracas, formadas pelos pannos-tendas que cobriam dois carros, — amontoavam-se 34 feridos europeus e 19 indigenas; alguns tinham mais que um ferimento; os medicos e enfermeiros eram impotentes para acudir a tantas dôres. Sete dos feridos pertenciam á minha companhia.

Cobertos com pannos-tendas, jaziam deitadas no solo e em linha as victimas do dever: 10 mortos europeus e 3 indigenas.

Lá estavam dois camaradas meus do 12: o 2.º

Curando os feridos

cabo 279, Manoel Rodrigues e o soldado 233, Augusto Valladares d'Aguiar: o primeiro morreu quasi instantaneamente, logo que principiou o ataque, não chegando a dar um unico tiro; o segundo, foi pouco depois attingido por duas balas, uma feriu-o de raspão n'uma perna, e outra no peito, depois de lhe atravessar a marmita. Era o melhor atirador da companhia!

Além d'estas baixas, havia ainda cinco officiaes feridos, um dos quaes mortalmente, pois falleceu passado dois dias, o sr. tenente veterinario Pereira, ferido na nuca, quando se dirigia para a ambulancia em companhia do sr. chefe do estado maior e do seu commandante de esquadrão, isto depois de o ter coadjuvado nas brilhantes cargas; e o sr. alferes Vellozo de Castro, ajudante do sr. governador, debaixo do queixo, e que passados dias, e, embora ainda em tratamento, retomou o seu posto. Os outros feridos foram o sr. capitão Sousa Dias, n'um braço, e o meu tenente Figueiredo, n'um pulso.

A chana do Mufilo ou o *Campo do Silencio* é enorme; prolonga-se por mais de 1:300 metros. Rodeiam-n'a um mattagal cerrado de muttiati, e muitos morros de salalé. N'um d'estes morros, correspondente á face da retaguarda, havia um buraco onde se escondiam nada menos de dez ou doze negros.

O inimigo aproveitara lindamente aquelle terreno, julgando-se alli invencivel. Isto não obstou á nossa victoria, embora, por tal motivo, se gastassem muitas munições e perdessemos muitos camaradas. Felizmente não foram tantos como elles desejavam. Pelo tiroteio e informações da cavallaria e pretos do Humbe, calcularam-se em 7:000 os combatentes inimigos. Depois soubemos que estas informações estavam longe da verdade, pois que além dos cuamatos tambem nos atacaram o *barantus* da colonia allemã, os quambis gangellas, e 11 lengas do Cuanhama, apezar dos seus protestos amigaveis, com 5:000 homens debaixo das ordens do celebre salteador Makir, que tem dirigido todas as guerrilhas, que invadiam até Caconda os nossos territorios. Ao todo uns 25:000 homens, dos quaes 7:000 armados de espingardas *finas*. Estes rodeiavam toda a chana, estendendo-se os restantes armados de azagaias e porrinho, e formados em dois cordões, pelas chanas até proximo do forte Roçadas, com o fim de despojar das roupas e do armamento aquelles que tentassem fugir da matança, que, estavam convencidos, havia de ser no Mufillo. Do ataque á retaguarda foram incumbidos os cuanhamas capitaneados pelo celebre salteador, e do das outras faces, as restantes tribus.

Effectivamente pela retaguarda é que o ataque

foi mais renhido. Tentavam aprisionar os carros, julgando que só vinham guardados por forças indigenas, mas enganaram-se. Nem aquelle a que se partiu o eixo puderam apanhar, pois que a artilheria lhes despejou para cima duas cervejas, segundo, n'esta campanha, chamavam os soldadas aos tiros das peças Ehrardt (1).

Pagaram com a vida o atrevimento vendo-se por largo tempo em decomposição, os cadaveres de dois d'aquelles atrevidos, que os outros não poderam esconder; porque, caso curioso, os mortos eram em geral conduzidos para longe pelas cuas (2) de reserva.

Perderam tempo na organisação d'estes planos; mas quantos sacrificios e boa vontade se empregaram!

O inimigo soffreu uma grande derrota, não só pelas suas baixas, como pelo que perdeu em força moral.

A noite passou-se na trincheira, ouvindo-se um ou outro tiro disparado da orla.

Dois projectores lançavam os seus raios em

---

(1) Resultava isto de se separar uma especie de copo de metal do envolucro das granadas que rebentavam. Encontraram-se muitos entre o capim.

(2) Pequenas columnas e chamamento de guerra para as juntar.

procura dos negros. Todos velavam pela segurança do bivaque, apesar da fadiga do dia. Depois de amanhecer, ouvia-se ainda de vez em quando algum tiro. O quartel general ordenou a data de agua que se malograra na vespera.

Deixámos o bivaque. A companhia do 12 e os esquadrões internaram-se no matto e assim se cumpriu a missão, entrecortada uma vez ou outra pelos tiros que atravessavam o quadrado.

Era preciso fazer nova étape, por ser a posição insustentavel e tambem porque convinha mostrar ao inimigo toda a força e energia.

Logo que recolhemos ao bivaque, foi desfeito o entrincheiramento, e procedeu-se como no Tchafende.

N'esta occasião, os negros emboscados fazem enorme borborinho, para a reunião das suas cuas e se opporem á marcha. As peças dos angulos da frente dão tres tiros e ás 9 horas punha-se a columna em marcha, que pela primeira vez foi feita em quadrado.

Iamos cheios de alegria e animação pela victoria alcançada na vespera.

A ameaça de nos *correrem a pau* ficava de môlho, embora nos tivesse custado a vida dos que ficavam sepultados na Chana do Silencio e o soffrimento dos que vinham mutilados na ambulancia.

Que lindo espectaculo o da marcha do quadrado, movendo-se n'um silencio e regularidade como se fosse em parada!

Teriamos andado uns 400 metros, quando deparámos com uma enorme avelanche de cuamatos, correndo d'um lado para o outro, com o fim de nos envolverem.

O quadrado faz alto, a artilheria trôa por momentos, obrigando-os a dividirem-se. Continuámos a avançar, e, á medida que assim procediamos, os raios solares incidiam sobre nós e a sêde resequia-nos. O quadrado obliqua um pouco, sahe da chana, entra n'um arimbo e depois n'uma matta fechada. Os sapadores avançam derrubando arvores grossas e as praças da primeira fileira vão com os sabres destruindo o matto e limpando o terreno. N'aquellas alturas tudo se aproveitava para abrir caminho!

No Aucongo

A's 10 ³/₄, tendo-se andado uns dois kilometros, fizemos alto, ficando duas libatas ao centro do quadrado. Kallipallula diz ser alli o Aucongo, e que proximo havia mais libatas (1), e entre ellas,

---

(1) Grupo de palhotas, com um cercado de paus a rodeal-as.

uma pertencente a uma fidalga velha, de muita confiança do soba, possuindo por isso de grande influencia no povo cuamato.

O quartel general reconhece o terreno para bivaque e o quadrado obliqua de novo. Uma das libatas, a do angulo esquerdo, foi queimada, e a do centro serviu durante cinco dias, para improvisada enfermaria, até se transportarem os doentes para o forte Roçadas. Estavam abandonadas, e continham apenas panellas velhas de barro, onde os pretos cozinhavam a comida, grande quantidade de aboboras e massambella e enormes cestos de verga, a que chamam kingas. Havia ainda pouco tempo que tinham sido as ultimas colheitas.

O pretinho tambem costuma ter a época do S. Miguel do nosso lavrador. N'aquelle anno houve duas d'essas épocas: a das colheitas e a das operações. Não foi mau S. Miguel!

A's 11 estava formado o entrincheiramento, e dentro d'elle bivacámos com o mesmo dispositivo anterior. Fomos indo depois, por pelotões, ao comboio receber agua, mas a sêde era tanta que para nada chegou a escassa ração.

Como o terreno fosse abundante em agua, embora má, cada companhia abriu duas cacimbas; sendo a agua de uma para o rancho e a da outra para se beber. A primeira agua que se encontrou

desappareceu logo, porque todos a bebiam, apesar de barrenta, quasi preta. Foi preciso guardar as cacimbas com sentinellas, e os officiaes de serviço não arredarem pé d'alli emquanto a agua não assentava.

Em vista d'esta medida, os que não podiam supportar por mais tempo o terrivel inimigo, chupavam bocados d'abobora; a sêde foi tanta, que uma cacimba de agua suja, que os auxiliares encontraram antes de se bivacar, desappareceu rapidamente comprada por bom dinheiro. Os patifes até n'aquellas alturas queriam negociar!

A face da frente e a da direita não tinham campo de tiro, mas a da esquerda e a da retaguarda podiam atirar para uma chana de mais de 800 metros de largura e para a orla do matto desobstruida durante o avanço.

Apesar do cansaço e de ainda não haver rancho n'aquelle dia, os sapadores, a marinha e os soldados do 12 avançam um pouco para o mattagal, derrubam-o, e o mesmo fazem aos morros de salalé, o melhor dos abrigos de que o inimigo fazia uso. Este trabalho foi demorado e tão difficultoso que só se conseguiram uns 100 metros de campo de tiro.

Os cuamatos não davam signal de si. Já teriam medo, ou estavam nossos amiguinhos?

Isto motivava reparos, no emtanto á cautella o entrincheiramento foi feito com toda a segurança.

A situação durou pouco tempo. O inimigo não arrefecia, espionava de perto, a ver se aproveitava um leve descuido para nos trucidar.

Os auxiliares disseram que na orla da chana havia duas enormes cacimbas. Convindo poupar a agua do bivaque, ao fim da tarde o tenente sr. Martins de Lima pediu auctorisação ao sr. governador para os cavallos irem beber agua n'aquellas cacimbas.

Concedida a auctorisação, os esquadrões sahem do bivaque, acompanhados pelos auxiliares que possuiam cavallos.

Os audazes aventureiros levavam o gado á mão, como se tudo aquillo fosse nosso, o que n'esta occasião ainda era duvidoso, pois ninguem diria que em tão pouco tempo se conquistara a região d'um povo aguerrido, que nos havia infligido tres derrotas, e que, a tres dias de marcha, combatia com exito, desde 1904, contra as forças de uma potencia estrangeira n'uma lucta sem treguas, não obstante os milhares de homens, commandados por um general, que esta possuia, e dos grandes recursos que ella mantinha, tendo por exemplo uma commissão permanente a comprar cavallos na Republica Argen-

tina, para a campanha. E nós, em proporção, eramos tão poucos!

Só por milagre poderiamos levar a melhor, dizia-o toda a gente.

Não foi bem o milagre, que nos fez vencer, mas sim a vontade que tinham todos de bem servir a sua Patria, fazendo por ella todos os sacrificios e a boa orientação do commandante da columna.

Os cavalleiros conseguem bom resultado para o seu intento, porém Martins de Lima não se satisfaz só com isto. Vendo na matta grande quantidade de libatas, não quiz arredar pé sem as queimar.

A idéa, bem acolhida por todos, foi posta em pratica, deitando-se fogo a duas palhotas. Quando se preparavam para queimar outras, surprehendeu-os um enorme tiroteio.

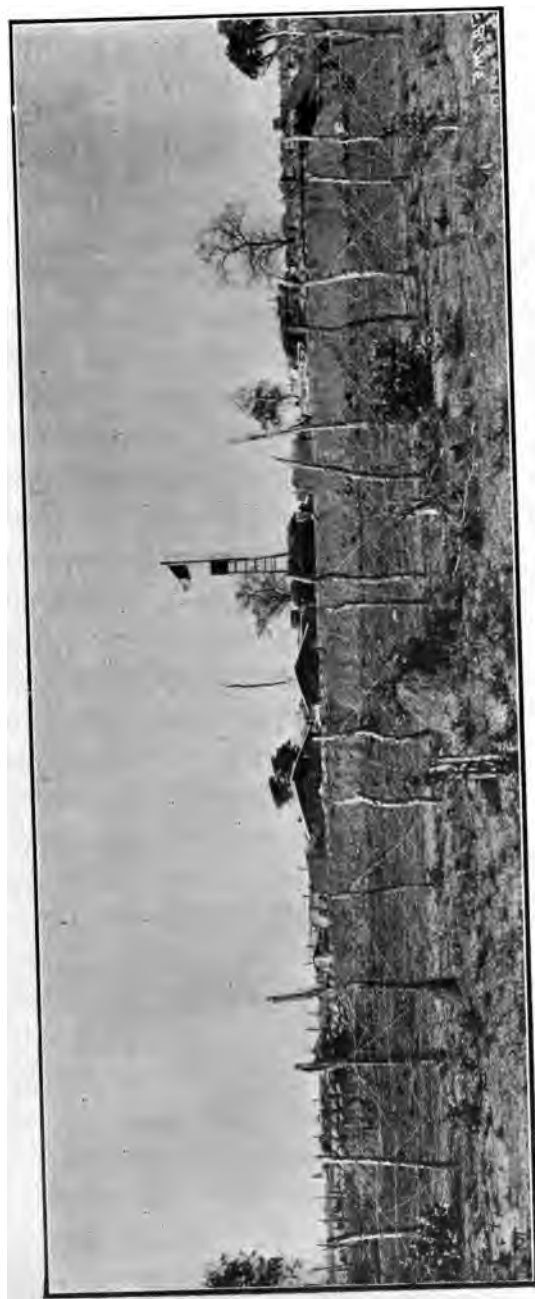
Os cavalleiros montam apressadamente, e os negros, percebendo a barafunda, envolvem-n'os rapidamente, e chega a haver lucta corpo a corpo.

No quadrado percebeu-se a situação dos nossos, e, para os proteger na retirada, sahe a companhia de Guerra, ao mesmo tempo que a face da frente e a da direita sustentam rijo ataque, porque o inimigo julgou o bivaque pouco guarnecido. Prolongou-se o ataque por bastante tem-

po, mesmo depois de todos os nossos camaradas estarem entrincheirados. N'este recontro morreu um soldado da companhia de Guerra, e teve dois feridos a cavallaria e tambem aconteceram peripecias curiosas. Houve, por exemplo, dois auxiliares que só por milagre se livraram das mãos dos cuamatos; foi o Baptista e o soba-capataz da gente do heroico José Lopes. Ao primeiro partiram-lhe os dentes com uma moca de pau ferro, e o segundo foi agarrado pelas costas, mas não perdendo a serenidade e como trazia a espingarda a tiracolo, lá conseguiu, conforme poude, disparal-a, ferindo mortalmente o seu captor!

Outros casos se deram que nos fizeram rir a bom rir, apesar de o momento não ser para graças. A noite passou-se sem novidade. De quando em quando, um ou outro tiro dos espiões cortava o silencio, não nos deixando socegar.

Em 29 continuou o trabalho de deitar a baixo os morros de salolé e limpar o terreno. O quartel general ordenou a construcção d'um fortim, que seria o primeiro posto de occupação dos 12 kilometros conquistados. Formou-se-lhe o parapeito com saccos de terra. Dirigiu a construcção o commandante dos sapadores, sr. alferes Jonet.

O fortim é um quadrado com dois tambores em

O forte do Aucongo

angulos oppostos, e um fôsso sob a protecção de uma rède de fio de ferro.

O inimigo não appareceu durante o dia, e conservou-se na espectactiva.

A' tarde sahiu uma pequena columna, sob o commando do chefe do estado maior, composta dos dois esquadrões e uma secção de Ehrardt, e da 1.ª companhia Europêa e de uma companhia indigena. Ia incumbida de queimar as libatas, que a cavallaria no dia antecedente não podera incendiar, e de reconhecer por onde se deveria effectuar a marcha de avanço para a emballa do soba Chieta-quella, rei d'aquelles povos.

Estas forças foram atacadas, prolongando-se o ataque á face da frente, a que melhor se prestava para isso, por causa do matto. Foi rijo, pois o inimigo tentava penetrar no quadrado. A noite approximava-se e nada mais havia a fazer do que retirar. Foi o que se fêz, por lances, com toda a regularidade, ao clarão do tiro das peças e da fuzilaria.

O inimigo, julgando-se de posse do terreno, pretendeu dar um golpe de mão e cortar a retirada aos nossos camaradas. O sr. governador, no angulo esquerdo da face da frente, observava todas as phases do reconhecimento; percebeu-lhes o intento, e mandou sahir do bivaque a companhia de Guerra, que formou no flanco es-

querdo um colchete offensivo e desalojou o inimigo, fazendo-se a retirada com toda a ordem.

Enraivecidos os negros, voltaram a sua attenção para o bivaque, envolvendo-o em fogo, com toda a valentia, durante algum tempo. N'esta acção tivemos um sargento morto e tres feridos, um dos quaes foi o sr. tenente de cavallaria Martins Soares.

Só com esta dedicação verdadeiramente heroica podiamos fazer frente ao inimigo, pois este procurava com todo o cuidado não nos deixar sahir d'alli.

Noticias para a Patria

Precisava-se abastecer a columna de novos viveres e estabelecer as communicações. Assim se fez. A ordem n'esse dia determinava que um destacamento composto pelos dois esquadrões de cavallaria, pela companhia do 12, pela 10.ª de Moçambique, por uma secção de artilheria Canet, e pelos auxiliares, sob o commando do capitão sr. Francelino Pimentel, meu commandante, marchasse em 30, ás 4 e meia horas da manhã para a base de operações, afim de escoltar um comboio só de viveres e material.

Com esta ordem ficou surprehendida toda a companhia, por esta não ser a primeira, na or-

dem das unidades, e não pertencer ao nosso commandante o commando d'aquella escolta. Porém a missão cumpriu-se sem hesitações, não obstante todos julgarem que haveria ataque na marcha. Eramos portadores do telegramma para Portugal, relatando os nossos feitos.

N'esse dia á noite, assignou o sr. governador, á luz de phosphoros, na trincheira e ao som d'uns *tirinhos,* que um raivoso do matto lhe mandava, aquelle telegramma, e outros despachos, para serem entregues ao commandante do forte Roçadas.

Em 30, á hora determinada, deixámos o Aucongo. Na matta, em volta do bivaque, havia differentes fogueiras espalhadas. Eram dos espias.

Ao romper do dia encetámos silenciosamente a marcha e atravessámos o territorio conquistado com tantos sacrificios. A's 7 estavamos no morro fronteiro e ainda lá vimos vestigios do acampamento, o primeiro em frente do inimigo. Que saudades d'aquelles dias 15 a 26 d'agosto, e da bella agua do Cunene!

Pouco depois entrámos no forte sem novidade. A guarnição recebeu-nos de braços abertos, com um enthusiasmo louco, redobrando este quando lhe relatámos as nossas victorias.

Fomos logo cercados. Tudo queria saber pormenores do nosso baptismo de fogo. Tinham ou-

vido a intensidade dos combates, especialmente o do Mufillo.

Os mais ingenuos confundiram-no com uma enorme trovoada! Não foi má trovoada aquella!

A agua recebida do Cunene, era agora á discreção. Como mudámos de fatos, já pareciamos outros! Tinhamos chegado immundos, pois havia quatro dias que se dormia no chão!

Pernoitou-se alli duas noites. Um bom descanço. Um somno reparador. Ouvimos a continuação do tiroteio no bivaque apezar da distancia que nos separava. Eram os negros a atacar os nossos! Não arrefeciam os malditos!

No forte Roçadas soubemos, por informações do Humbe, que para o ataque de 27 se tinham conjugado todas as tribus, até á distancia de 11 leguas do Cuanhama, com toda a sua gente, mas vendo que não obtinham resultado favoravel, haviam retirado para as suas terras.

E quantos do Humbe?

D'estes nada se sabia, mas o que é certo é que os malvados jogavam com pau de dois bicos!

De nada lhes valeu o conluiarem-se, porque nem a tiro nos correram. Quanto mais a pao, conforme nos ameaçaram! No dia 1 de setembro deixámos o forte, ás 5 1/2 da manhã.

Escoltamos o comboio composto de 35 carros de viveres, munições, etc.

Um pesado comboio. E se fossemos atacados? Era este o nosso cuidado, pois que poderiamos ser trucidados e então ficava tudo perdido.

— Combateremos até ao ultimo esforço, ouvi eu dizer em segredo a um sr. official, e que o nosso commandante, no plano da marcha, dissera: «A nossa missão é chegar ao Aucongo com o comboio, e, se o não podermos fazer, o ultimo recurso é incendial-o e morreremos juntos d'elle»!

Marchámos vagarosamente, a ladear os carros puxados por 16 juntas de bois. Na frente e nos flancos ia a cavallaria em exploração.

Quando deixámos o mattagal e entrámos nas chanas, o receio augmentou. A's 9 horas, quando estavamos na orla do Mufillo e Lilahombe, os exploradores notaram que quatro negros fugiam apressadamente de um esconderijo.

A marcha continuou, com todas as precauções, e pouco depois atravessavamos a chana do memoravel combate. Foi a primeira vez que pudemos contemplar o majestoso campo, onde dormiam o somno derradeiro os nossos pobres mortos. Aqui e alli fragmentos de caixotes abandonados, e algumas muares e cavallos mortos.

A's 10 horas chegámos ao Aucongo. Que enthusiastica recepção nos fizeram! Os nossos camaradas tinham tido o mesmo receio, de, na marcha, haver combate.

A' entrada do bivaque, que foi pela retaguarda, os vivas á Patria, á companhia do 12 e ao seu commandante prolongaram-se por bastante tempo. O sr. governador com todo o quartel general, vieram-nos felicitar pelo bom exito obtido.

Para redobrar o enthusiasmo, traziamos noticias das familias e entes queridos. Tinha chegado o correio, e embora a correspondencia fosse atrazada, alegrava sempre os ausentes do seu lar ou da sua terra.

Vieram tambem as primeiras felicitações, um enorme maço de telegrammas.

A alegria reinava por toda a parte. O campo de tiro ainda não estava bem desobstruido, não obstante o insano trabalho dos nossos camaradas. O inimigo conservava-se silencioso desde a vespera.

Havia surpreza ou cilada pela certa. O cuamato, sempre traiçoeiro, não nos perdoava o termos-lhe occupado a região. No dia 2, ás 4 da tarde, quando o gado pastava na chana, sobre o flanco esquerdo, e se procedia á distribuição do rancho, deu-se novo ataque sobre as faces da frente e da direita. O gado retira apressadamente tangido pelos seus guardadores, nós deixamos ficar o rancho por comer, e corremos a tomar a defensiva, outros que tinham ido ás cacimbas, ficam lá a encher os cantis, ou correm para a trincheira.

Sargentos expedicionarios de infanteria n.º 12

Foi uma barafunda medonha para aquelles que não estavam de prevenção. Devido ao arrojo do 1.º sargento Leite, do quartel general, que se pôz, elle proprio, a tocar o gado, visto os guardadores terem ficado assustados, só se abandonaram uns seis bois, que o inimigo tentou apanhar.

Sahiram do quadrado a perseguir os seus tomadores, uma peça Ehrardt e dois pelotões da companhia de Guerra.

O ataque foi violento, até ás 6 $^1/_2$; apezar de bem entrincheirados, lá perdemos mais um soldado da 1.ª Europêa e tres indigenas feridos.

Por entre o tiroteio percebiam-se as imprecações e insultos que nos dirigiam.

Como só lhe respondiamos com uma ou outra descarga, e o objectivo d'elles era que desperdiçassemos munições, quando ouviram o toque de cessar fogo, feito por ordem do sr. governador, avançaram para nós em attitude de entrar no bivaque, rompendo-o então da nossa parte um tiroteio certeiro e mortifero, que lhes causou bastantes baixas.

Apezar de esconderem os seus mortos, os auxiliares descobriram, passados dois dias, grande numero de cadaveres na orla da chana. No ar abundavam as aves de rapina, prova evidente da enorme mortandade.

De novo a caminho

No dia 4, os esquadrões e uma companhia indigena foram escoltar, até ao forte Roçadas, os feridos, e conduzir o gado ao pasto do Cunene, devendo, na volta, acompanhar novo comboio de mantimentos. Combinou-se deitar tres foguetes para dar signal do dia do regresso.

O fortim estava concluido, compondo-se a sua guarnição da 15.ª companhia indigena, de duas peças Krupp e Hotchkiss, e de uma metralhadora, sendo seu governador o capitão sr. Licinio Ribeiro, que com bastante pezar assumiu aquelle commando, pois queria acompanhar a columna; mas as necessidades do serviço, valem mais que todas as vontades!

O resto da columna, depois de deixar no posto a minguada bagagem e diversas coisas desnecessarias, sahiu, ás 7 da manhã, a fazer o reconhecimento dos arredores do bivaque, com o fim de queimar umas libatas do feiticeiro Ninhau, que dispunha de toda a preponderancia na terra, sendo conselheiro dos guerreiros, que o escutavam como verdadeiros crentes. A marcha seria feita em quadrado. A minha companhia d'esta vez forneceu tres pelotões para a face da frente e um para a da retaguarda, indo na da frente o 1.º, 2.º e 4.º

Atravessámos a matta onde se encontravam restos das palhotas queimadas, e aqui e alli covas que serviam de abrigo aos espiões.

O matto ia sendo destruido, á medida que se avançava, para se executar a nossa passagem.

A's 9 horas, andados dois kilometros, avistámos a chana Macuvi, rodeada de muitas libatas. Logo que a face chegou á orla, ouviu-se o toque da cua.

As peças Ehrardt dão dois tiros na direcção d'esse toque, e proseguimos a marcha, entrando-se n'um arimbo defendido por sebes.

Os sapadores avançam a incendiar uma libata, e continua-se a marcha pelo matto e outros arimbos. Quando se lançou fogo a outra libata, romperam alguns tiros. A seguir generalisou-se um ataque envolvente, identico ao da acção do Mufillo.

Incendeiam-se mais duas libatas e a columna faz alto, respondendo ao ataque.

Continua-se o avanço, até proximo de outra libata rodeada de arimbo differente das outras: uma especie de recreio, á sombra de uma palissada. O tiroteio continúa, tendo já produzido baixas nas nossas fileiras. Mas aqui o inimigo tenta embargar-nos o passo. Aquella libata, é a do Ninhau. Os sapadores sahem de novo do quadrado e incendeiam-n'a. Então o fogo sobe á

maior intensidade: o inimigo emboscado no ca pim e na matta, quer vingar-se da offensa.

Estava cumprida a nossa missão.

Nada mais havia que fazer d'aquelle lado. O sr. governador manda marchar o quadrado para a chana, afim de incendiar outras libatas.

Logo que o quadrado se desloca, o inimigo segue os nossos passos, redobrando de furia e procurando cortar a retirada para o Aucongo a todo o quadrado.

As baixas augmentam, e o quartel general ordena o regresso ao bivaque.

Esta ordem é transmittida ás faces verbalmente, porque não convinha que o inimigo nos percebesse o intento, o que deu logar a um pequeno deslocamento das faces.

A da retaguarda, os 3 pelotões do 12, a companhia de marinha, 4 peças Ehrardt e uma metralhadora, são que protegem o regresso, luctando com sérias difficuldades, pois os serventes das peças vinham fatigados, e não as podem conduzir, e as muares estavam umas mortas e outras feridas.

O sr. commandante da companhia do 12 dá ordem aos seus soldados para conduzirem uma peça, e prestar auxilio a outras; egual medida toma o sr. commandante da companhia de marinha para com os marinheiros.

As muares são despojadas dos cofres de munições e arreios. Para este fim avançou para a frente da linha de fogo o soldado n.º 229 José Ferreira, que tirou, a uma das muares, os cofres e os ajudou a conduzir com o 277, Augusto das Neves Rocha.

O sr. commandante de marinha e o sr. tenente Beirão seguram outros cofres, que entregam a dois soldados.

Mais um combate

O inimigo percebeu-nos o intento de retirar, e approxima-se até 100 e 50 metros e menos ainda, tentando entrar para dentro das fileiras, mas o nosso capitão Pimentel manda desenvolver o 4.º pelotão para a esquerda, em colchete defensivo.

Assim vamos retirando por lances. Os ultimos pelotões a retirar é do sr. alferes Passos e outro de marinha. Conseguimos chegar á orla do matto, fazendo frente ao inimigo.

O fogo affrouxou um pouco, e, como se estava proximo do Aucongo, respondia-se ao tiroteio pelos flancos oppostos. Assim se chegou ao entrincheiramento, protegendo as duas companhias, ultimas que chegaram ao bivaque, o pelotão dos srs. tenente Beirão do 11, e 2.º tenente Rego, de marinha.

Só com esta disposição e graças ao arrojo da parte dos commandantes de marinha e 12, se poude fazer frente ao audaz negro, que por todas as fórmas nos tentou destruir.

Em poder do inimigo nada ficou, a não ser um cofre vasio e as muares mortas, porque as feridas de menos gravidade, conseguiu-se conduzil-as para o bivaque. Os feridos foram para a ambulancia. A maior parte vinham em braços; eram 22, sendo 12 da minha companhia. A columna sustentou o ataque no bivaque ainda por bastante tempo.

Apesar de só durar tres horas esta acção, e de nos havermos abrigado o mais possivel na marcha de avanço, soffremos ainda assim perdas deveras importantes. Dos feridos, 4 foram-n'o mortalmente, um dos quaes era o 1.º cabo 149, Paulo d'Oliveira.

E quantas mais baixas haveria, se não fosse a boa vontade de todos?

Era esta a quinta acção e foi talvez a que mais nos deu que fazer entre as onze de toda a campanha.

Até o guia Kallepallula tinha sido ferido por duas vezes.

O ataque apresentara tendencias de se generalisar ao fortim, tendo atravessado a chana grande quantidade de pretos e chegando alguns

a approximar-se do entricheiramento das unidades; não o atacaram, porém.

Ao escurecer ouviu-se o toque da cua em differentes direcções, acompanhada dos gritos de *que haviam de dormir nas nossas trincheiras, já que lhes queimavamos as casas.* Estas e outras imprecações eram já muito nossas conhecidas, e limitámos-nos a estar na trincheira em armas até ás 8 da noite, hora a que se montou o serviço de segurança, podendo os que não entravam de serviço aquella hora descançar um pouco. Pela segurança do bivaque todos velavam, no emtanto era nomeado diariamente, para entrar de serviço, o seguinte pessoal: um official de inspecção, que rondava o 1.º quarto da noite, com attribuições de official de ronda superior; officiaes subalternos, que rondavam os restantes quartos nomeados por escala no quartel general, e um terço da força de cada unidade, que ficava em armas.

No dia 5 estivemos de prevenção, para sahir a fazer nova razzia aos arredores. Resolveu porém, o sr. governador pôr isto de parte. Durante o dia divisaram-se grupos de negros que passavam a orla em direcção ao campo do Mufillo, o que fez avolumar as suspeitas de que o inimigo tentava de novo occupar o terreno conquistado, ou que, avisado pelos espiões, pretendia atacar o comboio, que breve se esperava.

A anciedade foi augmentando, até que no dia 6 a ordem da columna determinou que estivesse prompta para sahir no dia 7, a fim de esperar o comboio, caso apparecesse o signal combinado. Effectivamente ás 8 ½ horas estalavam no ar os foguetões, ao que se respondeu, do bivaque, com outros tres, signal de entendido.

Na madrugada de 7, pelas 4 ½ sahiu a columna. Formação a mesma do dia 4.

Ao amanhecer passámos a memoravel chana, sendo apenas incommodados pelo cheiro nauseabundo das muares insepultas e dos cadaveres em decomposição escondidos por ali.

As tropas internaram-se na matta, que separa as duas chanas, e esperaram em quadrado o comboio.

Como este não apparecesse, adeantou-se o sr. chefe do estado maior com um official adjunto, e percorreu a galope todas as chanas, regressando ao cabo de alguma demora com a noticia de que o vira já proximo.

Esperou-se mais algum tempo, e o comboio foi chegando, indo os carros resguardar-se no centro do quadrado.

A's 10 ½ horas encetava a columna a marcha para o Aucongo, onde chegámos tres quartos de hora depois.

Esta jornada reanimou-nos por completo as

forças. O inimigo concentrava-se na frente, defendendo o caminho palmo a palmo. O avanço impunha-se e estava preparado para breve. Seguiram-se mais dois comboios a escoltar viveres, e conduzindo os feridos das ultimas escaramuças e acções.

Até 10 nada mais houve de anormal, a não ser a faina de desobstruir o campo, sendo os sapadores protegidos por contigentes nomeados pelo quartel general.

Queimavam innumeras libatas abandonadas, onde se encontrou grande quantidade de mantimentos, como massango, massanballa e milho, com que o preto faz o *pirão,* sua comida habitual.

O Aucongo e os seus arredores agora deshabitados pareciam um deposito da linha de étapes!

Em 10, á tarde, a ordem do dia determinava que a columna continuasse a marcha no dia seguinte, e que o 1.º esquadrão ficasse no posto do Aucongo, afim de coadjuvar o serviço de escolta de outros comboios, e a montagem da linha telegraphica para o forte Roçadas, que ainda se não havia conseguido estabelecer.

Iamos em fim principiar o avanço desejado. Ou o inimigo nos esmagava d'uma vez para sempre, ou teria de consentir na occupação definitiva de toda a região.

Mas agora as nossas forças eram menores,

porque além dos doentes, feridos e mortos, deixavamos a guarnição do forte.

Não havia duvida. Redobrariamos o esforço, como era do nosso dever!

VII

Renhidos combates. O segundo posto de observação

No dia 11, ao amanhecer, a columna estava prompta para continuar a difficultosa marcha. Antes haviamos tomado uma ração de aguardente com o café.

O despositivo foi o mesmo da primeira acção.

Atravessámos a matta, seguindo o caminho aberto pelos sapadores dias antes, e chegámos a uma pequena chana, com libatas na orla, que os auxiliares foram incendiando á medida que se avançava.

Atravessou-se nova facha de muttiati, para entrar em outra chana coberta de capim e tambem rodeada de libatas.

Ouve-se no matagal alarido de gente. Tomam-se

Ha certa perturbação nas fileiras. O sr. governador cruza os olhares com o nosso commandante de companhia, como a interrogal-o. Ouvem-se vozes de commando, mandando tomar disposição de ataque e incutindo coragem. Aquelles tiros tinham outro fim: não era a morte dos dois sapadores, mas sim a do sr. governador e outros officiaes do quartel general, e a do nosso guia.

Novo ataque envolvente

Duas descargas e tres tiros de peça convergem sobre o mattagal; das libatas, porém, nada mais se ouviu. O fogo intenso não pára, e o sr. governador manda avançar, embora as difficuldades, por causa do terreno, mal o permittissem.

Faz-se um lance; tomam-se e incendeiam-se duas libatas.

O tiroteio sobe á maior intensidade; ouvem-se descargas e tiros de peça partindo de todas as faces. O inimigo tenta o ultimo esforço para evitar o nosso progresso. Avançámos mais um lance, e entrou-se n'uma chana. Conforme se tinha podido, abrira-se caminho, para as peças e carros.

As balas chovem d'outras libatas e da matta, em todas as direcções. Vamos avançando, respondendo sempre ao tiroteio, e todas as libatas

que ficam proximo são queimadas pelos sapadores do flanco direito.

Continúa o ataque e a marcha; o inimigo recúa na nossa frente, tomando novas posições, ou fica escondido na matta, a atirar contra as outras faces, visto ser varrido pelas pontarias da face da frente.

No mais aceso da lucta não se dava pelos mortos, nem pelos feridos; avançava-se. Aquelle fogo violento havia já seis horas que nos perseguia, tendo a companhia Europêa e os landins feito contra os atiradores varias cargas á bayoneta.

Ao meio dia e meia hora, tinhamos andado 8 kilometros, Kallipallula disse que se estava no Damequero, e apontou para uma facha de matto, que havia no flanco direito com duas libatas. No flanco esquerdo ficava outra.

O esquadrão marchou em torno d'esta, dando uma carga, para desalojar o inimigo e perseguiu-o; as duas companhias de marinha e a do 12 assaltaram o Damequero á bayoneta. São derrotados os negros, e nas posições que occupavam foi feito o bivaque. Affrouxou o tiroteio. Os aguerridos negros já se convenceram de que, não obstante nos terem causado baixas avançamos sempre, até mesmo debaixo de fogo.

A face da frente e a direita ficaram na orla da matta; as restantes, na chana.

Para se formar o entrincheiramento, avançou 50 metros um pelotão do 12, e outro de marinha, a fim de evitar algum ataque de surpreza, porque havia muitos morros de salalé para além do matto cerrado.

O entrincheiramento fez-se debaixo de fogo intermittente, a que respondiam os atiradores escolhidos, e um ou outro tiro de peça e de metralhadora. A's 2 ½ horas tinha cessado o tiroteio, e incendiaram-se as libatas. Estava, pois, feita a 5.ª étape, de 27 kilometros e venceramos a 6.ª acção. Talvez fosse esta a que mais terror causou ao inimigo. Os cuamatos nunca pensaram que chegassemos alli. Ignoravam ainda de quanto é capaz o portuguez!

Lá, falleceram mais 8 dos nossos camaradas, durante o avanço, e 17 ficaram feridos. A minha companhia perdeu o soldado 244, Adolpho de Oliveira, e teve tres feridos. Pobres victimas do dever! Algumas d'estas perdas aconteceram depois de estarmos entrincheirados.

Um nunca acabar de soffrer baixas! As do inimigo deviam ser muito maiores, porque o nosso avanço fazia-os desalojar, e depois eram batidos com toda a precisão pelas descargas cerradas da infanteria e pelos tiros das peças. Todos nos sentiamos enthusiasmados com aquelle grande effeito da nossa marcha victoriosa. Realmente, era um

espectaculo seberbo o avanço, conquistando-se o terreno palmo a palmo. Aqui e alli cae um morto, ou um ferido, ou é preciso compôr um eixo d'um carro, mas a marcha prosegue sempre!

De tarde, por occasião do curativo dos feridos, foi visitar os nossos camaradas o commandante da minha companhia. O soldado 128, a quem iam fazer operação a uma perna, abraçou-se a elle, até ser chloroformisado. Se o olhavamos como a um pae!

Só quem tem assistido a arduas campanhas, pode comprehender este amor dos superiores pelos seus doentes ou feridos no campo de batalha.

Aquelle official, o commandante de marinha, e o da bateria Canet tinham muito cuidado com os seus feridos, indo no fim de cada combate animal-os.

Veiu a noite, e um ou outro tiro cortou o silencio até ás 11 horas. O clarão das libatas queimadas n'aquelles dias, desde que sahiramos do Aucongo, produzia um effeito magnifico. Um arraial da extensão de 14 kilometros! O campo de tiro era ainda pequeno, mas depois tornou-se maior.

No dia seguinte, o quartel general determinou a construcção de outro forte, e encarregou d'este serviço o sr. alferes Mello Vieira da companhia de Guerra, joven ainda, mas que desenvolvia muita actividade e intelligencia, sendo estimado

por todos os seus camaradas, e admirado dos seus soldados, pelo seu coração bondoso e disciplinador. O forte, de traçado egual ao do primeiro, tinha porém os parapeitos formados por estacaria e pela terra excavada do fosso.

Tinhamos demora. Ia-se construir mais um padrão de gloria n'aquelles inhospitas regiões.

Os viveres estavam a escassear e era preciso buscar mais e restabelecer as communicações.

Foi nomeado um destacamento para este fim, tirado da companhia de marinha, da 1.ª Européa e dos landins. Sob o commando do 1.º tenente sr. Victor Leite de Sepulveda, era acompanhada por uma secção de artilheria, e devia tambem escoltar os feridos.

A minha companhia guarneceria toda a face, continuando a destacar um pelotão para a retaguarda.

A partida do destacamento foi em 15, ás 5 horas da manhã, sahindo pouco depois o esquadrão e contornou o bivaque, para distrahir o inimigo da marcha d'aquellas forças, e regressou ás 8 $^1/_2$ depois de incendiar muitas libatas, tendo avistado varias forças inimigas emboscadas. A vigilancia na face da frente augmentou, visto que só a guarneciam os tres polotões do 12. Estava-se sempre alerta.

Os auxiliares, que não acompanharam o com-

boio, sahiram ao meio dia a passar busca a outras libatas, onde encontraram gallinhas e diversos mantimentos. A' chegada d'estas *aves de rapina* houve uma grande curiosidade no bivaque.

E' que no meio de grande algazarra traziam uma preta velha e paralytica.

Foi a primeira presioneira. Vinha transida de medo. Conduziram-n'a ao Kallipallula e ao seu interprete. Ficou muito espantada quando viu o nosso guia ali á vontade, e com aspecto de *pessoa importante*. Corria entre a gente cuamato que elle vinha com anneis de ferro no nariz, indicar-nos á força o caminho!

Interrogada sobre a guerra, declarou confusamente muitas coisas. Estava n'uma crise nervosa, temendo que a matassem. E bem sabia o mal que a sua gente nos causara!

Poude-se apurar, todavia, que a marcha sobre o Damequero, acabara de os convencer de que tinham certa a derrota, mas o soba e os seus conselheiros teimavam em sustentarem a luta até ao fim, apesar dos conselhos em contrario que lhes davam outras tribus, até os proprios herreros, os quaes, tendo visto a nossa fórma de combater, lhes disseram: O *portuguez é homem invencivel!* Contou mais a preta que andavam fóra das libatas, por causa da guerra, e que a mortandade e ferimentos eram enormes. Todas as tribus se ti-

nham reunido, para os auxiliar na campanha, e no Mufillo, apesar de se occultarem no mattagal, havia-lhes morrido muita gente, e outra ficara inutilisada das pernas.

Somos os melhores soldados do mundo. Assim o confirmou o auxiliar hollandez Vellem Venter, que acompanhara a guerra anglo-boer. Dizia elle que escreveu n'uma correspondencia para um jornal do Cabo: «O soldado portuguez póde dizer-se que é o melhor de todo o mundo. Nunca olha ao perigo! Se cahe ferido, levanta-se e combate até ao ultimo alento. Não procura saber se tem de comer, sabe apenas que ha de avançar! As baixas do inimigo teem sido enormes. Mas continúa a oppôr resistencia». Não era só o preto selvagem e aguerrido que se admirava da nossa coragem; eram os proprios guerreiros do Sul d'Africa, já experimentados em outras campanhas importantes.

Deu-se de comer e um cobertor á preta e mandou-se embora; estava n'uma excitação nervosa tamanha, que foi preciso leval-a em braços para fóra do bivaque.

No dia 16, ás 5 ½ da tarde, houve novo ataque, cahindo sobre o bivaque um enorme chuveiro de balas, dirigidas de preferencia para as faces da frente e da direita. Apesar de guarnecidas por minguados contingentes, estando na face direita

sómente a 2.ª companhia Europêa, com os soldados muito alquebrados pelo impaludismo, não conseguiram os negros o que desejavam, isto é, entrarem no quadrado.

Ao seu renhido tiroteio, apenas se respondia com uma ou outra descarga, para saberem que não dormiamos. Aproveitando a escuridão da noite, chegaram os inimigos a approximar-se a 100 metros das duas faces. No meio do ruido dos tiros, distinguiam-se as suas injurias enraivecidas, e as phrases: «Avança Quambi! Avança! Avança, valente e mata á azagaia! Tá-toé! Tá-toé! (1) Avança! Avança!» Mas a certa altura respondiam: «Não, que tem muita fundanga!» (2)

Tambem se dirigiram ao seu ex-fidalgo, a dizer-lhe que fugisse, mas como este lhe retorquisse que não, e lhes dissesse que não deviam fazer mais guerra e deixassem o soba, pois o governo os trataria bem, insultaram-n'o. Aquella conversa por entre o tiroteio, fazia lembrar uma bulha de cães, taes eram os sons que lhes sahiam da bocca. Tinham perdido a 7.ª acção, apesar de dizerem antes que nos haviam de pôr fóra. Já estavam construidos por nós dois postos de occupação!

---

(1) Avança! Avança!

(2) Cartuchos.

No dia 18, ás 8 $^1/_2$, chegou o comboio. Como tinha havido o signal combinado na vespera, estavamos de prevenção para sahirmos, se acaso houvesse ataque ao comboio perto do bivaque.

Felizmente chegaram sem novidade alguma, a não serem uns quatro tiros que um espião lhes disparara no caminho.

A's 10 $^1/_2$ houve nova escaramuça: foram os negros que, descobrindo as praças reunidas em grupo a receber correspondencia trazida pelos nossos camaradas e vinda pelo ultimo correio, passaram em grande magote na chana e internarem-se no matto, e como vissem as peças do angulo esquerdo prepararem-se para os metralhar, romperam o tiroteio sobre as faces esquerda e direita.

Os malandros queriam chuchadeira, e para isto escolhiam todas as occasiões em que se nos podiam mostrar. Em vendo alguma unidade em fórma, para qualquer serviço ou em grupo para receber o rancho, appareciam logo formando a *bicha.*

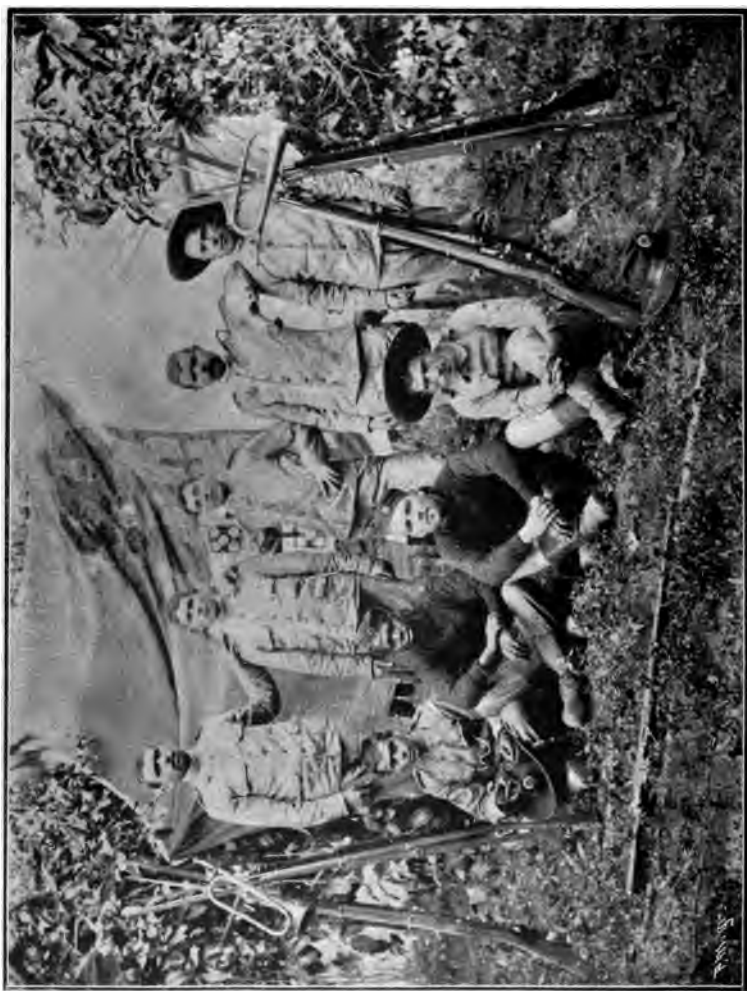
A agua era má, e juntando-se a isso as fadigas e privações, augmentaram as doenças.

Os sacrificios principiavam a derrubar-nos; podiam mais que a nossa força de vontade!

Em 19, estava concluido o forte. A sua guarnição ficou composta d'um polotão da 16.ª compa-

nhia e das praças que estavam mais doentes, nas restantes unidades; d'uma peça Krupp, e de uma metralhadora. Para commandante do posto foi nomeado o capitão de artilheria sr. Luiz Carrilho. Continuariamos a marcha no dia seguinte. Outra vez a ordem da columna dizia «marchar em direcção á emballa». Ficavamos isolados das communicações.

A columna cada vez reduzia mais o seu effectivo. Para o augmentar viera o 1.º esquadrão, que estava destacado no 1.º posto a fim de coadjuvar a escolta de comboios e outros serviços.

Mas para nada isto chegava, comparado com a gente que estava desligada da columna. O caminho era para a frente. Avançariamos até se vencer, ou ser tudo esmagado pelos aguerridos cuamatos!

Soldados expedicionarios da companhia de infanteria n.º 12

VIII

Actos de heroicidade e sacrificios

No dia 20, ás 6 horas da manhã, proseguimos a marcha de avanço, conquistando novo terreno ao inimigo.

A companhia d'infanteria 12 fornecia agora dois pelotões para formar a face da frente, com a marinha, um para a direita e outro para a rectaguarda.

Para o almoço levavamos rancho frio. Na noite anterior, pairou sobre o bivaque uma enorme trovoada, acompanhada de grandes bategas de agua. Aquelles trovões pareciam tiros de peças de grosso calibre que tivessem os cuamatos. Além de se não dormir, ficámas encharcados até aos ossos; capotes e tendas estavam n'uma lastima.

Atravessou-se a matta, e deparámos com duas chanas enormes. As libatas e os arimbos de aba-

tizes que as rodeavam, custavam a arder, por causa da chuva da noite. Tendo-se andado um kilometro, ouve-se o toque da cua; tomam-se as maiores precauções, e pouco depois começa um ataque envolvente. Faz-se alto, e responde-se com duas descargas, proseguindo-se em seguida a marcha debaixo de fogo. Deixa-se a chana, e a columna interna-se no matto, varrendo o inimigo, que corria em todas as direcções, á medida que se avançava por lances; comtudo o fogo era menos intenso que nos ataques antecedentes. Apezar do mau caminho, e do capim estar molhado, conseguiu-se ás 10 horas e meia chegar a uma chana, que tinha na frente e na direcção do angulo esquerdo do quadrado, a embala do tio do soba e seu *conselheiro de estado.*

O sr. governador mandou avançar até á orla, e bivacar n'um arimbo rodeado de abatizes, com muitas covas de lobo, que serviam de abrigo á pretalhada e ao mesmo tempo difficultavam a marcha da cavallaria.

Estava feita a 6.ª étape, no Haloendo. Andámos n'aquelle dia 8 kilometros.

Formado o entrincheiramento, prolongou-se o ataque com fogo intenso, por espaço de tres horas, e o resto do dia com fogo intermitente, do que resultaram algumas baixas, além das que já houvera na marcha.

Depois de tudo abrigado, foi ferido mortalmente o sr. tenente Prats, de cavallaria.

Um dos maiores perigos era atravessar-se pelo centro do quadrado, pelo menos n'este sitio, porque os cuamatos, em signal de protesto, logo que nos viram bivacados, reuniram todas as hostes aguerridas, e não nos deixaram socegar um instante, para vingarem o incendio das libatas.

A face da frente, como de costume, ficou junto do mattagal. Foi a mais alvejada.

Aquelle terreno, por mais esforços que se fizessem não dava agua, não podendo por isso cozinhar-se rancho para a tarde. O ataque tambem o não deixava fazer.

Ficámos reduzidos á escassa ração fria do almoço, e foi distribuido, a cada praça, um bocado de carne crua, que se assava nas brazas, duas bolachas e vinho. A sêde abrazava-nos. Um dos inimigos a que mais custa a fazer frente!

Não eram só os soldados que passavam por este mal estar, até os proprios officiaes. Os da minha companhia sujeitaram-se a um pouco d'arroz arranjado no dia antecedente, que o impedido do sr. capitão trazia n'uma lata de cantina!

Talvez que nunca julgassem ter de passar por tantos sacrificios! Todos os supportavam com resignação, por se dizer que a emballa estava

perto. Só Deus sabia dos nossos padecimentos!

N'esta acção tivemos 11 feridos e 3 mortos. Pobres camaradas! Da minha companhia ficou o 227 ferido n'um braço e o 230 nas costas.

A' noite, o desasocego continuou, pois que o ataque não cessava.

Os negros estavam teimosos, apezar de no intervallo dos tiros se distinguirem os choros pelos seus entes queridos, e de nos dizerem que o caminho da emballa não era aquelle que queriamos seguir para matar toda a gente.

Estava perdida a arrogancia das anteriores ameaças!

Effectivamente o caminho que a columna levava era o mais povoado. Formava a fronteira das duas regiões Cuamato Pequeno e Cuamato Grande.

De madrugada fomos surprehendidos por um falso alarme. Uma das peças do angulo esquerdo ainda chegou a disparar um projectil. Ouviam-se cantar os gallos, indicios de que proximo havia libatas. Seriam incendiadas no dia seguinte.

Em 21, ás 5 horas e meia, prosegue-se a marcha. O matto era mais fechado e não havia chanas.

Logo que se levantou o bivaque, ouve-se o toque da cua e principia o ataque. Avança-se

por lances, á medida que o caminho é desobstruido, continuando a queima de libatas que mais proximo ficam do quadrado.

O preto não tomava a bem aquella medida. O avanço fazia-se, não obstante o renhido ataque da vespera. Marchavamos de todas as fórmas.

— São malucos! diziam elles.

As balas cruzam-se em todas as direcções, produzindo baixas ou cravando-se nas arvores.

O sr. governador e parte do quartel general seguiam como sempre na face da frente, com o guia e o seu interprete. O sr. chefe do estado maior dirigia o ataque na face direita, e o sr. sub-chefe na rectaguarda.

Constava que n'aquelle dia ainda não se chegava á emballa, mas sim ás cacimbas do soba; porém estas não appareciam.

Passou-se um pequeno arimbo, que tinha ao centro uma libata. Varreu-se o inimigo que se concentrava na retaguarda da libata, a qual foi depois incendiada pelos auxiliares.

A anciedade de chegarmos ás cacimbas augmentava cada vez mais. Assim continuámos a avançar e atravessámos um bosque. A's 9 horas e meia avistámos umas enormes arvores verdes, de onde nos são atirados muitos projecteis. Duas descargas e tres tiros de peça não calam o fogo

inimigo. Kallipallula aponta dizendo:—«A Inhoca». São as cacimbas grandes da terra, o sitio onde o soba costuma veranear.

O sr. governador diz ao commandante da companhia do 12:

—O' capitão Pimentel, tome com a sua companhia aquella posição, de contrario estamos continuamente a ser importunados!

Apezar da fraqueza das nossas forças, a alegria encheu-nos os corações, por ser a primeira vez que directamente se recebia a ordem de tomar uma posição. Lembrei-me de algumas palavras da ordem da columna, na primeira marcha em frente do inimigo:

—Quando se ouvir o toque de carregar repetido pelas cornetas e tambores, todas as praças em 1.ª linha se precipitarão sobre o inimigo, gritando.

— Sobre retiradas não se falla, porque nas «guerras com pretos o soldado portuguez não sabe o que seja retirar!»

«Soldados e marinheiros! Lembrae-vos de que inspiraes ao negro um terror supersticioso; tomae isto como uns mandamentos: vence o sangue frio; pontarias baixas; fogo por descargas á voz dos vossos commandantes, e quando se dê a voz de *carregar*, fazei-o a fundo! Quanto mais numeroso fôr o inimigo, maiores serão as

perdas que lhe causareis, e maior será a vossa gloria de o ter derrotado.»

Todas estas recommendações se adoptaram durante os combates; mas agora chegava a occasião de nos affrontarmos, a ferro frio, com o inimigo.

A' bayoneta!

A companhia do 12 arma bayoneta, n'um abrir e fechar d'olhos. As balas dos cuamatos chovem desapiedadamente. O nosso commandante manda o corneteiro de ordens fazer o toque de *carregar!* e toda a companhia, com o seu commandante na frente, se precipita sobre o bosque aos gritos: *«Cuata, cuata faz o afo!»* (1)

O inimigo, vendo a nossa furia, abandona as cacimbras e corre para o matto. Faz-se alto e duas descargas varrem os negros, que embora em debandada ainda nos faziam fogo.

Prosegue a carga, e passamos, nem sei como, sobre as cacimbas!

Ouve-se na retaguarda a ordenança do sr. governador tocar a alto, o que difficilmente se executa porque a nossa vontade era correl-os de uma vez para sempre.

---

(1) Agarra, agarra, e mata tudo.

Os auxiliares vão queimar duas libatas, os improvisados *chalets d'aquella praia!*

A marinha secundou-nos n'esta carga.

O fogo parou quasi por completo. O inimigo perdera o alento, por ver que era infructifera a resistencia empregada para não serem tomadas as cacimbas. Estas, em numero de oito, são uma especie de lagôas com a terra amontoada para a frente e retaguarda em fórma de parapeito.

Tomada a *Cintra* da região, foi estabelecido o bivaque com as cacimbas ao centro. Deu-se-lhes o logar d'honra.

O entrincheiramento não foi facil de fazer por ser a terra muito rija. Reinava em todos alegria. Formavam-se grupos, apreciando o nosso feito heroico. Todos affirmavam que a companhia do 12 tinha sido a alegria d'aquelle grande dia, pois só devido ao seu arrojo se tinha conseguido o repouso das fadigas, e a conquista da agua, refrigerante que tanta falta nos fazia.

O sr. governador mostrava-se sorridente para com toda a companhia, e dois dias depois, no seu telegramma ao sr. ministro da guerra, fazia menção d'aquelle feito com as seguintes palavras: — «Tomámos as cacimbas da Inhoca á bayoneta. As companhias expedicionarias teem-se portado sempre com muito valor.»

N'esta jornada foi ferido mortalmente o sr.

alferes Augusto Maria, da companhia de Guerra, fallecendo de madrugada, e um sargento que morreu instantaneamente, e houve seis feridos.

Cozinhámos o rancho da manhã e o da tarde. As cacimbas não davam só boa agua, tinham tambem peixe! Um soldado indigena, auxiliar da companhia, entreteve-se na pesca, arranjando muitos peixes, que depois de cozinhados n'aquellas alturas representavam um dos melhores petiscos.

O resto do dia passou-se sem novidade alguma. O inimigo não nos queria atacar. Em todo o caso, como medida de precaução, o gado não sahiu do quadrado, porque com os negros todas as precauções são poucas.

Avistava-se ao longe um enorme clarão, e grandes espiraes de fumo. Será a emballa a arder? Todos faziam esta pergunta. Os cuamatos não quereriam a queima. Provavelmente iam lá concentrar as suas forças para a resistencia. Porém a verdade ninguem a sabia.

Veiu a noite, e cada qual fazia conjecturas sobre o que seria o dia seguinte.

O sr. alferes Bicudo, que esteve de ronda das onze até á uma hora, conversou com alguns meus camaradas. Dirigi-me a elle e perguntei-lhe:

— Então, meu alferes, é ámanhã o ultimo dia, ou não?

— Parece que sim, diz elle.

Approximou-se o meu tenente Figueiredo e continuou depois a conversa sobre a distancia que faltava percorrer ainda, sobre as condições do ataque, e se a emballa estaria ou não abandonada.

— Seja como fôr, disse elle, ámanhã o avanço sobre o *palacio real,* é certo.

— A artilheria, continuou o sr. alferes Bicudo, já traz os projecteis reservados para a tomada da emballa.

Beberam um pucaro de cacau, offerecendo-me um pouco, e disseram-me:

— A'manhã a emballa! a artilharia cantará com as suas garrafas de cerveja, e a infanteria arrazará tudo, a exemplo do que se fez hoje na Inhoca.

N'isto, appareceram os srs. capitão Pimentel, commandante da companhia, tenente Beirão e alferes Passos. Diz o sr. capitão:

— Estão a projectar a tomada da emballa? Não é isto, ó Beirão?

— Tal qual, retorquiu este, e puxando prévíamente pelas suas barbaças, accrescenta:

— Não ha de ser preciso recorrer ao *Annuario Commercial* para lá se chegar.

Dizendo então o sr. capitão:

— Chegamos lá com certeza. O que precisamos

é de muita prudencia e muito tacto, e assim provaremos que a nossa infanteria vale muito.

E não se enganava!

Os senhores officiaes foram para os seus entrincheiramentos. Bem precisavam!

— O que estiver para succeder, ver-se-ha ámanhã, disse eu então com os meus botões.

Tomada da emballa

Em 22, ás 6 horas da manhã, continuámos a marcha para a emballa, que, segundo diziam, devia estar a dois kilometros.

Foi uma illusão, porque ainda faltavam dez ou onze.

Atravessou-se um mattagal, e deparámos com uma enorme chana, rodeada de libatas que foram incendiadas, á medida que se avançava. Eram dos secúlos, fidalgos da terra.

O inimigo não apparecia. Apenas disparara quatro tiros. Deixou-se a chana. A anciedade por chegar á emballa augmenta. O capim é incendiado, para ficar o caminho aberto. Como desaffronta pela nossa marcha ardiam duas libatas na orla, junto de duas palmeiras. Aquellas não tinham dado trabalho aos auxiliares.

A columna interna-se na matta, passa arimbos e libatas, mas a emballa continúa a não

apparecer. De subito o quadrado é obrigado a parar, porque dois carros teem desarranjo no eixo. O sol aquecia fortemente. Dir-se-hia que estavamos dentro de uma fornalha.

Pouco depois, a marcha prosegue, e Kallipallula aponta para umas arvores verdes, dizendo: «Nogôgo!»

Até que emfim! Haviamos chegado á emballa onde tudo se decidiria. O quadrado faz alto, e a artilheria bombardeia na direcção das arvores verdes, porque em consequencia do arvoredo da matta nada mais se devisava! Ao troar da bateria Ehrardt ninguem respondia. Estaria preparada alguma cilada? Foi este o nosso cuidado, porque o bombardeamento das baterias seria apenas sufficiente para desalojar os embuscados!

Fazia lembrar o ataque ao kraal de Manjacaze, na campanha dos vatuas.

O sr. governador manda, pelo sr. alferes José da Costa, cessar o bombardeamento. Este official sae fóra do quadrado montado n'uma muar, e vae transmittir a ordem, porém a montada espanta-se e passa vertiginosamente pela face da frente quando uma peça se disparou, passando o projectil junto da cabeça da muar e ficando o official illeso. Se lhe tivessem feito damno, seria in voluntariamente, pois que o official que comman-

dava a batería não tivera tempo de evitar que se disparasse o tiro. Passado este incidente sem consequencias, proseguiu o avanço, e pouco depois entrou-se n'uma chana, ficando no angulo esquerdo um bosque.

Principiou-se a divisar o cercado enorme da encantada emballa.

Iamos dar o ultimo golpe. O cercado cada vez se divisa melhor á medida que se avança. Quando estavamos perto, as companhias de guerra, do 12, e de marinha e a Europêa armam bayoneta, tocam as cornetas, e aquelle colchete, com o 2.º esquadrão no flanco esquerdo, precipita-se contra a emballa. Atira-se ao cerrado, e com muito custo consegue arrancar um ou dois paus; por alli *furam* uns, emquanto outros saltam por cima da paliçada.

Dentro do cercado faz-se alto, á espera, talvez, do ataque de surpreza. Mas ninguem nos faz frente. Apenas encontrámos dois montões de cinzas.

A primeira unidade a chegar é a cavallaria, depois seguem-se as companhias de guerra, do 12, de marinha e a Europêa.

Os auxiliares dão busca a tudo, e dizem não haver signaes dos cuamatos.

Reunem-se as duas companhias do 12 e marinha e com o sr. governador seguem para os

dois montões de cinzas, restos das habitações do soba, e do seu sequito.

As outras forças da columna esperavam fóra do cercado, para a eventualidade de contra-ataque, porque podia acontecer o inimigo estar emboscado no mattagal.

A residencia do maior potentado da região estava reduzida a cinzas, e o fogo tinha sido deitado propositadamente para que não cahissem em nosso poder os petrechos que lá se continham. Alguns eram ainda do morticinio de 1904.

Nos despojos incendiados encontraram-se espingardas, revolvers, machinas de embalar cartuchame, e duas chapas de zinco.

Os mais curiosos procuravam aquellas coisas, que embora estivessem calcinadas pelo fogo, serviam de recordação do grande dia. Emquanto se explorava o terreno e se analysava a agua, pudémos descançar um pouco.

O extincto labyrinto, uma especie de fortaleza, tinha um fôsso com a terra amontoada para a frente formando parapeito.

Estava pois desthronado o audaz soba, tendo arrastado na queda os maiores influentes da sua politica gentilica.

A decepção que sentimos ao encontrar a emballa reduzida a cinzas não foi grande, porque havia já quem esperasse isto mesmo. O inimigo

A companhia expedicionaria de infanteria n.º 12 na emballa do Cuamato Pequeno

talvez ainda não tivesse perdido o alento, e seria necessario buscarmos logar mais seguro.

A guardar o rescaldo do incendio, ficou um pelotão dos landins, e estabeleceu-se o bivaque fóra do cercado, em sitio que tinha um bello campo de tiro, e, no angulo da direita, duas cacimbas, onde se pescava peixe.

Dentro do cercado havia grandes embondeiros, arvores que dão um fructo parecido com as ameixas, e em que não tocámos, porque os medicos assim nol-o recommendaram.

Apesar de ser alli a habitação do potentado, a agua era pessima, o que deu logar a todos adoecerem, com incommodos intestinaes. Para evitar que as doenças se generalisassem, foi necessario ferver a agua, que deixava então ficar um deposito verde da grossura d'uma moeda de cobre.

O inimigo devia ter fugido para perto, mas não apparecia. Os auxiliares e soldados de cavallaria foram á caça de gallinhas a umas libatas proximas, apanhando muitas e cabritos. Tambem encontraram uma preta. A noticia espalhou-se pelo bivaque, porque se tratava de uma fidalga, e amante do soba. Conduziram-n'a a tremer de medo, ao quartel general. Vendo o Kallipallula, reconheceu-o como o antigo fidalgo e aspirante a sobêta do Cuamato Grande. Depois de se cumprimentarem, foi interrogada por elle,

mas como vacillava nas respostas, o nosso guia confortou-a, dizendo-lhe que não se lhe fazia mal, e que a estimariam bem. Disse então que o soba tinha fugido para o Cuanhama, logo que viu tomada a sua capital. Elle proprio observara de longe as nossas posições, e como já tivesse poucas munições e estivesse com a força moral abatida, aconselhara o povo a dar por terminada a guerra, visto não haver maneira de derrotar este *branco*.

Disse mais a preta, que o incendio na emballa fôra casual.

De certo não foi bem assim, porque um incendio casual não destruiria as duas libatas muito separadas uma da outra. Foi a desculpa, para não confessar medo!

Tambem declarou que em todas as libatas faltava gente, tendo havido além de grande mortandade, enorme quantidade de feridos; que as baixas maiores que lhes causámos foi nas marchas debaixo de fogo; os que mais prégavam a guerra foram victimas das nossas pontarias, os fidalgos, e os melhores caçadores de féras, que dirigiam as cuas, e que não havia ninguem que não estivesse assombrado do nosso arrojo e sangue frio!

Deu-se-lhe de comer, e passados dias estava tão bem familiarisada comnosco que dizia que se soubesse que os brancos eram tão bons, nunca

aconselharia os fidalgos a persistir na guerra, e que se os aconselhara, fóra devido a constar em toda a região, talvez por algum mau conselheiro, que o governo portuguez mandava occupar o Cuamato, para matar toda a gente, roubar o gado e as mulheres!

Pagaram com a vida estes conselhos, embora sustentassem a lucta até ao fim! Apesar da nossa fraqueza, havia um certo enthusiasmo por ser chegado o grande dia da tomada do logar onde se alojava o chefe dos guerreiros que tantos sacrificios nos fez passar.

O morticinio dos nossos camaradas de 1904 estava vingado finalmente!

A' tarde veiu um enorme chuveiro que alagou por completo as trincheiras e o vasto campo, e de noite tivemos mais chuvas, que nos fizeram estar álerta. Este mau tempo augmentava as baixas dos que longe da sua Patria davam a vida por ella, sujeitando-se aos maiores sacrificios.

As primeiras noticias da nossa victoria

O quartel generál queria transmittir para Portugal a nòticia dos nossos feitos. Precisava-se de quem fosse ao telegrapho. Ouviram-se tres vozes: «Vou eu! Vou eu! Vou eu!»

Eram os srs. capitão Rodrigues Montez, commandante dos esquadrões, grupo dissolvido no Damequero, e um dos heroes de Coollela; o seu ajudante, tenente Lusinham, e o adjunto ao quartel general, alferes Costa. A aventura tinha muito de arrojada, porque obrigava a atravessar a região batida dias antes palmo a palmo.

No dia seguinte, ao amanhecer, partiram os tres officiaes, acompanhados por quatro ordenanças de cavallaria.

No proprio local da emballa que fôra do grande potentado africano, principiou o sr. capitão Patacho a traçar o plano de construcção d'um forte, de que seria commandante e onde se estabeleceria o commando militar da região conquistada, acabando-se com o sobado.

O sr. governador pediu que a este forte se désse o nome de D. Luiz de Bragança, sendo-lhe concedido a auctorisação.

Precisava-se de mais viveres, porque os que havia eram escassos, e a jornada não ficava só por alli.

Nomeou-se um destacamento, composto das companhias do 12 e de landins, de uma secção de artilheria, do 1.º esquadrão de dragões e dos auxiliares. Commandava estas forças o sr. capitão Pimentel. Tinha-nos tocado a vez de escoltar novo comboio, mas o cansaço era tanto!...

Outra missão arriscada

Marchámos no dia 24, ás 5 horas da manhã. Iamos tambem escoltando os mutilados dos ultimos ataques.

Tomámos pelo mesmo caminho do avanço, mas agora ninguem nos importunava. Os auxiliares continuavam a queimar as libatas, e durante a marcha pudémos avaliar os destroços dos incendios.

Passámos á Inhoca, memoravel *Cintra* tomada á bayoneta. A's 9 ½ houve um pequeno alto, para se almoçar um bocado de chouriço cosido e duas bolachas. Continuámos a andar, e, quando atravessavamos um bosque os auxiliares apontam para o terreno que estava espesinhado pela passagem do gado do inimigo.

Os negros agora tratavam de esconder para outros sitios os seus bois e cabras, com o receio da pilhagem de outras tribus, visto haverem perdido o poderio. Passámos o Haloendo, n'aquelle tempo, cercado por absoluto silencio. Quem diria que aquelle campo tinha sido theatro de rija lucta?

O cansaço principiava apoderar-se de nós, e só a muito custo conseguimos chegar ao Damequero. A guarnição d'este posto recebeu-nos affectuosamente. Soubémos não ter havido novidade com os transmissores das nossas victorias, os

quaes aprisionaram, proximo do Haloendo, tres cabeças de gado, que entregaram no forte, fazendo assim melhorar a ração d'aquelles camaradas.

O inimigo abandonava toda a zona batida.

Bivacámos fóra da rêde de arame. Altas horas da noite surprehendeu-nos uma carga de agua, que nos obrigou a sahir das barracas e a mettermo-nos debaixo dos carros, ou encostar-nos ás arvores. Assim se dormiu.

Em 24, ás 4 ½ da manhã, continuámos a marcha e ás 8 ½ chegámos ao Aucongo. Logo que se avistou o forte, entraram em fórma todas as forças, e avançou-se em linha até junto d'elle. Depois os corneteiros e clarins tocaram a marcha de continencia, e as forças apresentaram armas. Era a primeira vez que o faziamos á nossa bandeira içada nas terras conquistadas. Quantos n'aquella occasião se lembrariam da sua terra? Todos por certo.

Tomou-se uma pequena refeição e seguimos para o forte Roçadas, aonde chegámos á 1 ½. A guarnição, com os officiaes que tinham sido portadores do telegramma, recebeu-nos de braços abertos. Esperavam a nossa chegada por terem recebido do Aucongo noticia pelo telegrapho.

Haveria grande demora, porque o comboio que tinhamos de escoltar seria o maior de todos, e tornava-se preciso esperar por carros do Humbe.

O descanço era bom. Além d'isso havia a revolvida agua do Cunene, sem ser necessario fervêl-a.

Emfim um passeio para repouso das fadigas. Com o destacamento vieram todos os doentes que estavam nos postos, e que chegavam a grande numero.

O dia 25 de setembro era uma data memoravel: fazia tres annos que os cuamatos tinham exterminado o destacamento do sr. capitão Pinto d'Almeida, na força de 500 homens, proximo do vau do Pembe. Pois n'esse dia justamente recebia o governo e o paiz inteiro a noticia de que toda a região do Cuamato Pequeno estava occupada pelas nossas tropas.

As forças que ficaram na emballa formaram dentro do cercado, com a frente para as ruinas da residencia do potentado e onde estava para se construir o maior forte de toda a região. No bivaque ficou um pelotão de cada uma das unidades.

N'um pau improvisado em mastro foi içada a bandeira portugueza, a que as tropas apresentaram armas, ao som do signal de continencia feito pelas cornetas e a artilheria salvou com 21 tiros.

Em seguida adeantou-se o sr. chefe de estado maior, e em voz alta leu a seguinte allocução, do

commandante da columna, registada no artigo 1.º da ordem de serviço:

«Marinheiros e soldados da columna!

«Ha tres annos que muitos dos nossos camaradas cahiram como heroes, mortos pelos cuamatos nas proximidades do vau do Pembe.

«Ha tres annos que a desforra da nossa parte começou e não tem cessado.

«O anno passado hasteou-se pela primeira vez a bandeira portugueza em terras de Cuamato, e então, no momento da inauguração do forte, disse eu que essa bandeira, symbolo da Patria, deviamos em breve transe leval-o ao interior do Ovampo Portuguez e defenir com ella os limites dos nossos direitos legaes.

«Assim se fez, e a vós, valentes soldados, coube a honra do desaggravo de 1904 e da implantação do nosso dominio n'esta região.

«A bandeira das quinas, sempre briosa e altiva atravez dos seculos, apoz um momento de lucto, ergue a sua fronte altiva devido ao vosso heroismo, á vossa constancia e á vossa valentia.

«No Mufillo a 27 d'agosto, no Aucongo em 28 e 29, e 2 e 4 de setembro, na celebre marcha sobre o Damequero a 13 de setembro, sob um fogo de seis horas, aos renhidos ataques de 15 e 20, e finalmente na carga de bayoneta na Inhoca, vós portastes-vos com tal serenidade e valentia, que,

se não excedestes, egualastes pelo menos o heroismo portuguez das épocas gloriosas das conquistas da Asia e Africa!

«Officiaes e soldados! Cumpristes tão bem o vosso dever, que e Patria hoje vos contempla admirada, e vos receberá agradecida.

«Quando entrardes nos vossos quarteis, quando regressardes ás vossas aldeias, valentes marinheiros e soldados, podeis fazel-o de cabeça erguida; os vossos camaradas, paes, vossas mães, irmãos, noivas, amigos e visinhos, verão em vós o typo epico do soldado Lusitano, o primeiro do mundo!

«Não me esqueço dos vossos companheiros de armas, mortos e feridos, não! Se em mim alguma vez julgastes indifferença, enganastes-vos; senti a magua como vós, mas não a mostrava, para não semear em vossos corações o desanimo.

«Lembrae-vos de que é sobre as ossadas e as dôres dos martyres, que as nações levantam as suas frontes cheias de vida e orgulho.

«Escolhendo o dia de hoje para inaugurar a nossa occupação do territorio cuamato, eu quiz assim prestar a homenagem devida a El-Rei, como chefe supremo do exercito, e tornar publica a minha gratidão pelos vossos serviços.

«Viva a Patria e a bandeira das quinas!

«Viva El-Rei, o exercito e a armada! Viva a columna de 1907!

«Viva a Provincia de Angola, toda integra!

«Vivam!»

No forte Roçadas procedia-se ao carregamento dos carros, com viveres, munições, materiaes de construcção e telegraphico.

Para o Lubango tinham sido transferidos muitos dos doentes e feridos, e ainda haviam de ir mais.

A enfermaria não podia comportar tanta gente, porque todos os dias se davam baixas quer na columna, quer na guarnição do forte.

Aquelle clima ia-nos aniquilando pouco a pouco.

Os doentes mais restabelecidos seguiam a reunir ás suas unidades.

A estação telegraphica teve um grande trabalho n'aquelles dias, porque de toda a parte vinham felicitações.

Mas só Deus sabia que de sacrificios tinha havido, para dar logar a tantas manifestações, que com o tempo vão esquecendo.

Regresso á emballa

No dia 29, ás 5 horas da manhã, encetou o destacamento a sua marcha escoltando o comboio de 85 carros. Foi o ultimo para serviço de operações. Do Humbe e de outras regiões vinham mais auxiliares.

Como estava batida a região, começariam elles a sua pilhagem, que, todavia foi prohibida em parte.

As nossas victorias não ficaram por aqui. Precisava-se completal-as, aniquilando o poderio do soba do Cuamato Grande. As informações que se tinham colhido com a vinda do destacamento, eram differentes umas das outras. Algumas diziam até que não haveria resistencia, mas a exactidão d'estes boatos não se verificou, porque os cuamatos tinham prégado a lucta até ao final.

Não obstante os sacrificios feitos, eram precisos mais para completar a obra. Iriamos até ao fim, se o sr. commandante da columna assim o quizesse.

A's 9 1/2 horas; chegámos ao Aucongo, e pernoitámos alli.

Em 30 continuámos a marchar, tendo ficado n'aquelle posto o 1.º esquadrão de dragões, para o serviço de escoltar viveres. Fômos almoçar ao Damequero, aonde chegámos ás 9. Deixaram-se dois carros de viveres para abastecer o forte. pois tambem alli escasseavam os mantimentos.

A's 2 horas marchou-se, sendo n'esta occasião içada no forte a bandeira, que ia tremulando pouco a pouco na região. Fizemos-lhe a continencia. Ao cahir da tarde, fomos bivacar proximo do Haloendo.

Exerceu-se de noite toda a vigilancia, pois que, apezar do inimigo estar desbaratado, ainda nos podia atacar, e convinha evitar esta surpreza, porque daria logar a grande confusão, por causa do pesado comboio.

No dia 1 de outubro ás 4 $^{1}/_{2}$, marchámos, fazendo alto na Inhoca, onde se cozinhou o almoço e deu descanço ao gado, que já estava muito fatigado.

De tarde continuou-se a marcha, e, ao cabo de muitas difficuldades, chegámos á emballa ás 5 $^{1}/_{2}$. Os nossos camaradas receberam-nos com todo o contentamento, não só pelo bom exito da nossa missão, como pela chegada de mantimentos, visto a ração ter sido reduzida, por falta de viveres.

O bivaque havia-se mudado para dentro do cercado, e a fortaleza principiava a construir-se, não estando mais adeantados os trabalhos por ser a terra muito rija, e a fortaleza, que seria a principal, dever ficar em boas condições de resistencia.

Foi então que se soube da imponente formatura do dia 25. Alguns choraram de commovidos, com as alegrias e tristezas que fizeram lembrar as palavras da allocução.

Durante a nossa ausencia havia adoecido muita gente, e d'esse mal soffrêmos todos durante a marcha, escoltando o comboio. Depois de sahir-

mos da Inhoca, foi necessario abandonar dois bois, que não andavam por causa da fadiga.

As doenças chegavam a todos!

Os auxiliares, na marcha, acabaram de incendiar todas as libatas, internando-se no matto até a mais de dois kilometros de distancia das forças. Aquellas aves de rapina acabavam de derrotar o inimigo com a sua pilhagem.

No dia seguinte, na ordem de serviço, vinham transcriptos os telegrammas de Portugal, a agradecer-nos os sacrificios feitos. Cinco eram assim concebidos:

«Commandante Roçadas.

Mossamedes — Aucongo — Cuamato.

Em nome El-Rei, Paiz, governo felicita V. Ex.ª seus intrepidos companheiros d'armas com maior enthusiasmo pelos heroicos feitos praticados que nos unem todos á admiração, reconhecimento sentimos do coração perda valorosos officiaes e soldados. O Paiz saberá cumprir seus deveres. Abraço com maxima saudação.

(a) *João Franco.*»

«Governador Huilla.

Noticia grande victoria, tomada emballa recebida agora chegada a Cascaes. Calorosos e enthusiasticos votos para completo exito.

(a) *Ministro da Marinha.*»

«Commandante columna Sul d'Angola.

Aucongo.

Sua Magestade Rainha D. Amelia acaba enviar-me seguinte telegramma:

Muito estimava se possivel fosse se commandante e toda columna soubessem quanto o meu coração os acompanha, e com que jubilosa emoção soube da victoria alcançada, heroismo, peço dizer se tem noticias feridos.»

(a) *Amelia — Ministro da Guerra.*»

«Commandante columna expedicionaria.

Mossamedes — Aucongo — Cuamato.

Envio os mais enthusiasticos votos pelo brilhante exito tão heroica campanha a V. Ex.ª como bravo commandante e aos officiaes e praças toda a columna felicitando os pelas glorias alcançadas para a historia militar do nosso Paiz. Em nome do Exercito Armada congratulo-me com os valentes companheiros d'armas, coragem e denodo teem sabido defender e honrar a bandeira nacional.

A' memoria dos mortos no seu posto d'honra mais sentida homenagem.

(a) *Ministro da Guerra.*»

«Commandante columna Cuamato.

Noticia victoria causou Reino extraordinario enthusiasmo tendo governo recebido felicitações de Suas Magestades, toda a familia Real, Generaes,

Almirantes, Commandantes, auctoridades, corporações, imprensa e todos. Peço logo possivel remessa lista nomes, mortos, feridos e noticia estado d'estes. Transmitto felicitações Associação Commercial Lisboa e governo de Moçambique.

(a) *Governador Geral.*»

O numero de felicitações era enorme. Não se podem até reproduzir todos os telegrammas.

Viera tambem a auctorisação para o novo forte ficar com o nome de «D. Luiz de Bragança.»

Entre as tropas, corriam differentes boatos sobre a ida ao Cuamato Grande, por o forte não estar ainda concluido.

Foi a mesma ordem que transcrevia as felicitações de regosijo, que prevenia toda a columna para se avançar sobre a Emballa Grande no dia 4. Segundo a voz corrente, devia ficar perto.

A vigiar aquelle palmo de terra, ficaria apenas a 14.ª companhia indigena, e uma peça.

O sufficiente, visto os cuamatos da chamada região Pequena, apesar de serem os mais destemidos, haverem perdido o alento.

Desde o dia 24 que o esquadrão se entretinha diariamente a razziar todos os arredores, até á fronteira das duas regiões, sem encontrar ninguem.

Iamos fazer a ultima étape da campanha, e não

obstante se ter apoderado de nós o cansaço e de todos os dias, á revista de saude, comparecer um elevado contingente, marchariamos de boa vontade. A's 11 horas da noite cortaram o lugubre silencio dois tiros de fóra do cercado. Aquellas visitas ha muito que se não repetiam, mas ninguem lhes ligou importancia.

No dia 3 foram separados os viveres e materiaes desnecessarios para a marcha. Os auxiliares, tendo passado busca a umas libatas que não tinham sido razziadas, vieram dizer que estava lá o soba com muita gente reunida. Sahiram do bivaque a companhia de marinha e o 2.º esquadrão, mas encontraram apenas um fidalgo, que recebeu dois ferimentos. Foi conduzido á ambulancia, e, depois de lhe fazerem curativo, prestou declarações, adeantando pouco ao que já sabiamos. Este methodo de tratar bem os prisioneiros, contribuiu em parte para a submissão de todos os nossos inimigos n'aquella região.

IX

A ultima jornada gloriosa

Para o Cuamato Grande

No dia 4 d'outubro, ás 5 horas da manhã, deixámos o forte D. Luiz de Bragança e proseguimos a nossa jornada gloriosa, ultima étape na região cuamata.

Levaram-se os viveres indispensaveis para seis dias.

A marcha foi feita em quadrado. A companhia de infanteria 12 destacou dois pelotões para a face da frente, um para a da esquerda, e outro para a da retaguarda.

Para além do cercado da emballa entrou-se no matto, tendo que desobstruir-se caminho á medida que avançavamos. Sempre o mesmo trabalho, para os sapadores!

Encontraram-se arimbos e libatas queimadas

Uma parte das faces da esquerda e da direita fórma um colchete offensivo, sendo a frente formada pelas companhias do 12 e da marinha, com o esquadrão no flanco esquerdo.

As baterias assestam as peças e despejam 25 *cervejas engarrafadas* sobre o cercado, obtendo apenas meia duzia de tiros em resposta ao bombardeamento.

Que espetaculo tão soberbo!

Em todos reinava uma alegria doida.

O nosso guia é que parece sentir certa commoção, por assistir ao bombardeamento do *palacio* onde aspirava governar!

Chegava o momento supremo.

As peças cessaram o bombardeamento, e todo o colchete da infanteria bateu com seis descargas, como um só tiro, todo o cercado.

O inimigo agora não respondia. Estaria emboscado? Ou teria abandonado a emballa aos primeiros tiros de peça?

Iamos vêr.

Assalto á emballa Grande

O sr. governador manda cessar fogo e armar bayoneta. Tocam as cornetas, e n'um dado momento todas as forças e auxiliares se precipitam sobre a emballa.

Apesar da distancia para aquella carga ser grande, e de estarmos com as forças depauperadas, ehegamos rapidamente ao cercado. Uns tiram os abatizes de espinheiros, outros os paus da pallissada, outros vão pela porta da entrada.

As unidades chegaram lá pela seguinte ordem: esquadrão, 1.ª Europêa, marinha, infanteria 12 e companhia de Guerra. Para a emballa seguiu o sr. alferes Costa e não consentiu que de lá fosse tirado objecto algum, pòrque os negros não a tinham incendiado como a do Cuamato Pequeno.

As forças fizeram alto d'entro do cercado, junto de uma grande cacimba. Nem um unico cuamato se oppuzera ao assalto. Em seguida estabeleceu-se o bivaque com o labirinto tomado no flanco esquerdo, formando-se o entricheiramento debaixo de um sol abrasador. Passou-se uma busca á emballa do potentado da região, que nunca julgara que seria obrigado a abandonal-a á força. Os inimigos haviam fugido momentos antes da nossa chegada, visto nas palhotas ser encontrado lume e comida. Tambem lá achámos rastos de sangue. Fugiram com o soba para o matto, a fim de evitar que elle fosse aprisionado. Constou que estava com uma furiosa bebedeira, provavelmente para não sentir o cheque de ser corrido!

Encontraram-se muitos apetrechos gentilicos,

despojos colhidos por occasião da matança de 1904, como arreios, revolvers, uma carabina Kropaschek duas malas com roupa, e até um bonet de official allemão.

Aquelles tropheus foram acondicionados em caixotes, para serem entregues no ministerio da marinha, e darem entrada no Museu de Artilheria.

Kallipallula foi habitar a emballa provisoriamente, vendo assim realisadas as suas aspirações.

Como prova dos serviços prestados, ia ser nomeado soba da região, e intermediario do povo com o commando militar.

A emballa, maior que a do Cuamato Pequeno, era defendida por abatizes, n'uma grande extensão. Junto da habitação do potentado e do sequito havia uma pallissada. Existiam tambem duas cavallariças e um curral para gado.

Estava, pois, destruido o poderio dos dois potentados e da sua aguerrida gente, a mais temivel da região ovampa.

Ficámos extenuados de fadiga, mas a nossa espinhosa missão estava briosamente cumprida.

Como de costume em todos os recontros, houve baixas. Tivemos 17 feridos, 3 dos quaes mortalmente, e falleceram alguns depois de bivacados. A enfermaria ficou á sombra d'uma grande ar-

O bivaque depois da tomada da emballa do Cuamato Grande

despojos colhidos por occasião da matança de 1904, como arreios, revolvers, uma carabina Kropaschek duas malas com roupa, e até um bonet de official allemão.

Aquelles tropheus foram acondicionados em caixotes, para serem entregues no ministerio da marinha, e darem entrada no Museu de Artilheria.

Kallipallula foi habitar a emballa provisoriamente, vendo assim realisadas as suas aspirações.

Como prova dos serviços prestados, ia ser nomeado soba da região, e intermediario do povo com o commando militar.

A emballa, maior que a do Cuamato Pequeno, era defendida por abatizes, n'uma grande extensão. Junto da habitação do potentado e do sequito havia uma pallissada. Existiam tambem duas cavallariças e um curral para gado.

Estava, pois, destruido o poderio dos dois potentados e da sua aguerrida gente, a mais temivel da região ovampa.

Ficámos extenuados de fadiga, mas a nossa espinhosa missão estava briosamente cumprida.

Como de costume em todos os recontros, houve baixas. Tivemos 17 feridos, 3 dos quaes mortalmente, e falleceram alguns depois de bivacados. A enfermaria ficou á sombra d'uma grande ar-

O bivaque depois da tomada da emballa do Cuamato Grande

vore, junto da face direita. Os feridos contorciam-se com dôres atrozes, porque alguns ferimentos eram de gravidade. Repetiram-se n'esta marcha gloriosa os rasgos de verdadeiro heroismo, que bem patenteavam o nosso amor patrio. Os feridos continuavam o ataque até se esvahirem em sangue, ou os conduzirem á ambulancia, com geral espanto dos auxiliares. Desconheciam ainda talvez o nosso heroismo!

Só com lettras de ouro se poderiam escrever os feitos heroicos d'esta campanha, que pedem a penna do auctor dos *Lusiadas*, e não a d'um humilde soldado como eu.

Foi tamanho o nosso despreso pela vida, que debaixo de fogo dois dos meus camaradas correram atraz de duas lebres, desalojadas do mattagal pelo tiroteio, agarraram-n'as, e foram dal-as de presente aos seus officiaes e sargentos. O soldado na campanha, ainda que seja o mais irrequieto, sente pelos seus officiaes o amor que os filhos teem a seu pae. Deixa de odiar os rigores da disciplina, com a lembrança do seu lar, e dos que lhes são queridos, pensando sempre n'elles para os honrar com o seu procedimento no serviço da Patria, da grande familia!

A submissão
Construcção de mais um forte

A' noite, Kallipallula e os seus parentes falaram do improvisado palacio ao povo do sitio, dizendo-lhes que sahissem do matto e se viessem apresentar á auctoridade, ao mesmo tempo que os auxiliares tocavam um batuque, fazendo um barulho ensurdecedor, a que chamavam *festa de convite.* A altas horas da noite circulou o boato de que no dia seguinte viria alguem reconhecer a nossa soberania, mas poucos lhe deram credito. Os cuamatos talvez receiassem que os castigassem pelas victimas que nos tinham feito.

O intuito do sr. governador não era fazer mal: queria reduzir a região á obediencia, implantar ali a nossa bandeira, acabar com a pilhagem e facilitar o commercio com todo o littoral.

No dia seguinte, ao amanhecer, seguiram para o forte Roçadas o sr. capitão Montez e alferes Costa, com duas ordenanças, levando para o telegrapho a noticia de mais aquelle feito glorioso. O barulho do batuque da paz continuava e ás onze e meia entraram no bivaque quatro dos primeiros rebeldes, que, como emmissarios de toda a gente, vinham saber quaes eram as condições da pacificação.

Transidos de medo, foram levados ao quartel general, e ao Kallipallula e seu interprete.

Contaram que andavam todos fugidos das libatas, e que, se lhes não fizessem mal, se apresentariam, porque todos reconheciam a nossa auctoridade. Disse ter o soba fugido para longe, no dia anterior, indo muito embriagado. O sr. governador fez-lhes ver todos os planos de occupação, approvando elles tudo, e retiraram-se, a contar á sua gente o resultado da conferencia. Ninguem diria que aquelles negros assim cabisbaixos, nos haviam causado tantas perdas!

O sr. capitão Patacho foi encumbido de estudar a construcção d'um pequeno forte, que seria mais um marco do nosso poder nos sertões africanos.

Para a construcção trabalhou toda a gente, porque foram nomeados, além dos sapadores, contingentes de europeus e indigenas das unidades.

Pois apesar do cansaço e das fadigas, não houve a menor reluctancia em pegar nas enxadas. E abriu-se o fosso, carregou-se com a terra, e fez-se o parapeito!

A submissão dos cuamatos não se fez esperar. Dias depois era o bivaque frequentado por aquelles negros audazes. N'uma completa familiaridade, pediam-nos rancho, dizendo que o branco

era bom! Traziam-nos presentes, e, emfim, estavam nossos amigos. Contavam como se haviam planeado os ataques e o effeito dos tiros da nossa infanteria e das *matembas* (1), dizendo ter a artilharia matado muita gente, mas que as espingardas matavam tambem muita, porque espalhavam balas por toda a parte, ferindo-os até detraz das arvores!

Se tinha havido guerra, fôra por imposição dos dois sobas e das outras tribus! Vendo que nem envolvendo-nos em marcha conseguiam derrotar-nos, convenceram-se de nada poderem fazer.

No dia 8, ficou o forte concluido e foi nomeado para seu commandante o sr. alferes Durão, e para ficar a guarnecer aquelle padrão de gloria, um pelotão dos landins e uma peça d'artilharia.

Quando estavamos promptos para o regresso, chegaram os officiaes, que tinham ido levar ao telegrapho noticia de estar completa a nossa missão. Com elles veiu uma embaixada de seis evales, para tratar da construcção d'um posto militar na sua região! O motivo da sua visita não era bem aquelle, mas sim observarem se na realidade haviamos conquistado as emballas e as

---

(1) Peças de artilharia.

Posto militar «Eduardo Marques», no Cuamato Grande

regiões que elles julgavam inexpugnaveis! Como as suas artimanhas fossem conhecidas, o sr. governador disse-lhes que escusado seria virem pedir o posto, porque já o tencionava construir, mas no limite das terras dos dois irmãos Cavanguelua e Evanguelua.

Para esta construcção não iriam só dois officiaes, mas sim uma columna de tropas. Os pretinhos deviam ficar aterrorizados e convencidos de que o governo se não esquecia d'elles e que mais dia menos dia lhe estava em cima.

Acclamação do novo soba

Kallipallula vae ser acclamado soba da região avassallada. A ceremonia devia fazer-se no dia seguinte ao meio dia em presença dos importantes da terra, de todos os srs. officiaes que não estivessem de serviço ao bivaque, sendo o local da acclamação a entrada da embala. A submissa pretalhada, em numero superior a quatrocentos homens, estava formada em grupos para assistir á ceremonia, e para o beberete de aguardente. O sr. governador assistia com todo o quartel general, e fazia a entrega da bandeira.

Tudo prompto. Kallipalulla pede para ir á emballa, e pouco depois ouve-se um tiro!

Que será?

Emquanto tudo isto se passava, os medicos iam operando o ferido, o que não foi muito facil, por causa da difficuldade em chloroformizal-o. O ferimento era grave. Interrogado, confirmou o que haviamos apurado, e declarou que tambem o fizera por lhe terem trazido uma velha em logar d'uma donzella para a ceremonia. Estes costumes gentilicos são d'uma engraçada curiosidade.

Mas a par d'estas razões, parece que havia outra e era que o bom do fidalgo preto, acostumado a viver com os brancos, já lhe custava deixal-os. Ficou, a seu pedido, entregue aos cuidados do sr. chefe do concelho do Humbe.

A seguir a esta scena, appareceram em chammas os abatizes do cercado. N'aquelle dia tudo nos carria mal! O incendio não alastrou muito, porque o nosso capitão Pimentel, official de serviço ao bivaque, empregou toda a energia para o debellar.

N'aquella campanha até de bombeiros servimos!

Em 10, ao meio dia, juntou-se de novo a gente da região, mas em numero mais diminuto que no dia anterior, vindo com o fidalgo Cambungo Popiene, proposto soba pela politica gentilica. O sr. governador entregou-lhe a bandeira portugueza, e disse-lhe algumas palavras incitando-o á fidelidade.

Fez-se um auto da posse, e houve beberête solemnisando aquelle dia festivo para os pretos.

A ceremonia da nossa parte nada teve da imponencia festiva, que estava preparada para o Kallipallula.

Ao soba foi imposta a multa annual de 300 cabeças de gado, como indemnisação das despezas de guerra e de imposto, e a obrigação de entregar todo o armamento e mais petrechos colhidos depois da matança de 1904.

Todas as condições foram acceitas, promettendo o soba satisfazel-as logo que se reunisse toda a gente fugida das libatas, e que mandaria no dia seguite dois escoteiros indicar onde se encontravam as peças apanhadas em 1904.

Cambungo Popiene é ainda parente de Kallipallula e dispunha de boa influencia partidaria. O nosso guia foi o proprio a indical-o para o substituir.

Antes da acclamação, retiraram do bivaque a 1.ª companhia Europêa, a de landins de Moçambique, o encarregado dos serviços administrativos e todos os auxiliares.

As companhias foram para o forte D. Luiz de Bragança; os serviços administrativos tratariam no Cunene da organisação dos comboios de viveres para a occupação, os auxiliares razziaram o Cuamata Pequeno até á Donguena, a fim de se

sujeitar á obediencia a gente que se conservasse fóra das libatas.

O regresso da columna seria no dia seguinte, visto a região estar avassallada, ficando entregue aos cuidados do sr. alferes Durão e do soba eleito.

Iamos em fim regressar brevemente á nossa querida Patria, ao cabo de tantos sacrificios, mas com a satisfação de ter cumprido bem os nossos deveres de patriota e de soldado.

Como prova de leal camaradagem e tributo de gratidão, reuniram-se os meus officiaes, e os da companhia de marinha, unidade que sempre combateu ao lado d'infanteria 12, e n'um jantar intimo, feito com as iguarias que podiam arranjar-se com os escassos viveres que havia. Para melhorar o *menu*, fizeram uma caldeirada de peixe *vagre*, pescado na cacimba pelo soldodo 177, um auxiliar indigena amador da pesca. Eu n'este dia, como sempre, fiz de creado grave.

Trocaram-se brindes ás prosperidades do exercito de terra e mar e das duas companhias expedicionarias, de quem os convivas eram leaes representantes. O champagne e os vinhos finos, foram substituidos pelo vinho distribuido a todos á ração. Os srs, officiaes chamavam aquillo «beber debaixo de fórma».

O regresso

Em 11 de outubro, pelas 5 horas da manhã, estavam as tropas promptas para o regresso. Os carros do minguado comboio sahem do cercado; fazem-se as ultimas despedidas dos que ficam e dos que partem, e principia-se a marcha, meia hora depois. Formavamos ainda em quadrado, e quando chegámos á chana grande da fronteira dos dois povos, vinhamos completamente alquebrados. Tinha-se feito o ultimo esforço. Comeu-se um boccado de carne, cosida no dia antecedente. Nada mais havia.

Depois de curta demora, continuou-se a marcha, e ás 9 1/4 chegámos ao forte D. Luiz de Bragança, occupando-se a mesma posição em que tinhamos estado antes da gloriosa marcha de 4.

Apesar de terem retirado os doentes e feridos, os medicos tinham serviço todos os dias.

O impaludismo e os incommodos intestinaes atacavam-nos.

Precisava-se acabar a construcção do forte, mas tudo estava tão doente! Foram nomeados diariamente contingentes, como no Analueque, para auxiliar os sapadores. Para isso faziam-se todos os esforços, mesmo os incompativeis com as nossas forças.

Em 14, estava o forte em condições de defeza.

A ordem da columna dava por terminada a nossa missão em toda a região, e mandava retirar as tropas.

Volta para o Cunene

No forte ficaram de guarnição o 2.º esquadrão de dragões, uma secção de artilheria com trez bocas de fogo, a 1.ª companhia Européa e a 10.ª de landins de Moçambique. Commandava estas unidades o capitão sr. Domingos Patacho, com as attribuições de commandante militar das forças do Cuamato.

Em 15, ás 5 horas e meia, encetou a columna a marcha para o forte Roçadas. Foi com saudade que deixámos os nossos camaradas da guarnição do extincto sobado. Tinham como nós contribuido para o bom exito das operações, mas as necessidades do serviço obrigava-os a mais esforços. Muitos seriam victimas, pois que todos os dias o impaludismo alli causa baixas.

Apenas deixámos o Mogôgo, grossas bategas de agua, por espaço de duas horas nos encharcaram até aos ossos, porém marchou-se mesmo a chover. Quem tinha feito frente ás balas do inimigo, melhor agora podia fazer frente á chuva!

A's 10 horas da manhã bivacavamos na Inhoca. Não se formou entrincheiramento. Os cua-

matos, emquanto se lembrassem da lição recebida, nunca mais nos fariam guerra.

Em 16, de manhã, proseguimos a marcha, indo bivacar ao Damequero. A guarnição d'este forte foi substituida pela 14.ª companhia indigena, do commando do sr. capitão Sousa Dias. A linha telegraphica funccionava até alli, estando a construir-se até ao Haloendo.

No dia seguinte, continuámos a marcha e chegámos ás 9 ½ horas ao Aucongo, onde bivacámos. Encontravam-se alli dois missionarios das missões da Huilla e o parocho do Lubango, o reverendo padre Martins, com o fim de rezarem uma missa no local onde os nossos camaradas foram mortos em 1904.

No dia 18, ás 5 ½ da manhã, seguiram para o forte Roçadas todos os doentes, em numero avultado, deixando a columna mais desembaraçada. A' mesma hora partimos do Aucongo, em columna dupla, para irmos assistir á missa. Seguimos para sudoeste do posto, e depois de uma hora de caminho, atravez do arvoredo, e chegou-se a uma espaçosa chana rodeada pelos restos de libatas queimadas, e por algumas arvores e morros de salalé. Estava-se na chana da matança.

A missa campal no Mufillo

A missa campal

A columna faz alto e fórma em quadrado. Os sapadores derrubam um morro de salalé, para se formar com elle um estrado, e emquanto se procedia a este serviço, o sr. chefe de estado maior percorreu a galope os arredores, fazendo um reconhecimento ao terreno. Disse ao regressar aos nossos officiaes, que n'uma extensão talvez de quatro kilometros, além de muitas libatas queimadas, havia uma estrada de ossos e caveiras! A hecatombe fôra tamanha que os cuamatos, com o horror, nunca mais tinham passado por alli!

Os missionarios tiraram d'uns estojos os paramentos religiosos e em cima do estrado de salalé formaram o altar, principiando a ceremonia religiosa ás 8 horas da manhã, que foi ouvida com um commovente respeito. A guarda de honra ao improvisado altar compunha-se de praças que tinham feito parte da columna de 1904. Ao levantar a Deus, as cornetas tocaram a marcha de continencia, ajoelhando as forças. Terminado aquelle acto, a companhia de Guerra deu tres descargas. O reverendo padre Martins fez uma prédica, referindo-se ao desastre passado e á desaffronta victoriosa recentemente alcançada pelas nossas tropas.

A commoção foi tão grande, que muitos choraram.

O recinto onde se realisou a ceremonia religiosa, foi vedado com uma rede de fio de ferro.

Para o forte Roçadas

Quando se chegou ao Aucongo, seriam 11 horas. A guarnição d'este posto foi substituida pela 16.ª companhia indigena, do commando do sr. capitão Ramos da Silva.

Em 19, ás 5 ½ da manhã, começou a columna de novo a sua marcha, e quando chegou ao Mufillo, o memoravel *campo do silencio*, eram 7 horas. Fez-se alto, com a formação em quadrado, ao centro do bivaque onde haviamos recebido o baptismo do fogo dos cuamatos. Os sapadores formaram um estrado com um monticulo de terra ao cimo, e cobriram-no de ramos verdes. Aqui não foi preciso derrubar nenhum morro de salalé, dos baluartes de defeza dos cuamatos. Para formar o estrado serviu a propria terra onde dormiam o somno eterno os nossos pobres camaradas, que haviam derramado a ultima gotta do seu sangue pela Patria.

Os piedosos missionarios rezaram outra missa n'aquelle campo de batalha.

Para este e para o logar do morticinio de 1904

pediu o sr. governador, ao governo central, a construcção de monumentos.

Continuada a marcha, chegámos ao forte Roçadas ás dez horas e meia. Acampámos na conhecida *Praia do Mosquito*, á sombra do arvoredo. Foi a primeira vez que o quartel general, desde 26 de agosto, mandou armar tendas. Do forte Roçadas vieram as nossas mochilas e as mantas, e assim se repousou um pouco melhor das fadigas da ardua campanha. Mas as febres palustres e os incommodos intestinaes continuam a incommodar-nos. Na ambulancia do forte todos os dias fallecia alguem. No dia seguinte ao da nossa chegada, morreu um dos melhores cabos da minha companhia, que na campanha se portara sempre como verdadeiro heroe. Chamava-se Antonio Gomes da Cruz e era natural de Barcellos. No funeral d'este pobre moço, todos choravam.

Da região cuamata todos os dias vinham boas noticias. As peças de artilheria perdidas em 1904 já haviam chegado ao forte Roçadas, oito dias antes de nós. Foram praças do 1.º esquadrão que as encontraram dentro d'umas palhotas, entre o Aucongo e o Damequero, por indicação dos escoteiros do soba Cambongue. Os auxiliares eram dirigidos pelo sr. tenente Teixeira Pinto, um bravo que, apesar de côxo d'um pé, percorria sempre as

faces do quadrado á procura de negros, para lhes fazer a vindima. Na sua razzia até Donguena apprehendeu centenares de cabeças de gado, e aprisionou onze dos insubmissos negros, e muitas mulheres e crianças.

Os onze foram reprehendidos fortemente, e aconselhados á fidelidade para com o governo, e todos foram mandados em paz para as suas terras.

A retirada e o embarque para Portugal

Depois de varias consultas com o governo central, foi resolvido abastecer os postos do Cuamato com seis mezes de viveres e dar por terminadas as operações, em vista da época e de estarem fatigadas as tropas e o gado dos carros.

No dia 23, ás 11 da manhã, encetámos a marcha de regresso, seguindo o mesmo caminho da marcha de concentração no Cunene e sendo as marchas mais forçadas por causa das chuvas.

Todos os doentes e mutilados, que o puderam fazer, acompanharam a columna; falleceram pelo caminho ainda alguns, dos ferimentos recebidos e das febres.

A nossa passagem em todas as regiões despertava attenção; a pretalhada contemplava-nos com

admiração, por termos conquistado em menos de dois mezes o chamado povo invencivel!

Na Chibia, Huilla, Lubango e Humpata, fomos delirantemente recebidos e acclamados pelas populações. A' entrada n'estes concelhos havia paineis em arco com as dedicatorias: «Salvé brilhantes guerreiros!» e «E direis qual é mais excellente, se ser do mundo rei se de tal gente!»

Quando chegámos ao kilometro 73 encontrámos tres comboios de antemão preparados, enfeitados com bandeiras e verdura, para nos conduzirem a Mossamedes. A estação d'esta localidade estava apinhada de povo.

Fizemos de noite a nossa entrada triumphal na cidade, organisando-se uma marcha *aux flambeaux*, atravéz das ruas engalanadas com arcos e bandeiras.

Foi no dia 23 de novembro o embarque para Portugal, a bordo do paquete *Africa*, da Empreza Nacional de Navegação.

A população da cidade enchia a ponte-caes e o navio, para assistir á partida. Foi uma sentida despedida.

A's 8 da noite o navio levantou ferro, e seguiu a sua derrota. Em todos os portos da escala houve manifestações de regosijo pelas victorias alcançadas.

Os dias a bordo contavam-se, tal era a ancie-

dade que sentiamos por abraçar as nossas familias, que com tanto cuidado e afflicção nos aguardavam.

No dia 10 de dezembro chegámos ao Funchal. Dois vapores, fretados por uma commissão de estudantes do lyceu e empregados do commercio rodearam o navio. Fomos acclamados vivamente ao som do hymno nacional, executado por uma philarmonica.

Apezar da demora ser só de seis horas, fomos a terra. O caes e as ruas da cidade estavam embandeiradas, e abriu alas á nossa passagem a grande multidão que nos aguardava.

No quartel de infanteria 27 houve um *lunch* a todos os expedicionarios, tocando a banda na parada.

Fomos alli informados de que em Lisboa nos esperavam muitas manifestações de apreço e de patriotismo.

O navio levantou ferro ás 10 horas da noite.

Chegada á capital

No dia 12, logo de manhã, tudo veiu para o tombadilho na anciedade de ver terra. Durante a noite ninguem havia pregado olho, com o enthusiasmo da chegada. Almoçámos a bordo ás 9 $^1/_2$ e pouco depois alguem disse estar terra á vista.

Era o cabo Espichel.

Finalmente, á 1 hora da tarde entrámos a barra e em frente do Lazareto entrou a visita da alfandega. Depois o navio seguiu Tejo acima, rodeado de muitos barcos embandeirados, conduzindo aggremiações que nos saudavam com acclamações.

Em frente á torre de Belem, os navios de guerra embandeiraram em arco e salvaram com 21 tiros.

O espectaculo foi imponente: nas duas margens acenavam-nos com lenços, e no ar estalavam girandolas de foguetes.

Lisboa estava em festa.

Imponente recepção!

A's 3 horas da tarde o *Africa* chegava em frente ao Arsenal de Marinha, onde se apinhava o elemento official e pessoas da alta aristocracia.

O *Africa* amarrou a uma boia.

Desembarque em Lisboa

Para bordo dirigiram-se no vapor *Thetis* os srs. conselheiros Ayres de Ornellas e Vasconcellos Porto, ministros da marinha e da guerra, que assim viam coroados de bom exito todo o trabalho em que se haviam empenhado, e levaram comsigo para terra o nosso valoroso commandante Alves Roçadas.

Pouco depois, effectuava-se o nosso desembarque para os vapores *Alcochete* e *Operario*. Os navios de guerra salvaram novamente. A's 3 ½ estavamos no Arsenal de Marinha.

Sua Magestade arrancou da sua farda o collar de Grande Official da Torre Espada e collocou-o no peito do bravo commandante Roçadas.

A manifestação, que todos os presentes então lhe fizeram, foi grandiosissima.

Sua Magestade passou revista ás duas companhias e aos artilheiros expedicionarios, e ás 5 horas sahiamos do arsenal, não podendo a policia conter a multidão que nos victoriava.

Só a muito custo se conseguiu abrir caminho e toda a gente procurava por pessoas de familia, por amigos, ou por simples conhecidos. Fômos depois formar em linha, dando a direita á rua Augusta.

Em seguida desfilou uma companhia de cada corpo da guarnição, e ás 6 horas encetou-se a marcha pelas ruas Augusta, Rocio, Carmo e Chiado, até ao Caes do Sodré, onde estava um comboio preparado, que nos conduziu a Alcantara, onde se apeou a marinha, e á Junqueira, onde as restantes praças ficaram no quartel do Deposito de Praças do Ultramar.

A' passagem nas ruas, os repatriados eram victoriados com estrondosas manifestações de

sympathia, estando as janellas dos predios cheias de senhoras e cavalheiros.

A capital do nosso Portugal, testemunha das ovações e dos grandes feitos aos conquistadores do passado, tambem o foi da passagem nas suas ruas de um punhado de valentes, que mais uma vez fizeram ver ao mundo quanto vale o povo portuguez, pequeno em grandeza, mas muito grande pela sua alma!

FIM

INDICE

Errata

Na 2.ª linha da pag. 21, leia-se 1906 em vez de 1907.

INDICE DAS GRAVURAS